



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MANOEL VAZ DA SILVA NETO

O ARMÁRIO DA EPISTEMOLOGIA

Das imagens ao imaginário: o homossexual como metáfora da doença e o gay como metáfora da cura

João Pessoa - PB
2010

NETO, Manoel Vaz da Silva.

O ARMÁRIO DA EPISTEMOLOGIA

Das imagens ao imaginário: o homossexual como metáfora da doença e o gay como metáfora da cura

Dissertação destinada como pré-requisito para a obtenção do grau de mestre, pela Universidade Federal da Paraíba, Pós-graduação de Sociologia, sob a orientação do Prof. Drº. Adriano Azevedo de Léon.

João Pessoa – PB
2010

DEDICATÓRIA

À minha cadelinha Lulu

AGRADECIMENTOS

À *mi madre* D. Laudicéia, a João, *sangre de mi alma* (pelos deliciosos cafezinhos e pelos debates engraçados) e, claro, ao meu orientador Dr. Adriano de Leon, a vocês, meus mais sinceros reconhecimentos de companheirismo e meu: *muito grato*.

EPÍGRAFE

*Já não fazemos descender o homem do “espírito”, da “divindade”, voltamos a colocá-lo entre os animais. Para nós, o homem é o animal mais forte, porque é o mais ardiloso: toda a sua espiritualidade é vaidade que, a tal respeito, muito gostaria de se fazer de novo ouvir: considerar o homem como tendo sido o grande desígnio prévio da evolução animal. A verdade é que ele não é de modo algum a coroa da criação; **cada ser encontra-se a par dele no mesmo grau de perfeição...** Afirmá-lo é, ainda assim, vã pretensão, pois o homem é de todos os animais o mais falhado, o mais mórbido, **o mais perigosamente desviado dos seus instintos – ainda que, com tudo isto, seja também o animal mais interessante!** -*

F. Nietzsche in: O anticristo.

*Ora, a própria vida é para mim o instinto de **poder**; onde falta a vontade de poder, há degenerescência. E eu afirmo que esta vontade **falta** em todos os valores supremos da humanidade – e que, sob os mais sagrados nomes, reinam os valores da decadência, os valores **nihilistas**.*

F. Nietzsche in: O anticristo.

*Em todos os lugares os instintos haviam se declarado em anarquia, estava-se a dois passos do excesso em toda parte; o **monstrum in animo** constituía o perigo universal. “Os instintos querem se erigir tiranos; cumpre inventar um contra tirano que o vença”.*

F. Nietzsche in: Crepúsculo dos Ídolos.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo compreender os significados da epistemologia do armário gay. Entenda-se, portanto, por epistemologia do armário gay o modo pelo qual os estudos gay-acadêmicos dão conta de sua invenção, teorização, conceituação e verdade sobre aquilo que descreve. Assim, esta dissertação procurou inicialmente compreender o sentido epistemológico de armário não como o medo ou receio de que alguns homossexuais sentem diante dele em revelar “a verdade” de seu sexo, de seus desejos, mas aplicar este medo, receio, vergonha numa dinâmica político-social em que esta “verdade” é interpretada de modo negativa, mas que ainda assim – para sua salvação – é preciso afirmá-la, orgulhar-se dela, politizá-la. Enfim, o ponto crucial, então, foi justamente o de historicizar a prática homossexual associada a um *corpus* científico inventor da monstrosidade interpretada como “a verdade” deste sexo. “Verdade” esta que se reflete no tempo presente, portanto, configurando a epistemologia do armário. Minha análise, pelo menos naquilo que constitui ser o aspecto forte dela, faz uma crítica pesada a esta epistemologia. Ofereço dois aspectos que me levaram a fazer uma forte crítica deste ‘modelo’ epistemológico: a) o armário como metáfora da opressão gay; b) o armário enquanto categoria homossexual de controle da assunção e enquanto assunção de uma verdade que é. Portanto, sem nenhum receio acadêmico e epistemológico, toda a trajetória, todo o percurso desta dissertação pode ser resumido como a negação da homossexualidade enquanto uma verdade lançada, isto é, enquanto epistemologia da salvação gay pela assunção, pelo *come out*, pela verdade (gay) encerrada, lançada aí.

Palavras-chave: epistemologia, armário, gay.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo comprender el significado de la epistemología del armario gay. Se entiende, por tanto, para una epistemología del armario gay estudios académicos que intentan dar cuenta de su invención, la teoría, conceptos y la verdad sobre lo que él describe. Así, esta tesis trató de comprender el sentido epistemológico del armario gay, no como el miedo o la preocupación de que algunos homosexuales se sienten delante de él para revelar "la verdad" de su sexo, sus deseos, pero la aplicación de este temor, el miedo, la vergüenza, una dinámica política y el entorno social en que esta "verdad" se interpreta como algo negativo, pero aún así - por su salvación - que dice que debe estar orgulloso de él, politizado. Por último, el punto crucial, entonces, era precisamente de historiar las prácticas homosexuales asociados con un corpus de la monstruosidad inventor científico interpretado como "verdad" del sexo. "Verdad" se refleja en el tiempo presente, estableciendo así la epistemología del armario gay. Mi análisis, al menos en lo que va a ser el principal aspecto de ella, es una crítica fuerte de esta epistemología. Ofrezco dos cosas que me llevó a hacer una fuerte crítica de este "modelo" epistemológico: a) el armario gay como metáfora de la opresión; b) El armario gay, finalmente, como un mecanismo de poder que controla el supuesto gay afirmando una verdad que es. Así que sin vergüenza académica, la trayectoria del conjunto, todo el curso de este trabajo se puede resumir como la negación de la homosexualidad como una verdad eterna, es decir, la epistemología de la salvación como homosexuales, diciendo: Yo soy gay, *come out*, la verdad (gay) cerró en marcha allí.

Palabras clave: epistemología, armario, gay.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - 11 -

CAPÍTULO I FATOS, ARGUMENTOS E OUTRAS HISTÓRIAS

1. A INVENÇÃO DO HOMOSSEXUAL - 18 -

1.1. A FEMINIZAÇÃO DA ESPÉCIE: A VONTADE DE SABER – 21 –

1.2. A MONSTRIFICAÇÃO HOMOSSEXUAL – 33 - *O feminino monstruoso*

1.2.1 DOS DELITOS E DAS PENAS – 37 - *De como se deve tratar um monstro*

1.3. A CIÊNCIA, ESTA “DESPRETENDIDA”! – 49 - *Em nome de Deus, glórias ao Pai: a ciência tem a cura*

CAPÍTULO II OUTRAS HISTÓRIAS NO *FRONT*

2. A REINVENÇÃO DO HOMOSSEXUAL – 64 -

2.1. A MASCULINIZAÇÃO DA ESPÉCIE – 68 -

2.2. NEM DEUS, NEM O DIABO: O HOMOSSEXUAL REIFICADO – 81 -

2.2.1. A MORTE DA BICHA-LOUCA E A CONCEIÇÃO DO GUEI DE ESTADO – 84 -

2.3.1. A ASSUNÇÃO FORÇADA – 95 -

2.3.2. “IDENTIFICAÇÕES DESGOVERNADAS: TU ÉS SGAY QUE EU SEI” – 100 - *Do estereótipo ao Caleidoscópio*

CAPÍTULO III NOVAS IDÉIAS SOBRE QUEM SOMOS!

3. NO ARMÁRIO NINGUÉM “FAZ” **BUSINESS** – 108 - *O negócio do armário*

3.1. O ARMÁRIO DESALMADO – 123 - *A compulsoriedade gay*

3.2. O ARMÁRIO DESARMADO, MAS MILITARIZADO – 139 -
É legal ser homossexual

CAPITULO IV
GRAÇAS A DEUS O DIABO NOS “ERROU”

4. ENFIM, A CURA E NOVAS POLÍTICAS! – 147 -
A saudável homossexualidade

4.1 SEM MARGENS... NEM MARGINALIDADES: NENHUMA “BEIRA”, TUDO É
CENTRO – 158 -
A homossexualidade, esta feliz companheira

CONSIDERAÇÕES FINAIS – 168 -

REFERÊNCIAS – 174 -

INTRODUÇÃO

O termo *armário gay* tem dois sentidos. Numa primeira acepção o armário gay é entendido como metáfora da opressão gay. Deste modo, o armário gay é o *lócus* onde o gay habita, esconde-se, por medo ou receio de sua sexualidade ser descoberta, lança-o, assim, para um terrível sofrimento segundo uma epistemologia do armário gay específica. Numa segunda acepção, o armário gay é entendido como o *lócus* capaz de revelar a verdade sexual do seu habitante. Assim, o armário gay é tanto o lugar da mentira (esconde o que se é verdadeiramente) quanto da verdade (sexual) de seus *armariados*.

O problema, portanto, que o armário gay nos instigou a levantar diz respeito a como foi possível – e através de quais mecanismos e dispositivos de poder – colocar o sexo, a sexualidade em termos de uma mentira ou de uma verdade sexual? Isto é, como foi possível através destes mecanismos e dispositivos de poder colocar o sexo em discurso dotando-o de uma realidade binária entre mentira e verdade a respeito do que se é? Por que, então, para uma epistemologia do armário gay somos ‘obrigados’ a nos encaminhar para a verdade do sexo (gay)?

A este respeito Michel Foucault nos diz que

[...] o essencial é a manipulação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado (Foucault, 2007: 24).

Portanto, para a realidade de uma epistemologia do armário gay há um dispositivo de poder que assegura e legitima a verdade confessional – no caso de sua assunção - daquele a quem desejamos conhecer. Assim, o armário gay aparece não mais sob a pretensão de ser apenas aquele *lôcus* metafórico e específico onde o sujeito é oprimido, mas também o lugar próprio, legítimo da opressão, isto é, onde a opressão é re-produzida e mantida em nome de uma assunção, de uma confissão a respeito do ser; portanto, o armário gay parece que realiza um trabalho que perpetua esta opressão através de uma assunção que uma vez enunciada não poderá ser outra coisa que não ela própria: uma verdade, uma identidade iluminada. A incitação à resposta da pergunta “o que você é (sexualmente)?” é o mecanismo pelo qual a opressão aparece, explicitamente. O armário gay é, assim, o elemento pelo qual somos convidados a indagar por que o sexo entrou em discurso e por que ele constitui uma verdade. Fazendo, portanto, o caminho da volta e nos indagando sobre suas possibilidades de constituição foi possível visualizar a verdade do discurso enquanto uma reverberação que nasce diante de nossos olhos.

Assim, para que conseguíssemos realizar bem ao que nos propúnhamos como tema desta dissertação de mestrado – realizar uma crítica à epistemologia do armário gay – era preciso que começássemos por uma arqueologia da homossexualidade e *a posteriori* elaborar o percurso de sua genealogia. Assim, a investigação cai, primeiramente, nas constituições de verdade que colocam a homossexualidade como uma verdade sexual.

DAS CONSTITUIÇÕES DISCURSIVAS DE VERDADE DA HOMOSSEXUALIDADE: O FEMININO

Segundo Foucault (2007) foi na segunda metade do século XIX que o homossexual enterrou o sodomita e ocupou seu lugar na cena sexual. Para Foucault, portanto,

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; **também é morfologia, com anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa.** Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ele é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre (Foucault, 2007: 50). O grifo em negrito é meu.

Portanto, a verdade sexual do homossexual, como se pode perceber, começa pela própria constituição morfológica. Além da constituição morfológica esta verdade sexual também se inscrevia na mente o que oportunizou pouco mais tarde a travessia da verdade do corpo para a verdade do espírito, ou seja, o homossexual deixava de ser identificado apenas como aquele portador de uma doença degenerativo-constitucional – como resultado de algumas psicopatias endócrinas - para ser inserido como aquele que é também portador de uma *malattia* (psíquica) pela qual fora apelidada, dentre outras tipologias, de *inversão*.

O próprio caráter da inversão sexual fora procurado também nas formas clínicas que a homossexualidade ia assumindo em alguns contextos. A inversão, assim, quando não tinha respaldo endocrinológico (médico) assumia apenas a sua forma psíquica (psiquiátrica). Portanto, esta inversão psíquica - passível de tratamento – era observada e descrita nos compêndios de psiquiatria, sexologia, antropologia criminal, etc. Leia-se, deste modo, portanto, que por inversão psíquica homossexual deve-se entender o modo pelo qual o naturalmente homem (constitucionalidade) se traveste, às vezes, com muita pompa e luxúria de um falso feminino: feminino este que eu chamo de monstruoso pelas razões que

eu as apresento ao longo da dissertação. É esse falso feminino incorporado às insígnias naturais do homem – segundo as idéias da época - que será o motivo pelo qual a verdade do sexo, quanto de sua mentira, alimentará o imaginário homossexual, neste caso, gay especificamente, para o qual o armário gay – como diz Sedgwick – ainda é “presença formadora”.

Aqui, pois, é onde se encontra, acredito eu, o núcleo do problema de nossa dissertação. Por quê? Por duas razões: a) ao contrário do sodomita que era tratado ao nível de reincidências – portanto, sem constituir verdade (s) ao seu respeito- a respeito de seu ser -, o homossexual passa a ser uma espécie; b) sendo, pois, espécie passa a existir uma verdade a seu respeito. Enfim, a constituição de verdade do homossexual é a) um doente psíquico-degenerativo; b) sua doença degenerativa é o tipo feminino incorporado, isto é, a sua natureza se inverte em fraqueza, portanto, contrária ao poder (naturalmente masculino); c) sendo, pois, doente psíquico-degenerativo de tipo feminino era preciso se esconder. Inicia-se aqui, deste modo, o que mais tarde se passaria a chamar de o armário gay. Portanto, todo o esforço da ciência será em prol da cura do que ela própria denominava desde as últimas décadas do séc. XIX até a segunda metade do séc.XX de homossexualismo. É contra a inversão sexual o motivo que instigará a ciência na busca da etiologização do homossexualismo e na busca provável de sua re-versão (cura).

CONTESTAÇÕES ÀS VERDADES DA HOMOSSEXUALIDADE COMO CARÁTER DE INVERSÃO: O MACHO ENTERRA O HOMOSSEXUAL

Já no final dos anos 1970 a homossexualidade começa a perder aquele caráter de doença sendo, pois, publicizada como uma sexualidade natural e normal. A este respeito o

jornalista que ficou famoso escrevendo a Coluna do Meio (coluna que tratava de temas gays) para o jornal a Última Hora de São Paulo diz que

Eu acho que está havendo não um aumento do homossexualismo, mas um aumento do número de pessoas que já declaram (sic), publicamente, que são homossexuais [...] Não defendo um movimento gay no Brasil. **As pessoas precisam primeiro tomar consciência de que sua condição não é doença**, para poderem saber, mais tarde, o que reivindicar... (Cury, 1977 apud. Green e Polito, 2006: 168). O grifo em negrito é meu.

O caráter novo, portanto, que reveste o ainda homossexualismo dos anos 1970, não é o fato das novas idéias o abonarem em relação a uma natureza doentia como antes era considerado, mas o fato de que a partir de agora era preciso de uma vez por todas expulsar o feminino (monstruoso) da tessitura que constitui a verdade do homossexual masculino. Assim, o homossexual masculino não pode ser uma bicha, mas um macho como qualquer outro, portanto, o regresso do filho pródigo à casa do Pai. E o próprio Celso Cury faz esta alusão às bonecas (nomeação significativa pela qual se designa homossexuais masculinos emasculados), as bichas, as bichonas de que elas jamais serão mulheres, vale salientar a própria fala do Celso, “de verdade”.

A pergunta nova, ou antes, o novo problema que nos aparece é explicar o seguinte: como que numa realidade em que a homossexualidade começa a perder o seu caráter de doença e mesmo depois das instituições científicas já terem abolido de vez o caráter de doença do homossexualismo passando, assim, a nomeá-lo por homossexualidade, explica-se a realidade do armário gay que segundo Even K. Sedgwick ainda é elemento formador no mundo da homossexualidade?

A nova realidade onde a incipiente homossexualidade é lançada é o *locus* da *disciplina*. Não mais a flexibilidade cantoneira do corpo, mas a rigidez da postura militar; não mais o gosto pelo lânguido, mas pelo viril. Haverá, pois, uma ortopedia forte o suficiente para começar a disciplinar os corpos e as mentes e os tornarem dóceis. Disto resultará numa eterna vigilância, na vigilância de si e do outro. O homossexual que enterrou o sodomita será enterrado pelo macho. Eliminar, pois, o mais que possível o feminino é alimentar o desejo e o sentimento de não ser doente e ao mesmo tempo de pertencer ao grupo dos homens, poderosos por natureza.

CRÍTICA A UMA EPISTEMOLOGIA DO ARMÁRIO GAY E A “CURA” DA HOMOSSEXUALIDADE

O segundo problema levantado anteriormente: como o armário gay ainda é considerado elemento formador em um contexto em que a homossexualidade não é mais considerada doença? Como isto é possível? Ao que parece, portanto, é que se o armário gay existe como realidade formadora no mundo da homossexualidade é que as verdades que constituem a homossexualidade não foram ainda muito aceitas ou que é mais preferível manter o silêncio e fazer duma verdade escondida uma mentira liberta. Quer dizer, o armário gay é o mecanismo que articula discursos num *locus* de saber-poder em disputa.

Portanto, a idéia segundo a qual o armário gay é caracterizado como metáfora que representa a opressão de que os homossexuais, especificamente os gays, são vítimas faz parte de uma generalização um pouco vazia. Tomando, pois, o armário só por este caráter

perdemos de vista a relação de força, a disputa de saber-poder que tenciona quem está dentro do armário a sair e quem estar fora a entrar.

Assim, longe de o armário gay ser apenas o *locus* em que os gays são oprimidos por suas verdades sexuais – constituição natural desta verdade - ele também constitui a própria verdade sexual e transforma essa verdade no meio (injunção) pelo qual os gays devem assumi-la, isto é, a opressão de que nos fala Sedgwick está muito mais ao nível de uma injunção, de uma localização e produção desta verdade em um *locus* determinado, do que numa natureza pela qual o gay assume naturalmente a sua constituição. Penso que é por este motivo que Guy Hocquenghem nos diz que “o homossexualismo (sic) é aquilo sobre o qual ninguém deixa de se interrogar, mesmo depois que você acredita ter respondido de uma vez por todas” (Hocquenghem, 1985: 11).

Portanto, é a assunção como o caráter da verdade sexual o que garante aos novos gays ou como alguns outros preferem nomear pós-gays, a salubridade da espécie, a cura desejada. Já não há mais nada com o que se preocupar senão agora com a luta pela igualdade dos mesmos direitos civis. O novo gay, pois, parece, é para todos os efeitos um homem igual ao heterossexual (macho de verdade) diferenciando-se deste apenas pelo critério do desejo sexual. Portanto, ver-se-á ao longo desta dissertação a confecção da doença (feminino monstruoso) até o novo estágio, isto é, sua cura (o macho de verdade). Enfim, esta dissertação é fruto dessas interrogações que parecem não parar de acontecer de que nos fala Hocquenghem (1985) sobre a homossexualidade.

CAPITULO I FATOS, ARGUMENTOS E OUTRAS HISTÓRIAS

1. A INVENÇÃO DO HOMOSSEXUAL

A feminização da espécie

Uranistas, sodomitas, Ganímedes, invertidos, pervertidos, incorrigíveis, afeminados, pederastas, homens-mulheres, Joaninhas do Rossio, frescos, viados, frutinhas, fivelinhas, bogas, pélas, etc., estes e uns cem números de termos mais designam cada um a seu modo – histórico-geográfico/tempo-espacialmente – o que foi da segunda metade do séc. XIX à primeira metade do séc. XX especificado, consagrado, universalizado, tornado público, esquadrinhado, jogado ao vento, *cientificizado* como *homossexualismo*; depois decantado, burilado, atualizado pela eficiente ciência do século seguinte – a partir da segunda metade do séc. XX - em termos novos como *homoerotismo, homofilia, homoafetividade*.

Dos *índios gays* às *bichas-loucas* os homossexuais tecem uma teia de imagens riquíssima, complexa, mas que o *dibujo* científico empobrece, perverte e simplifica. Talvez, isto se explique pela redução conceitual quanto pelo moralismo reinante – dos quais a ciência é vítima – e dos quais não consegue livrar-se, facilmente. Mas, muito mais do que isto, as análises centradas ajudaram a empobrecer o que, inicialmente, poder-se-ia ler como uma multiplicidade de correlações ‘dispersas’, um paraíso (onde tudo poderia ser margem), uma espécie de limbo (nietzscheano) feliz, mas que o historiador *a contrario sensu* põe os olhos e o diz *devasso*.

Mas, como diz o filósofo-historiador

[...] o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o

desarma; e que, se lhe ocorre ter um algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém (2008: 7).

Não é novidade o significado deste “só *de nós*”. Os “nós” que sagram as leis ordenam o mundo, de modo que, seu reflexo espelha-se na língua, a língua na imagem e a imagem no símbolo como que procurando no mito que inventa a realidade que deseja. Eis aí, com toda força, viço, brilho, fúria, portanto, o “objeto” que as *luzes* inventaram, o desejo que a lei ordena, equilibra, pune seus “desvios”, ortopediza seus erros, corrige seus “incorrigíveis”, baila com suas *performances* para enquadrar-lhes na obviedade do mundo que não só imaginara, mas que inventara pondo ordem ao caos criativo.

Assim, o que se poderia entender por *inventividade discursiva* ou *invenções que o discurso elabora* o filósofo-historiador diz que

[...] o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (Foucault, 2008: 10).

Assim, a pretensa isenção do discurso científico *erga alios* ao antípoda religioso, na leitura de Foucault (2008), cai por terra e os reduz, em S. Freud, como instituições que desejam dominar apoderando-se das imagens – dos homossexuais (que simbolizam) - ricas que empobrecem, da complexidade que simplificam, enfim, do que segundo suas leis que ordenam, discursivamente, o mundo e destroem o caos criativo inventando/pervertendo, colonizando e impondo uma realidade que como todas as outras também é falsa, mas que

estão segundo as leis ordinárias na ordem do dia, embora que, simplificando e patologizando os “fenômenos” das margens que se lhe opõe dando-lhes, assim, estatuto de verdade, ou pelo menos, uma vontade de verdade, diga-se de passagem, bem construída.

Deste modo é que nos salta aos olhos, aos ouvidos, a todos os sentidos, outra espécie de discurso das margens – encontrado nas imagens -, mas que sufocada pelo centro (discurso institucional), pelas instituições que dela se apoderaram, legislaram para que, enfim, dessem-lhe um contra-sentido ao seu próprio sentido, uma ordem naturalizada/naturalizante à sua própria ordem, pudesse, assim, fechar o ciclo de ordenações instituídas e tomadas como naturais enquadrando tudo fora do centro como pernicioso, perigoso, vicioso, doentio. Trata-se, portanto, aos nossos olhos hoje em dia, a esta outra espécie de discurso das margens – tomadas de sua intimidade, de seu interior – pelo que passo a chamar doravante de *contra-discurso de origem*. Portanto, o *contra-discurso de origem* funciona como um tipo de lente de aumento ou o modo pelo qual se procura olhar para as imagens sem a perspectiva simbólica (imediata) já definida, reduzida, determinada. Mais ainda, procurando desfazer-se da própria lente que aumenta, na procura contemplativa de eliminar, neste aspecto, o conteúdo moralista tão caro à ciência dos séc. XIX-XX.

Assim, as fontes históricas – dos séc. XIX-XX - são ricamente efusivas – em sua interpretação simbólica - no que tange a uma desvirilização e emasculação e/ou feminização do tipo inventivo masculino-feminóide (europeu) em relação aos *sodomitas*, *pederastas*, *invertidos*, *perversos*, *sexoestético*, *exibicionistas*, *zoófilos*, *narcisistas*, etc. e no caso brasileiro, *mariquinhas*, *homem-mulher*, *bichas-loucas*, *entendidos*, *viados*, *frescos*,

menino do Gouveia, invertidos, etc. Portanto, a travessia institucional do *sodomita* ao *homossexual* instituirá a espécie que fora do centro será objeto de ciência.

1.1 A FEMINIZAÇÃO DA ESPÉCIE: A VONTADE DE SABER

Nos estudos, geralmente, volumosos sobre a sexualidade e, especificamente, sobre a homossexualidade dos séc. XIX-XX sobressaem mais do que uma vontade de saber, *stricto sensu*, mas uma vontade de ordenar, depurar, higienizar, exorcizar seus estranhos o que, em tese, justificará os tratamentos com eletrochoques e convulsoterapia, transplantes de testículos, doses cavalares de testosterona e longos estudos antropométricos. Evidentemente, esta parafernália tecnológica, adequadamente, testadas nos homossexuais cuja boa intenção era descobrir a etiologia de sua perversão, de seu desvio, de sua anormalidade camuflava, se lido no itinerário (saber-poder) foucaultiano, a vontade de poder que se punha por baixo do saber – vontade de saber - que produzia. Daí de Foucault (2007) propor para

[...] analisar a formação de um certo tipo de saber sobre o sexo, não em termos de repressão ou de lei, mas em termo de poder. Esse termo “poder”, porém, corre o risco de induzir a vários mal-entendidos. Mal-entendidos a respeito de sua identidade, forma e unidade. Dizendo poder, não quero significar “o Poder”, como conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado. Também não entendo poder como modo de sujeição que, por oposição a violência, tenha a forma da regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro e cujos

efeitos, por derivações sucessivas, atravessam o corpo social inteiro [...] parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transformam, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (idem, 102-3).

Foucault (2007) parece não ser muito claro a respeito do que ele “entendia” por poder. Mas, ‘julgando’ suas influências filosóficas mais importantes (Nietzsche) desta descrição mais do que definição’ – tomando como sua idéia de que a política é a continuação da guerra – infere-se disto que o poder não é só uma coisa que só se põe como barreira, que interrompe um fluxo desejado, por exemplo, que nega, que invalida a vontade, mas ao contrário, é à semelhança de Nietzsche uma potência, que também produz. Toda esta concepção descritiva de poder em Foucault e de força em Nietzsche, ambos, cada uma com sua especificidade morfológica e semântica tenta dar conta da dinamicidade da vida. O primeiro (Foucault) tenta libertar, politicamente, o homem das fixações onde ele se acha por imposição de uma concepção de saber-poder centralista e instituidora da ordem do mundo; o segundo (Nietzsche) via na força (na vida pré-socrática) o alimento artístico que havia confeccionado a vida (a vontade de potência), a fruição, a verdadeira vida a que a

razão (Sócrates, Platão e mais tarde Paulo e o cristianismo) havia declarado guerra. Neste aspecto, portanto, a *multiplicidade de correlações* de que nos fala Foucault nos remete para a *multiplicidade de forças* de que nos fala Nietzsche. Penso, então, que Foucault aproximou o máximo que pôde desenraizando, descentralizando concepções de que o poder é um centro que, segundo a doutrina materialista, deve ser tomado. Assim, a leitura que pode ser feita das fontes – a respeito do homossexualismo dos séc. XIX-XX - via Foucault é muito mais propositiva do que definitiva, uma vez que, para Foucault o poder não é uma coisa que alguém ou uma classe tenha, possua; ao contrário, o poder é mais um exercício – em Nietzsche a superação de uma resistência - do que uma coisa e que, portanto, está presente nas relações sociais como um todo.

Por exemplo, a ordem do mundo sexual dos séc. XIX e primeira metade do séc. XX é bastante óbvia. O mundo é maniqueísta, está dividido substancialmente entre pobres e ricos, pretos e brancos, masculino e feminino, invertidos (homossexuais) e pessoas, sexualmente, “normais”. Assim, o que Foucault (2008) propõe com o seu “*A ordem do discurso*” é que

[...] por volta do século XVI e do século XVII (na Inglaterra sobretudo), apareceu uma vontade de saber que, antecipando-se a seus conteúdos atuais, desenhava planos de objetos possíveis, observáveis, mensuráveis, classificáveis; uma vontade de saber que impunha ao sujeito cognoscente (e de certa forma antes de qualquer experiência) certa posição, certo olhar e certa função (ver, em vez de ler, verificar, em vez de comentar); uma vontade de saber que prescrevia (e de um modo mais geral do que qualquer instrumento

determinado) o nível técnico do qual deveriam investir-se os conhecimentos para serem verificáveis e úteis (idem, 16-17).

Mas, parece que a ciência dos nossos dias não conseguiu muito bem ainda vencer estas determinações que os séculos apontados por Foucault (2008) foram os grandes pioneiros. Assim, foi desta perspectiva discursiva que os homens homossexuais no início da codificação e especificação de suas vivências foram *feminizados*, *emasculados*, violentados e alienados das suas vivências (masculinas periféricas) para dar lugar a uma estranha arte: a ciência. Desta forma é que o médico Francisco Ferraz de Macedo em sua obra “*Da prostituição em geral e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro, profilaxia da sífilis*” de 1872 descreve definindo – espécie de violência ontológica - o que é e como pode ser identificado o bagaxa – o homossexual, o **feminino monstruoso** -.

Se virmos um rapazito com andar sereno, grave, com os passos curtos acompanhados de movimentos do tronco e dos membros superiores; com as pernas um pouco abertas e o bico do pé muito voltado para fora; enfim, se virmos um rapaz arremedar no andar uma dama (cantoneira bem entendido); que tenha estudado ao seu espelho os movimentos semilascivos do corpo e que os ponha em prática quando passeia, com o fim de excitar e atrair as vistas e desejos dos transeuntes: podemos suspeitar que é um rapaz infame que passa [...] Assim, não é raro encontrarmos pelas ruas da cidade [...] trajando fina bota de verniz, calça do mais fino tecido unido ao corpo, feito assim expressamente para desenhar-lhe as formas, paletó justo, elegante e curto; fina camisa bordada, tento para ornato

olhos de mosca de brilhante e pendente lencinho de seda de cor (geralmente, vermelho ou azul); chapéu alto de castor branco, colado por cima da frisada e perfumada cabeleira; carvour de custoso pano forrado de seda, pendendo do braço; rica bengala, luneta, relógio e corrente de ouro, luvas de pelica e aromático charuto de Havana: eis o que completa o arreamento de um bagaxa dos mais encantadores, dos mais freqüentados no Rio de Janeiro (apud. Green e Polito, 2006: 28-29).

Portanto, há nesta descrição-definição todo um esforço inventivo, todo um engenho empírico-científico, *a quo* doravante, seria impossível escapar. Iniciava-se, assim, a ciência da constatação, da verificação, do escarninho, do esquadrinhamento; erigia-se um campo novo pautado pelo saber, o lugar da verdade. Começava-se a construir a partir do centro discursivo – as instituições - a invenção de um monstro – algo meio homem, meio mulher; meio divino, meio diabólico – e que a este conhecimento vinham-se juntar opiniões – nem tão científicas -, mas que servia para endossar e arrebanhar quadros. Assim, criava-se uma ciência empírica, *a vero domino*, do esculacho, das perseguições, das sanções e do abandono.

Jocélio Teles dos Santos estudando a homossexualidade na Bahia oitocentista através do jornal *O Alabama* nos remete para algumas imagens bastante interessantes. O jornal traz, assim, uma matéria – 13 de Julho de 1871 - em que lê que

Ha creaturas que entendem forçar os **preceitos da natureza**. No domingo, no fogo dos Aflictos, appareceu um homem vestido de mulher. Um gaiato, vendo aquella mulher e suppondo ser alguma menina feliz [grifo

do jornal], foi bachuleal-a e encontrou-se com o rigoroso infano [id.]. Descobriu porem o engano em que estava, e viu que a supposta mulher era um ex-voluntario do 54. Reuniram-se diversos rapazes e pozeram a roupa do affeminado [id.] em tiras, sendo a saia levada feito bandeira por um dos sujeitos, que o esbordoaram. Eis por fim apresentou-se a polícia, e por sua vez espancou também o povo. Que terra, meu Deus! (Santos, 1997). O grifo em negrito é meu.

Anos mais tarde, em “*Observações sobre os hábitos, costumes e condições de vida dos homossexuais (pederastas passivos) de São Paulo*” segundo Green e Polito (2006) publicado em 1938/40 assim Aldo Sinisgalli – então estudante do Instituto de Criminologia de São Paulo - se referia aos homossexuais ou “pederastas passivos” como melhor lhe convinha tratar:

Se bem que os pederastas exerçam as profissões as mais variadas, manifestam eles uma acentuada predileção pelas ocupações que acarretem menores esforços. Preferem as **ocupações domésticas, gostam de trabalhar como cozinheiros, doceiros, costureiros de senhoras** etc [...] **O ideal de muitos é levar uma vida idêntica à das mulheres casadas.** Arrumação da casa, cozinha, costuras, enquanto o “marido” vai trabalhar, provendo a subsistência de ambos (apud. Green e Polito, 2006: 46). Os grifos em negrito são meus.

O mesmo Sinisgalli (1938/40) relaciona o quarto de um “pederasta” com sua sexualidade feminina e nos diz que

[...] quem chega a ver um quarto de pederasta, dirá: “mas isto é um quarto de moça!...” Tivemos a ocasião de visitar a moradia de um invertido, “Radamés”, que passamos a descrever: O quarto era de tamanho regular e bem mobiliado. O mobiliário se compunha das seguintes peças: um guarda-roupa, uma cômoda, sobre a qual estava um rádio funcionando, uma cama de casal com uma colcha muito vistosa, um “psiché”, algumas cadeiras, duas poltronas bem estofadas, nas quais repousavam duas ou três bonecas grandes, ricamente vestidas. Nas paredes, no “psiché”, retratos de artistas de cinema – astros e estrelas; quadros contendo gravuras de mulheres, com poucas roupas. Um “abat-jour”, todo enfeitado, dava ao aposento uma claridade suave. Numerosos frascos de perfumes e loções. Caixas de pó-de-arroz... Em última análise: um verdadeiro quarto de mulher (apud. Green e Polito, 2006: 43-44).

E ainda não contente com a maviosa e delicada descrição de um verdadeiro *quarto de moça* lança-se para os pormenores, para o microcópico, detalhes que não poderia deixar passar. Na já citada obra de 1938/40, ele diz que

Os invertidos agem como mulheres. **Seus gestos e atitudes são, em geral, afetados; alguns seriam graciosos se de fato fossem mulheres.** O andar é leve. Jogam com o corpo. **As ancas, volumosas e salientes, com o andar, bambolem ritmicamente.** Quando se voltam, para olhar para os lados ou para trás, **repuxam o ombro de uma maneira singularmente feminina.** Olham os seus

iguais em sexo com um olhar amortecido, às vezes cheio de desejo. (Os olhos não são o espelho da alma?) **O movimento dos braços tem um certo quê, indicando que trejeitos de semelhante natureza não podem ser próprios de um homem**, na verdadeira acepção da palavra (apud. Green e Polito, 2006: 47). Todos os grifos em negrito são meus.

E em “Considerações gerais sobre o homossexualismo” também de 1938/40 Sinisgalli dispara,

Os invertidos (...) têm uma verdadeira **atração pelos vestidos** – ah! O carnaval... – **perfumam-se, pintam os cabelos, tratam das unhas, com o penteado têm um mundo de cuidados, o traje é sempre à última moda**. Alguns chegam ao extremo de **pintar-se a pó-de-arroz, “batom”, carmim; pintam os olhos, arrancam e pintam as sobrancelhas; em suma, agem como uma “melindrosa”** (apud. Green e Polito, 2006: 51-52). Todos os grifos em negrito são meus.

Em “Psicoses do amor” (9ª. Ed. De 1954) Hernani de Irajá não economiza na efusividade e diz a respeito dos homossexuais que

Gostam de usar calças muito apertadas, para que se lhes vejam o arredondamento das nádegas e das pernas. **Falam fino, cuidam muito do cabelo, sempre perfumado, das mãos e das unhas**. Outros **adoram as fitas de cores vistosas, são fanatizados pelas rendas, jóias, flores e perfumes, as mil futilidades da toilette**

feminina ocupam-lhes horas inteiras a atenção. Levam sempre em seus passeios um verdadeiro arsenal para cuidar do cabelo, do rosto, das unhas; caixas de pó-de-arroz, pentes, escovas e até leques. (...) **Uma coisa que verdadeiramente lhes dá prazer é vestirem-se de mulher.** Até se fazem fotografar assim trajados. O carnaval é uma delícia para eles. Elas se vestem de apaches; eles de colombinas, de baianas, de qualquer coisa que seja mulher (apud. Green e Polito, 2006: 52). Todos os grifos em negrito são meus.

E para terminar, a respeito das fontes, também não poderia faltar, o que talvez, mais do que qualquer outro estereótipo, mais do que qualquer outro trejeito ou sorriso soslaiado, os que os nossos cientistas empíricos puderam designar por “nomes de mulher”. Assim, Aldo Sinisgalli em “*Observações sobre os hábitos, costumes e condições de vida dos homossexuais (pederastas passivos) de São Paulo*” de 1938/40 diz que,

O homossexual é um ente que se considera mulher. E por tal motivo, o primeiro cuidado que observa, ao resvalar para o vício, é arranjar um nome de mulher. (...) São nomes extravagantes e muitas vezes ridículos, mas que satisfazem integralmente os seus possuidores; e a título exemplificativo daremos alguns, colhidos entre os pederastas desta Capital. Ei-los: “Jurema”, “Marilena”, “Bela Yvone”, “Melindrosa”, “Cocktail”, “Ziquinha”, “Marlene”, “Madame das Camélias”, “Conchita”, “Preferida”, “Deliciosa”, “Lily Pons”, “Gilberta”... (apud. Green e Polito, 2006: 52-53). O grifo em negrito é meu.

A radice, como se pode perceber, a voz ou o discurso como prefiro, que nomeia e especifica o ‘homossexualismo’ – mais tarde homossexualidade, homoeroticidade, homoafetividade, homofilia – é relativizado com o centro do mundo e, assim, como fugirá à razão de tal ordem (natural e normal), passará para o universo dos diagnósticos, como veremos, como pernicioso, abominável, esdrúxulo, doentio, vicioso, enfermidade nervoso-degenerativa que necessitava ser estudada, testada, posta na *Dama de Ferro* ou, como também a chamam alguns *A donzela de Ferro*, para ser confessada, torturada, execrada, higienizada enfim, talvez, curada.

Portanto, como quero crer, a história do homossexualismo – mais tarde em parte aceito e herdado pela homossexualidade - enquanto feminização da espécie - começa pela misoginia. Misoginia esta não apenas partilhada pela população masculina heterocentrada deste longo período, mas também por todo o resto da população.

Poderíamos dizer, neste caso, que a misoginia rápida e magicamente assume, pelo menos a meu ver, um duplo aspecto, uma espécie de duplo papel. Primeiro, este feminino é visto, encarado como antinatural, portanto, para a lógica oitocentista anormal; segundo, este feminino é encarado do ponto de vista do *dibujo* científico da época como doentio, justamente, *erga alios*, pelo carácter de ser por eles mesmo inventado. Estariam os homens temendo uma *feminização* do centro do mundo? Feminização esta que não se contentava apenas com o simbólico, com o abstrato, mas necessitava encarnar, corporificar-se?

Assim, como nos apresenta Leonídio Ribeiro (1938) médico-legal a respeito de que não se pode mais punir, dado que, a feminização destes invertidos é mais um problema de saúde do que de “sem-vergonhice” e “pecado”, sendo assim, é preciso curar. A medicina,

então, aparece como a grande deusa salvadora, única que apta a produzir a verdade, e deste modo:

No século passado foi que o problema do homossexualismo começou a ser estudado por médicos e psiquiatras, **interessados em descobrir suas causas, a fim de que juristas e sociólogos pudessem modificar as legislações existentes, todas baseadas em noções empíricas e antigos preconceitos, e fosse possível seu tratamento em moldes científicos. As práticas de inversão sexual não podiam continuar a ser consideradas, ao acaso, como pecado, vício ou crime, desde que se demonstrou tratar-se, em grande número de casos de indivíduos doentes ou anormaes** (sic), que não deviam ser castigados, porque careciam antes de tudo de tratamento e assistência. A medicina havia liberado os loucos das prisões. Uma vez ainda, seria ela quem salvaria de humilhação esses pobres indivíduos, muito deles vítimas de suas taras e anormalias (sic), pelas quaes (sic) não podiam ser responsáveis (apud. Fry, 1985: 61-62). O grifo em negrito é meu.

A crítica das outras áreas de conhecimento – História, Sociologia, Antropologia Cultural, etc. – conseguiu algum progresso em relação a uma espécie de descentralização discursiva produtora, unicamente, da verdade sobre os homossexuais. Assim, o discurso biomédico foi, aos poucos, perdendo a força que exercia no início dando, assim, lugar para outras “disciplinas” elaborem também um tipo novo de saber, uma nova epistemologia.

O fato é que, às vezes, acreditamos, piamente, que a medicina ao descentralizar o discurso moral-religioso – diga-se *en passant* a respeito de suas sanções nas fogueiras da Inquisição e do Santo Ofício – propunha algo menos doloroso com injeçõesinhas de testosterona, eletroconvulsoterapia, medidinhas antropométricas, etc. tenha com isto dado - pelos termos novos com que tratou a matéria – ou no melhor dos casos contribuído, eficazmente, para elucidar a questão pondo-a como um problema de saúde. De outra maneira, também acontece o mesmo em nossos dias, uma espécie nova de discurso apoderou-se da homossexualidade – enquadrando-a em seus métodos, em suas caixas-prontas - endossando os quadros dos antigos discursos moral-religioso e médico-psiquiátrico. Se já não fala mais em doença nervoso-degenerativa, nem em pecado, ou melhor, em *nefando pecado de sodomia*, mas em suas prodigiosas laudas científicas escritas muito ao gosto da modernidade tardia afirmam, em inúmeros casos, determinada substancialidade, como uma espécie de identidade que deve ser assumida, mantida, preservada para que a verdade do sexo não recaia em disfarces de armário.

Os homossexuais, assim, não sendo nem criação da Divina Providência, contidos no seu *rosário* de naturalidades, nem aceitos pelo leque de normalidades moderno-sociais oferecido para as comparações legais, seguirá um triste destino pelos laboratórios. Nasce, assim, o que poderíamos designar como *monstro*, de uma perfeita engenharia médico-legal, abertamente, flertando com a moral religiosa bem “comportada” da *belle époque* tupiniquim.

2. A MONSTRIFICAÇÃO HOMOSSEXUAL

O feminino monstruoso

Perigosos, asquerosos, infamantes, abomináveis, aberrantes, demoníacos, diabólicos, contrários à natureza, monstros. Estes e muitos outros termos erigiram o *sodomita reincidente* de Foucault (2007) a uma especificação médico-científica *monstruosa* do homossexual moderno. Assim, os “tratados” psiquiátricos, médico-legais dos séc. XIX e primeira metade do séc. XX oferecem-nos *una belíssima epoque* de descrições minuciosas, pormenorizadas – indo do moralismo à ciência sem o menor pudor ou receio – de como se podia demonstrar a monstruosidade homossexual: um tanto por acometimento *nato* (constitucionalidade da enfermidade *monstruosa*), outro tanto – ao que tudo indica – por merecimento (concepções moralizantes).

Na busca pelo monopólio da verdade (esta in-feliz vontade!) sobre os monstros homossexuais as “*doutrinas científicas*” procuravam uma espécie de ‘alternância’ do discurso científico entre as várias “doutrinas” de especializações médicas; ora encontrando um fato novo como a pueril falta – natural - de capacidade para assoviar (que oportunizou uma profunda tese) dos homossexuais, ora procurando demonstrar que distúrbios endócrinos ou endocrinopatias não eram suficientemente e evidentemente precisos para afirmar ou negar qualquer coisa a este respeito, portanto, tudo parecia estar muito no campo das suposições, das hipotético-dedutivas, das apostas. Talvez, disto decorra a pouca cientificidade dos nossos cientistas empírico-moralistas quando procuravam apoio na *doxa* para soltar a sua verborragia moralista. Termos, então, como “*depravados, viciados, indecentes, putos, infelizes*” eram elementos constitutivos destes discursos científicos, etc. e laureavam a despeito da produção científica brasileira os, então, renomados estudos.

Assim é que a idéia de monstrosidade homossexual “adotada” pelos estudos em curso – no séc. XIX e primeira metade do séc. XX – fixou-se numa concepção inicialmente muito arcaica de como esquadrihar um monstro, uma vez que, segundo Jorge Leite Junior,

[...] desde a antiguidade (sic) até pelo menos o século XVI [...] O monstro era então a imagem encarnada de um poder sempre além do entendimento dos homens. E como algo que “mostra” ou “revela”, **o monstro, ou maravilha, se identificava pelo corpo.** Independente de ser um sábio (como o centauro Quíron), ou algo terrível e perigoso (como a Medusa), **era na estrutura física que se apresentava a distinção entre “homens” e “monstros”, não no caráter destes** (Junior, 2009). Os grifos em negrito são meus.

A *monstrosidade*, neste aspecto, como não gostaria de crer, mas é bastante evidente, é o feminino corporificado e incorporado aos modos de ser. Portanto, há uma clara *descontinuidade* entre o ser – neste caso específico – e a sua programação sócio-sexual para o que deveria vir-a-ser. O monstro homossexual, deste modo, é aquele que, como mesmo se ‘define’ pela origem etimológica, o que mostra, revela, dar a entender esta descontinuidade que aparece no corpo, – muito embora que superficialmente – aquilo que não “é”. Assim, o que se procurou de imediato combater tanto com o discurso moral-religioso de confissão, exorcismo, penalização, quanto com o discurso biomédico, psiquiátrico, de cura, etc. foi a fenomenologia que insistia em erupções psicofísicas, isto é, o monstro insistia em aparecer na pele fônica, na carne delirante e desconcertante, nos modos monstruosos de aparecer, agir e pensar.

Se o que para o discurso moral-religioso dever-se-ia explicar pelas questões naturais – daí a demonização -, o discurso biomédico intervirá de modos diferentes e em sua própria seara e, assim, divergências marcariam a tônica dos “diálogos” ou dos “tratados” científicas. A este respeito, portanto, é preciso transcrever o “marco” (fundante) e estatuto deste monstro. Lembrando Foucault (2008) a respeito de que era preciso mais fazer “*ver, em vez de ler; verificar, em vez de comentar*”. Assim, era preciso ver os sinais que escapavam ao corpo do monstro e é assim, deste modo, que Luiz Ângelo Dourado nos diz que

Geralmente, endocrinopatias imprimem estigmas sexuais heterólogos em homossexuais masculinos, tais como **ginecomastia, voz de timbre agudo, desenvolvimento exagerado pelviano, distribuição de pêlos e do tecido adiposo de tipo feminino**. Tais distúrbios podem ser encontrados em síndromes hipogonais e adiposo genitais (1967: 46). O grifo em negrito é meu.

A esta forma clínica vem juntar-se a teoria heredoglandular associada à teoria de Wilhelm Stekel da Escola Cultural austríaca. Segundo Dourado falando a respeito da escola cultural de Stekel, resume:

As glândulas endócrinas regulam, ao mesmo tempo, a forma corporal e as tendências temperamentais [...] Os temperamentos hipertímicos, por exemplo, condicionam indivíduos angélicos, de pele fina, pálida, transparente, cambiando facilmente de tonalidade, cabelos cedosos, movimento vivos e graciosos. **Nos homens há uma certa feminilidade de formas, ancas largas, arredondadas,**

coxas convergentes. Psiquicamente, nota-se doçura de caráter, tendência evidente a homossexualidade, ao masoquismo, aos desvios do senso moral (egoísmo, cleptomania, cinismo, suicídio) (idem: 36). O grifo em negrito é meu.

Se o que para a forma clínica o tipo de personalidade homossexual psicossomática podia ser desenvolvido pelo advento destas tais endocrinopatias muito embora elas por si só não determinassem – o comportamento -, portanto, admitia-se, ainda assim, determinações psicológicas, parece que, no nível cultural das emoções as tais glândulazinhas excretavam bom humor e temperamentos ao mesmo tempo graciosos e perniciosos, uma vez que, à graça desejável de uma “pele fina e transparente” poder-se-ia vir juntar-se a desvios do “senso moral” tais como os apontados acima.

De todo modo, não é muito difícil perceber que uma *bunda* muito bem produzida por certos distúrbios hormonais – tipo de distribuição adiposa -, ou mesmo, um *mamilozinho* mais saliente despontando de dentro da camisa fazia, de todo modo, a cabeça de nossos cientistas empírico-moralistas. Pelo menos estas tais protuberâncias a mais que nasciam naturalmente nos corpos pseudomasculinis na *belle époque* causavam sim certo constrangimento ao seu analista. A perfeição das descrições delicadas e pouco acintosas não estaria revelando – fora a própria estilística pessoal - o ‘estranho’ gosto de nossos cientistas por algum destes monstros que estudava? Se não contentava aos cientistas, tinha freguesia certa no mundo da arte e da literatura em particular.

2.1. DOS DELITOS E DAS PENAS

De como se deve tratar um monstro

No mundo antigo clássico (Grécia e Roma) a *pederastia* era comum, louvável e até praticada pelos deuses. Entre os cretenses era vergonhoso um filho de nobre família não encontrar um amante. Nas cidades antigas de Tebas e Teras as relações “homossexuais” eram realizadas em tom religioso e em lugar sagrado abençoado por Eros. Enfim, com a cristianização do Ocidente as relações de *amor dórico* ou *amor grego* ou ainda as relações pederásticas chegaram ao “fim”, isto é, passaram a ser, institucionalmente, perseguidas, e quando era possível por meio da identificação, sufocadas e punidas.

Segundo Jeffrey Richards,

O grande legislador bizantino, o imperador Justiniano (527-65), que se considerava como o próprio representante de Deus na terra, dirigiu a imposição de um código de leis morais muito mais rigoroso do que aquele de que dispunha o império pagão [...] Justiniano tinha uma visão dos atos homossexuais como sendo literalmente uma violação da natureza que provocava a retaliação da mesma: “por causa destes crimes ocorrem fomes coletivas, terremotos e prestes” declarou (Richards, 1993: 139).

Daí de Nietzsche tratar com tanto desprezo a história de um povo que, segundo ele, seu

Deus [havia dado] o seu filho para a remissão dos pecados, em *sacrifício*. Ah! como terminou tão facilmente o Evangelho! O *sacrifício expiatório*, e na sua forma repugnante, mais bárbara, o

sacrifício dos *inocentes* pelas faltas dos pecadores! Que espantoso paganismo! E no entanto Jesus tinha suprimido até a idéia do pecado – havia negado o abismo entre Deus e o homem, *viveu* essa unidade entre Deus e o homem, que era a sua “*boa nova*”!... (Nietzsche, 2000: 77).

Daí também dele – Nietzsche (idem) - dizer que “no fundo só existiu um cristão, e esse *morreu* na cruz. O “Evangelho” morreu na cruz”. Mas, mais do que a percepção monstruosa que as ciências da segunda metade do séc. XIX e primeira metade do séc. XX haviam inventado – tomadas de empréstimo as imagens e mudado somente o termo -, deslocaram esta mesma percepção para o campo da criminologia; era preciso punir o *criminoso* – ainda medieval – que agia *contra a natureza*. Obviamente, como se pode perceber, esta idéia punitiva – mero sadismo científico-religioso – não era produto que os séculos apontados produziram. Ao contrário, o inquestionável *axioma científico* “crime contra a natureza” já vinha de longe, mas que encontrara terreno fértil entre os cientistas e criminologistas de reputação ilibada, senhores dos lares, pais de família que enxergavam – religiosamente – na figura do homossexual uma ameaça contra seus filhos e via na lei uma forma de expurgar este “*pecado detestável*”, este modo monstruoso que afligia a naturalidade e a normalidade de todo o “organismo social”.

O incessante desejo científico de aprofundar o nível de conhecimento até, então, produzido elabora, assim, uma nova percepção, um novo modo de enxergar estes monstros homossexuais. Nasce, então, a **teratologia**. Deste modo, segundo Junior,

[...] em 1832, o zoologista francês Geoffroy Saint-Hilaire cria a “*teratologia*”, a ciência que estuda as deformidades do corpo. Para

se diferenciar dos tratados sobre monstros e prodígios de até então, que misturavam as explicações orgânicas com as mágicas e espirituais, o autor abandona a raiz latina e deriva o nome desse novo ramo da medicina do grego terato, significando ainda “monstruosidade, anomalia”, e originado de terás, “o sinal enviado pelos deuses, uma coisa monstruosa”. A medicina acaba colaborando para a manutenção do caráter de alteridade e estranheza da pessoa de corpo “anômalo”. Os antigos monstros e bufões tornam-se agora erros da natureza; a maravilha corporal é entendida como doença [...] **Com o aumento do processo de “desencantamento do mundo” e de tecnologização da existência, a concepção de monstro teve obrigatoriamente de migrar, no século XIX, do corpo para a mente.** Já que na crença científica o mundo exterior não traz mais “maravilhas”, apenas aleijões, restou ao homem moderno procurar os encantos e horrores do mundo fantástico dentro de si mesmo. Surge então uma figura que vai assombrar o imaginário social e desestabilizar os padrões normativos até os dias de hoje: o indivíduo anormal, perigoso por si mesmo, pois, justamente, questiona e não se enquadra nas medidas “científicas” de “normalidade”. O anormal, nas palavras de Michel Foucault, “é um monstro cotidiano, um monstro banalizado”. Mas o medo e o ódio que esta figura vai herdar continuam os mesmos (Junior 2009). O grifo em negrito é meu.

A tecnologização da existência parece não ter *desencantado* muito os prolixos estudos brasileiros – doidos de verdade! - e, bem ao contrário, parece ter feito da tecnologia uma eficiente aliada no combate a estes criminosos que mais tarde, pelos idos da década de 1930, esticavam, mediam, puxavam – não deixavam passar as lições do senhor Procusto -, observavam atentamente todos os centímetros de um destes *pobres diabos* que a medicina viera libertar das garras da ignorância religiosa, das confissões penitenciais. Assim, em “Homossexualismo e endocrinologia” Leonídio Ribeiro diz que

No século passado [XIX] foi que o problema do homossexualismo começou a ser estudado por médicos e psiquiatras, interessados em descobrir suas causas, a fim de que juristas e sociólogos pudessem modificar as legislações existentes, todas baseadas em noções empíricas e antigos preconceitos, e fosse possível seu tratamento, em moldes científicos [...] A medicina havia libertado os loucos das prisões. Uma vez ainda, seria ela que salvaria da humilhação esses pobres indivíduos, muitos deles vítimas de suas taras e anomalias, pelas quais não podiam ser responsáveis (Ribeiro (1938) apud. Green, 2000: 214-215).

O que dá a entender é que Ribeiro (1938) acreditava mesmo que o caminho do inferno estava calçado por boas intenções. Mas, de fato, parecia haver um certo “movimento” de passar a ver os monstros homossexuais muito mais do ponto de vista da introspecção – demonização – tentando adivinhar-lhe as estratégias, surpreender-lhe na melifluidade da língua, sabotá-lo na ação, puni-los, energicamente, degredando-os, como

desejava Sinisgalli para um lugar todo deles, só deles, onde lá poderiam encontrar seus iguais e que segundo o estudante de criminologia citado seria assim imaginado:

A punição, reclusão em presídios, é injustiça [sic] e não traz o mínimo resultado prático. Deixar em liberdade elementos perniciosos é perigoso e prejudicial à sociedade. Logo, um instituto para pederastas se faz necessário. No instituto para pederastas estes seriam tratados, reeducados. Far-se-ia a seleção profissional, gozando os invertidos de uma relativa liberdade. Propugnamos por um dispositivo legal permitindo a internação dos pederastas perniciosos ao meio social nesse instituto [...] Desse modo resolveremos, científica e humanamente, esse problema social (Sinisgalli, 1938 apud. Green, 2000: 217).

O monstro homossexual começa a ter sua percepção mudada, de modo que, os discursos: religioso e científico tendem a assumir uma postura cada vez mais moralizante. Portanto, o homossexual é, enquanto monstro, produto da imbricação *monstruosa* mágico-religiosa/científico-simbólico-interpretativa. O homossexualismo começa a abandonar a “mostra/imagem” que inscrevia no corpo “desviante” a gramática mental de sua anomalia. Passa, então, a inscrever na mente o desvio que o corpo já não pode, ou antes, não é o único meio pelo qual se revela. Assim, é na mente que irá habitar o monstro. Daí de ser preciso, enquanto elemento – vontade de verdade - a confissão, a voz que discursa a respeito si mesmo que o ouvinte enquadra, diagnostica e pune. Não é à toa, então, que os novos ‘verbos’ clamam por cuidado e é assim que, em 1950, Jorge Jaime publica o seu “Homossexualidade masculina” dizendo que

A sodomia trouxe e trará sempre consigo os germens da doença, da tragédia, do crime. Não se iludam, jovens adolescentes. Quando lhes falarem de “uma felicidade celeste”, de um “gozo imortal”, não acreditem. **Eu vi a outra face do “Amor Socrático” e lhes asseguro que é horrenda, monstruosa [...]** O pederasta é um criminoso consumado. **Atenta contra a moral pública nos cinemas, rouba nas casas comerciais, assassina nos quartos fechados e usa de meios secretos para perpetrar injúria, difamação e calúnia.** A imprensa diária constantemente assinala homicídios em que **homossexuais passivos morrem estrangulados nas mãos dos homens que lhes extorquem o dinheiro**, e rapazes são esfaqueados por sodomitas ciumentos (Jaime, 1950 apud. Green e Polito, 2006: 92-93). Todos os grifos em negrito são meus.

Sinisgalli em anos anteriores a 1950 já rumorava o caráter pernicioso da monstruosidade – agora sob o duplo aspecto – do “homossexualismo”. Assim expressava:

O homossexualismo é anti-social. **O homossexualismo é a destruição da sociedade; é o enfraquecimento dos países.** Compreende-se facilmente o prejuízo que traz à sociedade e às nações o desenvolvimento do homossexualismo, sabendo-se que os invertidos encontram a satisfação genésica com indivíduos do mesmo sexo, desprezando as mulheres. A maioria dos pederastas não se casa, não constitui família. A grande maioria (sic) deles é

constituição por moços solteiros. Portanto o pederasta não contribui para o engrandecimento, para o desenvolvimento da sociedade e do país. Se o homossexualismo fosse regra, o mundo acabaria em pouco tempo (Sinisgalli, 1938-40 apud. Green e Polito, 2006: 101).
O grifo em negrito é meu.

De Jaime a Sinisgalli o discurso é o da boa fé. Se de um lado temos um monstro que ao que parece sua natureza é ser congênita de outro temos uma invenção monstruosa moral. De qualquer forma, a constitucionalidade de um vem abraçar-se à invenção moral do outro. E ambos, não obliquamente, caminham de mãos dadas. Assim, a preocupação com a extinção da espécie, a perdição da juventude, o mau comércio, o medo, a morte, as infelicidades, a perda da alma em nomes dos lúbricos desejos tinham de ser delatadas.

O mundo monstruoso dos homossexuais passa a ser descrito em detalhes, com cenas muitas vezes chocantes, - algumas até picantes - de uma barbárie espetacular. Parece-me, então, que o “homossexualismo” funcionou durante muito tempo como o lugar para onde todo lixo, toda a escória social era jogada e não raras vezes a ira da divindade instigada – como outrora fizera a Sodoma e Gomorra – para que se extirpasse de uma vez por todas - este “lamentável vício” de “sodomia”.

Mesmo não havendo uma legislação específica que desse conta de um *crime contra a natureza* – crime então tomado dos códigos canônicos medievais – mas abolido desde 1891 com a promulgação da nova Carta Magna – quando da separação institucional da Igreja e do Estado – alguns interpretes da natureza resolveram “legislar” em causa própria – da própria natureza – assegurando-lhe, assim, sua natural integridade. Assim é que o homossexual é um “criminoso consumado”. Embora seus crimes não atentem

especificamente contra a natureza, mas estejam na ordem de uma problemática social em que se encontravam, são classificados de usurpadores, detratores, difamadores, caluniadores, ladrões, extorquistas, emperradores do desenvolvimento nacional, traidores da nação, zombadores da religião, misóginos, enfim, destruidores dos bons costumes, das nações, da civilização. Talvez, tenha sido por estas e outras que Guy Hocquenghem tenha certa vez dito que revolucionário mesmo era o *buraco do cu*.

Embora não houvesse uma lei específica, o Código Penal republicano pelo Decreto de lei de nº. 847, de 11 de Outubro de 1890 – ano da separação oficial da Igreja e do Estado no Brasil – procurou punir, de acordo com a interpretação que policiais e juízes lhes desse, práticas homossexuais entre homens. Assim, no Art. 282 do livro II (dos crimes em espécie) cap. V – Do ultraje público ao pudor – podia-se ler:

Ofender os bons costumes com exhibições impudicas, atos ou gestos obscenos, atentatórios do pudor, praticados em lugar público ou freqüentado pelo público, e que, sem ofensa à honestidade individual de pessoa, ultrajam e escandalizam a sociedade: Pena – de prisão celular por um a seis meses (apud. Green e Polito, 2006: 72).

O Art. 379. Do Cap. VII do livro III (das convenções em espécie) Do uso de nomes suposto, títulos indevidos e outros disfarces também era muito usado e nele poder-se-ia ler o seguinte:

Usar de nome suposto, trocado ou mudado, de título, distintivo, uniforme ou condecoração que não tenha; Usurpar título de nobreza, ou brasão de armas que não tenha; Disfarçar o sexo,

tomando trajos impróprios do seu, e trazê-los publicamente para enganar: Pena – de prisão celular por quinze a sessenta dias (apud. Green e Polito, 2006: 78).

Como se pode perceber os *crimes consumados* praticados por homossexuais de que nos fala Jaime (1950, apud. Green e Polito, 2006) encontravam um grande respaldo na lei no que tange ao seu desvio específico e natural. Todos estes crimes por eles – homossexuais – praticados estavam na razão específica de sua gênese monstruosa ou defeituosa conforme a leitura que se faça, mas que em hipótese alguma deveria ser relativizado nem em gênero, nem em número aos verdadeiros homens – heterossexuais, diga-se de passagem. Portanto, os grandes criminosos homossexuais – já o mesmo não se pode dizer em relação aos heterossexuais do período – arrombadores, violentadores de homens, assaltantes, incendiários, fornicadores, prevaricadores (que os padres não me ouçam!), maníacos, loucos, imorais, indecentes, corruptores de jovens, extorquistas, indecentes, pelintras, malandros, assassinos, perturbadores da ordem moral, da ordem pública, traidores da pátria (que não me ouçam os políticos!), etc. todos estes qualificadores são para os homossexuais uma questão de constitucionalidade que se inscreve, conforme o tempo e a razão, em seu próprio corpo; enraíza-se na sua mente: psiquiatriza-se, provoca o direito. E quanto aos outros cidadãos? Ah, é só a humanidade!

Entretanto, é assim que em sua “Psicoses do amor” – um belo título! – editado em 1917, segundo Green e Polito (2006), Hernani de Irajá quase que numa efusividade que tanto compreende a dolorosa paixão da ciência quanto às psicoses de uma lei que não se sabe se penaliza ou se apenas ‘apreende’ para averiguação, nos diz que

Não há para a grande maioria dos jurados uma simples distinção entre o viciado, o criminoso movido por sua livre e espontânea vontade e o degenerado, o doente impelido por motivos alheios ao seu querer e que obedece a uma força desconhecida e dominante. (...) Aí é que se torna necessária a intervenção do médico-legista ou psiquiatra, para ver se o indivíduo é um perverso suscetível de pena, um criminoso digno de castigo ou se é vítima de uma degeneração nervosa, cerebral, de uma anomalia da vontade, de um ímpeto indomável (apud. Green e Polito, 2006: 91).

As “proposições” indagatórias de Irajá vêm encontrar paz, alívio, repouso quase que como num diálogo de entre amigos, no jurista famoso Francisco José Viveiros de Castro autor de uma importantíssima *brochura* datada de 1895 (teria se comunicado com o projeto freudiano?) intitulada “Atentados ao pudor”. Nesta decantada *obrita*, o jurista faz – sem ressalvas – o que se deve considerar como ponto de diferenciação entre uma *ação criminosa* (homossexual) e sua correlata *doença sexual*. Assim, inicia nos perguntando, chamando-nos com ele a sermos juízes:

A pederastia deve ser punida? A lei penal deve inscrevê-la no registro de seus crimes? Segundo as opiniões competentes de Magitot e do Dr. Moll, uma distinção importante deve ser feita. Quando se trata de debochados, de viciados, uns procurando excitantes para a virilidade enfraquecida, outros vivendo do torpe comércio de seu corpo, a repressão penal deve-se fazer sentir enérgica e forte. Mas quando se trata de uranistas, isto é, de

indivíduos atingidos de inversão congênita ou psíquica, a punição seria uma verdadeira crueldade, porque eles não podem furtar-se a estas inclinações, elementos integrantes de sua personalidade (apud. Green e Polito, 2006: 92).

Como se ver, a distinção entre “*uranistas*” e “*invertidos costumazes*” – o que Dr. Viveiros de Castro chama de “*debochados, viciados, viris enfraquecidos* – que paradoxal! -, *comerciantes do próprio corpo*” – dever-se-ia ser observada. Esta observação explica, talvez, o que para alguns pode estar no nível da monstrosidade que se revela no corpo – portanto natural - e aquele tipo de monstrosidade que se revela na transgressão moral. Parece que a transgressão ‘natural’ encontrou melhor lugar ao sol, uma vez que, sua punição era dispensável na forma, claro, do adequado tratamento que poderia ser um simplicíssimo transplante de testículos ou algumas injeções de cardiazol.

Para encerrar esta sessão, o mavioso estudante de criminologia Sinisgalli parece conseguir sintetizar as aflições de uma época de ouro científica em que os estudos avançavam, mas a legislação estava fixada num ponto meio obscuro. Assim, em sua obra “Observações sobre os hábitos, costumes e condições de vida dos homossexuais (pederastas passivos) de São Paulo” de 1938/40, alerta-nos dos grandes conflitos médicos-jurídicos ao dizer que

É preciso frisar que se muitos casos existem merecedores do manicômio, outros há que revelam depravação moral e predisposição para excitar as baixas paixões do próximo. Principalmente nos dias de hoje, em que o combate ao homossexualismo, nos países da Europa, é o mais rigoroso possível,

é bem de ver que não podemos concordar com as conclusões do relator [referindo-se a Aldo Sinisgalli]. O nosso Código Penal apresenta uma lacuna a este respeito, pois não pune a homossexualidade. Aos tribunais são levados casos desta natureza, mas preciso muito engenho para encaixá-los neste ou naquele dispositivo. Esta prática aberrante só pode ser encaixada nos artigos de violência carnal ou corrupção; é bem de ver que os casos que não se enquadram nestes dispositivos escapam à alçada da lei e não são punidos. Meu ponto de vista é pela punição dos homossexuais; é bem de ver que aqueles que não tenham sanidade mental não serão punidos, porque outros dispositivos estabelecem a não punição destes indivíduos. Se pretendemos moralizar os nossos hábitos e impedir a propagação desta anomalia, que em toda a parte, é preciso que no nosso futuro estatuto penal haja um dispositivo bem claro punindo-a, porque tenho para mim que se trata de um delito, embora em certos casos não haja possibilidade de punição. Em capitais européias, como Berlim, medidas violentas foram tomadas para evitar a onda de corrupção que por lá se estendia. Seria profundamente aconselhável que no futuro Código Penal do país existissem dispositivos punindo toda a prática do homossexualismo, qualquer que fosse a modalidade de que se revestisse (apud. Green e Polito, 2006: 95-96).

Nada radical para um estudante de criminologia. Mas, nem só de radicalidade viveram os *invertidos, pervertidos, debochados, golpistas, desordeiros, infamantes, infames, arruaceiros, atentadores da ordem, dos bons costumes, criminosos, desonrosos, infelizes, criaturas abjetas, traidores da pátria, ameaçadores da civilização, pecadores, bajuladores, extorquistas, demoníacos, enganadores, assassinos, por fim, homossexuais*. Toda esta fauna e, por que não dizer também flora nova (que delírio!), passou por uma espécie – claro que radical! - de classificação, mas, que homens bondosos da ciência como o médico criminologista Pires de Almeida receitava mais cautela com os “invertidos” pela natureza e mais ‘punição’ para os pervertidos desordeiros, infamantes cientes do crime que deliberadamente cometem. Enfim, segue-se ao *juízo!*

3. A CIÊNCIA, ESTA “DESPRETENDIDA”!

Em nome de Deus, glórias ao Pai: a ciência tem a cura

Doentes da alma, rotos, ignotos, inaptos, exibicionistas, necrófilos, ninfomaníacos, satíricos, onanistas, medonhos, por fim, degenerados natos. São estes e tantos outros designativos – do *dibujo* científico - que deram conta ao longo da história do homossexualismo, isto é, naquilo que constituiu ser sua doença nalguns casos nervoso-degenerativa, noutras nem tanto assim. No entanto, até aqui, vínhamos tratando quase que, genericamente, por nomeações diversas um tipo de indivíduo bem pouco especializado, bem pouco ‘especificado’, mas que de agora em diante, por conta das profilaxia e farmacologia médicas, da finalização inventiva da doença, mania, síndrome, pecado, da psiquização do monstro, da psiquiatrização do corpo e da mente inteiros, etc. será preciso, então, distinguir por grau natural e por grau moral invertidos naturais e pervertidos

circunstanciais. Portanto, assomam-se, assim, duas categorias de um mesmo universo: homossexual, mas ao que tudo indica, apesar de ambíguo, com ‘gêneses’ – ou faculdades genésicas - divergentes, embora que adjacentes, são tão contrárias quanto complementares.

Enfim, a tão sonhada *vontade de saber* produziu e localizou, discursivamente, o conhecimento que, segundo cientistas dos séculos XIX e início do século XX, achava-se já em condições de livrar dos calabouços do inferno aqueles que sem seu auxílio muito provavelmente arderiam séculos em fora – não nas chamas *psicóticas* do amor (como, talvez, “quisesse” Hernani de Irajá) -, mas nas labaredas do *submundo* divino. Era assim que se referia o Dr. Leonídio Ribeiro quando afirmava que a ciência (médica) havia livrado das prisões os loucos, mas os depositando em manicômios judiciais – que pretendia agora livrar da condenação do inferno os homossexuais; livrá-los, a bem dizer, nem tanto das garras de algum demônio ou mesmo de Satanás (com toda pompa, luxúria e circunstância), mas da fúria de Deus. -

A medicina, portanto, através da figura ilustrada do doutor Pires de Almeida fará uma distinção que, realmente, deverá ser bem considerada, uma vez que, dará e tratará, especificamente, o invertido natural (constitucionalidade da alma e somatizada no corpo) e pervertidos circunstanciais – embora que não diga, talvez, os verdadeiros viciados do pecado nefando -. Assim, para o doutor Pires de Almeida – em sua obra “*Homossexualismo*” de 1906 – faz-nos acreditar que invertido (natural, claro!) *é aquela que, de nascença, é já invertido* ao contrário dos pervertidos que segundo ele *depois de terem sido já sexuais normais, se tornaram invertidos por qualquer motivo* (apud. Green e Polido, 2006: 105). Assim, sua preocupação se dá mais com os invertidos naturais do que com os pervertidos (circunstanciais), portanto, ao que propõe seja feito

O invertido deveria ser acompanhado desde a infância, vigiado por uma espécie de tutor que, à feição de um aparelho ortopédico moral, fosse-lhe obstáculo ao desvio, trabalhando pertinentemente para que a consolidação se efetue em absoluto.

(...) Antes de tudo, devemos-nos lembrar que tais desregramentos são puramente moléstias mentais; e por isso, aconselharei, quando não tenhamos acompanhado o indivíduo desde a infância, e hajamos iniciado o tratamento em idade tardia, medicá-lo pela estética sugestiva; isto é, por meio de magnetismo e da sugestão combinados: bem orientar-lhe o espírito, dirigindo sua atenção para a beleza das formas femininas, cercá-lo de modelos célebres em pintura, na estatuária principalmente, e obrigá-lo a leitura de obras românticas em que tais belezas despertem as paixões tumultuosas. Facilitar-se-lhe-á o encontro com mulheres plasticamente sensuais, fáceis às carícias, graciosas, faceiras; não se hesitará até diante de certos subterfúgios a princípio, tal como, por exemplo, o de provocar o coito do invertido com mulheres vestidas e homem; ou mesmo obrigá-lo a pernoitar com mulheres completamente nuas, ainda que não as goze. Se, porém, existe, da parte do doente, repulsão invencível para as sociedades ambíguas, recorrer-se-á à convivência em outro meio: mulheres atraentes, sim, porém puras, puríssimas, virtuosas: o seio perfumado das famílias (apud. Green e Polito, 2006: 105-106). O grifo em negrito é meu.

Em 1972, em detrimento do “I Simpósio de debates sobre o homossexualismo”, o professor e psiquiatra Paulo Saraiva expôs seus métodos para curar os homossexuais: eletrochoques e analítico (se bem que por este último – analítico - teceu os piores comentários) -. Chamava este seu método predileto (delicioso método de choquezinhos) de *aversivo* e constituía-se da seguinte maneira: “ao projetar numa tela a foto de uma mulher, o paciente recebia prazerosas ondas elétricas no encéfalo; se a foto fosse de um homem, recebia um choque elétrico (apud. Green e Polito, 2006: 111). Enfim, o ainda Dr. Saraiva em matéria concedida ao jornal O Globo (julho de 1972) registrou as modernas técnicas terapêuticas que auxiliavam na espinhosa luta de fazer com que homossexuais se tornassem homens normais e registra que:

Entre as terapias mais modernas utilizadas no tratamento de homossexuais, [Saraiva] destacou a defendida por especialistas americanos, e que consiste em uma série de recomendações, entre as quais: 1. Ler um livro sobre anatomia e fisiologia sexual; 2. Interessar-se por danças e pela companhia das moças sem tentar contatos mais íntimos; 3. Entrar para um clube onde se relacione com pessoas do sexo oposto; 4. Afastar-se dos homossexuais; 5. Evitar contatos físicos de qualquer natureza com amigos de mesmo sexo (apud. Green e Polito, 2006: 112).

Jorge Jaime – em obra não citada por Green e Polito (2006) -, em meados do séc. XX (1953) é enfático ao determinar doses fortes de profilaxia anti-homossexual ai dizer que,

As perversões e inversões decorrentes de fatores sociais e econômicos serão combatidas pelo afastamento das causas que

as determinam. A reeducação psicológica e profissional é medida de muita eficácia, em certos casos. *Mais importante, entretanto, do que tratar e assistir os anormais sexuais é evitar na medida do possível, o seu aparecimento.* Medidas eugênicas e de higiene mental, educação sexual, melhoria da situação econômica geral, combate à vida promíscua e dissoluta são recursos demorados mas de maior eficiência. (...) É necessário que se criem hospitais para o tratamento dos pederastas, clínicas especializadas para reeducá-los. (...) Que os médicos criem hospitais, sanatórios, colônias de reeducação sexual, especializados no tratamento das diversas fases da evolução da homossexualidade – é importantíssimo. Que os juristas façam leis adequadas que regularizem a questão – é de suma urgência (apud. Green e Polito, 2006: 106). O grifo em negrito é meu.

Portanto, há segundo me parece, duas maneiras de se “curar” o homossexualismo. Entretanto, primeiro há que se montar uma espécie de *colônia* – como já sugerido por um de nossos colegas cientistas – para que, assim, os *invertidos* pudessem repousar e filosofar a respeito de suas nefandas práticas atentatórias contra o pudor e por que também não dizer contra o poder que lhe encaixotava? Ao que parece, há uma tremenda falta de saber o que fazer com uma parcela atingida por este grande e terrível mal. Procurou-se até nos testículos de homossexuais possíveis etiologias de sua enfermidade.

Os *fat*os, *ex abundantia*, portanto, e, *ex auctoritate propria*, **monstram** o *quantum* de moralismo estava mergulhada a ciência dos séc. XIX-XX. As recomendações de tratamento

não convencem e assomam-se revelando a desumanidade higiênica e por que tiveram de passar muitos destes monstrinhos do século (que século!) – criados nos laboratórios europeus – e exportados para o Brasil. Mostra bem mais do que a simples incapacidade de percepção dos cientistas brasileiros – eternamente deitados à sombra das produções pioneiras dos europeus -, uma vez que, denuncia a completa falta de discernimento científico, pois que, não raro, os textos pretensamente científicos – pretensamente objetivos – estão cheio de palavrórios do senso comum, afundados na *doxa* moralista, racista, religiosa e preconceituosa ao que parece numa clara evidência de que a *ortodoxa* pedia socorro à sua irmã próxima, mas que pobre, no entanto muitíssimo caridosa.

Isto parece ficar, demasiadamente, evidente nas palavras do Dr. Fernandes Nunes (1928) quando embravecido diz que

Quando falhem os meios científicos de que hoje dispomos, terá a sociedade, na reclusão desses delinqüentes ao Manicômio Judiciário, com a garantia de sua própria estabilidade, assegurado ao criminoso as possibilidades maiores e mais piedosas que lhe poderia conceder (apud. Trevisan, 2002: 192). O grifo em negrito é meu.

A recomendação ao “Manicômio Judiciário” – para os tratamentos já comentados (as técnicas terapêuticas do Dr. Saraiva importadas dos States (USA) são um excelente exemplo – parece bastante justificada, uma vez que, era preferível o “tratamento” policialesco, jurídico, do que um tratamento científico que nunca chegava à razão a que se propunha para estes *invertidos* – naturais ou não – que era de encontrar a cura. Penso nas revistinhas pornográficas de mulherzinhas peladas; nas deliciosas “raparigas” que a boa

ciência – não raramente – propunha como remédio (que profiláticofarmacológico!); penso nos choques elétricos na hora das visualizações *behavioristas* das figuras masculinas e nas ondinhas eletro-magnéticas prazerosas ao ver mocinhas balançando as tetas e dançando um delicioso maxixe.

Ao que consta, entretanto, e parece como único caso de cura homossexual, deu-se por meio de um fato bastante inusitado e veio sobrecair ao dono de um lupanar só para rapazes. Quem conta a dita história é nada mais nada menos do que o Dr. Pires de Almeida na sua *brochura* “Homossexualismo” editada em 1906. O dono do tal lupanar é, assim, desenhado pelo intelecto e pena do dito cujo drº:

Figura marcial, velho do seu tempo, insinuante e eterno solteirão, conheceu esta cidade o Brigadeiro L. P., que, por último, assentara o seu lupanar de belos rapagões em um sobradinho do Largo de S. Domingos. Pederasta meticoloso, homem de paladar apurado, de faro sutil, o libidinoso velho despia com o olhar um menino bonito, estalava o beijo ao fitá-lo, assentava disfardamente [sic] – à semelhança de um monóculo – um patacão de 2\$, que não raro atraía a *caça*, o que, acontecendo, era de pronto conduzida ao alto mirante do *antropófago*, que exercia impune os seus vícios e corrompia a criançada leviana. Atendendo, talvez, à sua respeitabilidade, disse-lhe um cadetinho, que se revoltara, calças abaixo, contra o infame convite: – General! V. Ex. é um cobarde, pois ataca sempre pela retaguarda o inimigo! E esta frase caiu-lhe n’alma como as duas lágrimas choradas por Madalena. E deixou de

ser pederasta, inclinando-se então à classe das dançarinas, que o deixaram na penúria (apud. Green e Polito, 2006: 115-116).

O mesmo, no entanto, parece que não se sucedeu a Febrônio Índio do Brasil. Um caso curioso, marcante, estigmatizante, parecia mesmo confirmar – afora todas as controvérsias que se pudesse levantar – a certeza de que o homossexualismo devia mesmo ser considerado um grave desvio de conduta, uma aberração da natureza, uma inversão psíquica irreversível pela técnica, etc., mas o fato é que Índio do Brasil ficou conhecido e parece ter – seu caso - contribuído para a ratificação do caráter mágico e do simbólico em relação às doutrinas científico-religiosas pregavam sobre o homossexualismo e seu praticante. Preso em 1927 e já “dono” de uma ficha criminal bastante considerável. Porém, além deste fato – o de ser um criminoso nato – Febrônio conseguiu publicar um livro de caráter místico. A importância deste livro se dá devido a uma tatuagem que trazia marcada no peito e devido ao fato de que suas vítimas também eram marcadas com uma tatuagem. O tal livro publicado, ao que parece, trazia uma espécie de doutrinação e significado da tatuagem que tinha no peito, com a qual marcava – em tese - seus assassinatos. Embora inicialmente, afirmasse os possíveis assassinatos que lhe imputavam assumir... No final, negou e dizia-se vítima de *perseguição que me movem; confessei-os [os assassinatos de rapazes], na polícia, para fugir aos sofrimentos e martírios que me esperavam se eu não fizesse* (apud. Green e Polito, 2006: 122).

Leonídio Ribeiro relata-nos os autos do processo descrevendo o assassinato de um menor de idade chamado Almiro José Ribeiro e, duas semanas após este, o do menor João Ferreira:

(...) Febrônio carregava o menor para a Quinta da Boa Vista e, sempre com enganosas promessas, conseguiu levá-lo para umas matas existentes perto do Largo do França, onde, tirando a camisa de João, lhe fez no peito uma tatuagem e várias letras. Para obter que o menor se prestasse a tal, Febrônio prometeu dar-lhe um terno de roupa. Depois de tatuar o menor, Febrônio com ele tomou um bonde de Alto da Boa Vista, indo até o ponto terminal. Dalí, Febrônio caminhou a pé com o menor até a Ilha do Ribeiro, onde chegou já noite alta. Nessa ilha, já muito sua conhecida e próxima ao local onde, dias antes, estrangulara o menor Alamiro José Ribeiro, Febrônio, lutando com o menor que se debatia, apertou-lhe a garganta, asfixiando-o, até deixá-lo sem vida. Cometido o estrangulamento, despiu o menor e, fazendo uma trouxa de roupa, atirou-a a alguns passos de distância, onde veio depois a ser encontrada, pela polícia. Encontrado o corpo de um outro menor, na mesma Ilha do Ribeiro, igualmente estrangulado por Febrônio, foi, afinal, descoberto também o cadáver do menino João já em adiantado estado de putrefação (apud. Green e Polito, 2006: 121).

Depois de passado por uma avaliação por Leonídio Ribeiro e Murilo Campos foi encaminhado ao Manicômio Judiciário e examinado por um psiquiatra chamado Heitor Carrilho; o diagnóstico é conclusivo:

1º Febrônio é portador de uma psicopatia constitucional caracterizada por desvios éticos, revestindo a forma de loucura

moral e perversões instintivas, expressas no homossexualismo com impulsões sádicas, estado esse a que se juntam idéias delirantes de imaginação, de caráter místico;

2º As suas reações anti-sociais, ou os atos delituosos de que se acha acusado, resultam desta condição mórbida que lhe não permite a normal utilização de sua vontade;

3º Em consequência, a sua capacidade de imputação se acha prejudicada e diminuída;

4º Deve-se ter em conta, porém, que as manifestações anormais de sua mentalidade são elementos que definem sua iniludível temibilidade e que, portanto, deve ele ficar segregado *ad vitam*, para os efeitos salutare e elevados da defesa social, em estabelecimento apropriado a psicopatas delinquentes (apud. Green e Polito, 2006: s/p).

Como não se pode deixar de perceber, *permissa venia*, o caso Febrônio Índio do Brasil é, pelo menos, ou ao que parece ser ou se configurar, como a unidade sintética – segundo o diagnóstico do doutor Carrilho – ou o modo pelo qual jamais poderíamos ser modernos. Ser modernos pelo menos na separação das esferas institucionais. Se por um lado as instituições individualizaram-se – talvez fosse melhor falar em descentralização - em blocados de concreto, por outro lado elas comungam, participam da mesma antropofagia espiritual no nível das idéias, na elaboração de seus discursos. Elas até tentaram uma espécie de *diáspora*, mas como percebido, infelizmente, são gêmeares

demaís, unidas no corpo e na alma, atadas demais pelo mesmo cordão umbilical e do qual um corte muito profundo faria desaparecer tanto umas quanto outras.

Peter Fry em seu “O que é homossexualidade” tenta captar o grande sentido das ciências médicas, sua principal contribuição para elucidar o problema *homossexualismo* que provocou muitas náuseas e vertigens em muitos cientistas. A este respeito ele diz que

[...] a “ciência médica” teve um papel político fundamental num nível mais sutil e profundo, pois ela é em grande parte responsável pelas noções que as classes médias urbanas têm a respeito da homossexualidade e a heterossexualidade como sendo dois campos “naturalmente” distintos. Ao falar da homossexualidade e da heterossexualidade, dos homossexuais e dos heterossexuais, a ciência médica faz com que se acredite que o mundo é de fato dividido entre uma categoria e outra. Esta maneira de ver as coisas combate outras maneiras de compreender a sexualidade humana como, por exemplo, aquela que descrevemos para o Brasil popular. Neste caso não há “homossexuais” e “heterossexuais”, mas sim “bichas” e “homens”, “mulheres” e “sapatões”. Combate também uma outra possível maneira de compreender a sexualidade humana como simplesmente *sexualidade* (Fry e MacRae, 1985: 78). O grifo em negrito é meu.

Creio que, *ex professo*, Fry e MacRae captam o modo científico de fazer ciência dos séc. XIX e XX – “*esta maneira de ver as coisas*” – mas também cria um problema que poderia ser posta da seguinte maneira: há um modo correto pelo qual se devem ver as

coisas? Toda a nossa ciência não é só um modo pelo qual vemos as coisas? – e, rapidamente, nos remete para Foucault (2008) que nos diz que este modo de ver e não de ler – as coisas - ainda é produto de dois séculos passados (XVI-II) que mais do que *ver* significa *impor*, pelo saber, o seu poder.

Ex re, Fry (1985) enxerga as ciências médicas como o *locus a priori* de onde este monstro – homossexual - é inventado. A “leitura” bem que pode ser ‘médica’, mas o que determina, aleita, amamenta, esta leitura é o *ver* religioso-moral. Não há como escaparmos – para este sentido – de que as ciências médicas – deste período – estão muito ligadas, *ex toto corde*, na religião e embora sendo de um lugar individualizado de onde profere seu discurso, é da semente, doutro lugar que ele nasce. Isto fica claro que para falar cientificamente do homossexualismo os nossos médicos, juristas, criminologistas, advogados não consigam se furtar às elaborações morais... A ciência é também filha de seu tempo? Que tempos, meu Deus!

Enfim, há horas em que os “*monstros*” conseguem, furtivamente, falar de si mesmos. Mesmo em ambiente inóspito e no qual a temeridade é uma constante, eles expressam de forma delicada, idealista; mostra o mundo interior em que vivem; tecem seus sonhos com a caneta cheia de expectativa; dizem-nos do amor impossível e da capacidade de amar a vida inteira; conseguem ‘revelar’ algo sobre o papel que ao descrever os desejos também estão prontos a voltarem ao lugar que lhes inventaram; estão cientes do silêncio que – parece determinar para a vida inteira – a surdez e a mudez que, não muito raramente, desejam fugir. Pois, é assim que Jorge Jaime (1953) publica algumas destas cartas – *do amor maldito!* - dos tais “invertidos”. O trecho da carta abaixo é de autoria de Jonas de C. –

escritor e bailarino – enviada a um tenente do exército chamando Nestor. Nela ele explica seu motivo, e deste modo, diz que

Tudo que eu faço cai logo no domínio público. Quando me vêm em cena querem logo saber qual é a minha vida privada; acabarão, forçosamente, descobrindo minhas preferências. Sei que tudo isto se horroriza quando estás ao meu lado. É engraçado, pois a mim, distraem-me, sobremaneira, essas tuas preocupações. Sejamos realistas: venho propor-te uma situação cômoda para nós dois. Não quero perder a oportunidade de ter novamente relações sexuais contigo. Arranjei um apartamento em Copacabana e poderemos lá ficar à vontade, longe das vistas indiscretas do povo. Marcaríamos nossos encontros dentro de casa. E juro-te que ninguém nos veria juntos. E não terias motivos para te envergonhar de mim. Se me encontrasse contigo, por um acaso, na rua, fingiria que não te conhecia. Essa é a grande verdade: para ti não sou mais que um “puto”. Nem pretendo ser mais diante dos teus olhos míopes. Os defeitos, com um contato superficial, são logo descobertos, mas as qualidades, só com um pouco mais de compreensão e acuidade espiritual podem ser vistas, e estas te faltam. Agora, faço-te outra proposta, mais simples, mais radical: escreve-me dizendo apenas algumas palavras como estas: “Não me procures mais.” Ou então: “Não me ‘Chateies’ mais”, ou qualquer coisa parecida. E eu te prometo, Nestor, que saberei fazer o que me ordenares. Mas como

teu amigo que sou, dou-te um conselho; não vires nunca as costas para alguém que seria capaz de dar a vida por tua causa. Não é prudente, não é justo, não é sensato. Estamos entendidos, Nestor? Da sua resposta dependerá a minha conduta futura para contigo. Sê franco, sê rude mesmo, que eu te desculparei. Mas não me deixes na eterna ilusão; toda dúvida é cruel. Não deixes de responder-me; dá, ao menos, um fim ao que teve um começo. Se não me escrevesse poderia pensar que não havias recebido esta minha carta, o que me preocuparia muito e ficaríamos, como antes, sem nos compreender, como duas pessoas que falassem línguas estranhas. Apelando para a tua compreensão, aguardarei, réu que sou, a tua decisão. Seja ela qual for, saberei cumprir com destemor e sabedoria a minha pena. Recebe o meu “adeus”, ou o meu “até logo”,

Jonas

P.S.: Pensa bem antes de lavrares a sentença. “Primeiro é preciso julgar para depois condenar.” Considera que há em ti uma pureza, uma beleza de caráter, uma altivez de sentimentos extraordinárias e que ser digno de ti é uma empresa quase sobre-humana. E, se quiseses, lutarei por sê-lo (apud. Green e Polito, 2006: 140-142).

Algo provisório? Jamais! A carta é clara, sensata, explícita. Poder-nos-ia indagar qual é o lugar dela no **mundo de seu tempo** e a resposta não tardaria: é o lugar – por algumas exceções – da normalidade. O lugar do amor sofrido, do ser amado idealizado, a doação incondicional, a esperança de dias melhores. São dois homens que, cada um a seu ofício,

realiza, trabalha, aventura-se, têm desejos, vontades, necessidades, enfim. Homens estigmatizados pela religião cristã; manicomizados pela ciência; desmoralizados pela *doxa*; homens injustiçados, criminalizados por um duplo crime que nunca cometeram: crime contra a natureza; crime de lesa majestade (por atentarem – segundo a época - contra a moral e os bons costumes, desviando, pervertendo, difamando, infamando, extorquindo, badernado, a instituição moral de uma nação como a nossa de tão lúbricas brasílicas vantagens).

Enfim, como diz Cazuza “o tempo não pára” e aos poucos a monstrosidade homossexual vai ceder lugar para o que se constituirá nas décadas seguintes – da segunda metade do séc. XX - o motivo – ou pelo menos a tentativa – de calarem os “juízes” – estes nossos cientistas de antanho - e darem as vozes aos *monstrinhos* que não burramente irão transforma-se em gays. Mais uma vez *ver*, talvez, para *crer*... Nunca, porém *ler*, para poder *discutir*. Assim, pela dolorosa paixão científica, em nome de Deus, glórias ao Pai... Seja feita a vontade (que saber!) da ciência.

CAPITULO II

OUTRAS HISTÓRIAS NO *FRONT*

2. A REINVENÇÃO DO HOMOSSEXUAL

A masculinização da “espécie”

Homossexuais, entendidos, gays, homoeróticos, homofílicos, homoafetivos, etc., mais tarde homens que fazem sexo com homens, machos, novos gays, pós-gays são termos que procurarão “marcar”, ou antes, reespecificar os *monstros* de “antigamente” – séc. XIX e início do séc. XX – da segunda metade do séc. XX, o breve século! Mais do que uma simples nomeação, um mero “símbolo” pelo qual se deveria referir ou, novos termos pelos quais se deveria falar dos antigos monstros, elas – tipologias, topologias – aparecerão taxonomicamente como crítica a um discurso que havia inventado tais monstros; nascem como ‘produto’ crítico – (“livres” da psiquização, da psiquiatrização, da psicanalização, da biologização da vida; parecem falar de um lugar mais confortável, o das construções sócio-culturais) - a uma maneira de ver o mundo; nascem como a vontade de reordenar o mundo, de tomar as rédeas do mundo para si, de tomar o lugar de poder de onde, até então, o mundo era inventado, organizado e mantido; nascem paradoxalmente afirmando aquilo que é motivo de seu nascimento, isto é, nascem afirmando o que é – simbolicamente - motivo de sua negação. Assim, o *feminino monstruoso* antinatural e anormal, aos poucos, vai desenhando-se e decantando-se em salubridade para dar lugar a um *regresso* – do paraíso perdido - do masculino desejado (não por acaso todo o esforço dos antigos era de livrar do fogo do inferno os *invertidos* re-vertendo-os, isto é, tornando-os mais uma vez *masculinos*). Em formas, cores e tamanho o homossexualismo “sai” de cena – enquanto doença – para no

outro “lado” da cena – entre os trópicos - ir se constituindo em homossexualidade com fortes referências à naturalidade e normalidade da espécie, assegurado tanto pelos *discursos institucionais* atualizados, quanto pela dissidência científica mais próxima.

Assim, não tardarão as referências ao *grau saudável* do antigo *homossexualismo* e agora homossexualidade; os discursos estão cheios de afirmações, de segurança, de certezas, de ontologia, - os de antigamente -, cheios de um *orgulho* impossível de explicar; de explicar como é que a sexualidade veio parar nos discursos como motivo de orgulho. Que estranho mecanismo fez/faz inverter e tornar a sexualidade como um motivo de orgulho, a ser assim encarado? Que há por trás destas aparências, que essências agem e desdobram-se? Quando digo orgulho – da sexualidade que pratico - de que lugar falo e assumo – esta própria sexualidade que vivo - e que poder me incita a assim fazer e sentir – sexualmente - o que falo e sinto? Assim, não estaria o orgulho funcionando como um mecanismo de controle desta assunção instituidora de um modo de ser, agir, sentir, pensar? Não estaria o orgulho – deste sexual – fabricando como o medo e a vergonha um *fantástico-maravilhoso* ao nível do antigo monstro, isto é, aquilo que mostra – o que, talvez, jamais poderá “ser”? Não estaria o orgulho afirmando por outras vias um ser tão inventado quanto os monstros do séc. XIX e início do séc. XX com psicofarmacologias mais elaboradas e disfarçadas sob signos menos aparentes?

Deste modo, após as manifestações de *Stonewall Inn* - manifestações estas que ganharam o teor da universalização e encontraram entre os ativistas brasileiros espaços para ampliar-se – veio juntar-se também a uma nova crítica da despatologização do homossexualismo monstruoso uma espécie de psicoterapêutica progressiva, afirmativa, instituidora, ou pelo menos, já trazendo os ‘germes’ das naturalidade e normalidade tão

desejadas. Deste modo, os métodos de “cura” já apontados no primeiro capítulo cederão lugar a uma espécie nova de discurso terapêutico “*construtor*” – ainda sob as inflexões do maio de 1968 – do agora gay sadio, livre do estereótipo da doença. É assim que George Weinberg se referirá a

Um homossexual é gay quando ele se vê feliz de ser alguém dotado da capacidade de enxergar as pessoas como romanticamente belas. Ser gay é ser livre de vergonha, culpa e remorso de ser homossexual [...] Ser gay é vislumbrar sua sexualidade como o heterossexual sadio enxerga a dele (apud. Fry e MacRae, 1985: 77).

Esta felicidade é ainda traduzida pelos estudos e discursos – nem tão lobistas – científico-políticos que visam manter o estatuto médico-científico sobre a verdade do homossexual. É assim que se refere Celso Russomano na tribuna da Câmara Federal:

[...] a homossexualidade não é uma perversão ou uma escolha. **De alguma forma, os genes ou o meio ambiente determinam a atração por indivíduos do mesmo sexo, entre humanos ou animais. Sendo assim, o homossexualismo (sic) é tão natural quanto o heterossexualismo (sic), e nasceu antes mesmo de a humanidade existir como espécie.** Portanto, Senhoras e Senhores Deputados, não pode ser motivo de discriminação, em hipótese alguma! [...] **Homossexualidade não é doença muito menos pederastia, a homossexualidade é uma atração natural, devido à formação cerebral do ser humano, provado por estudos da universidade de São Paulo-USP.** Não se pode obrigar que uma

determinada pessoa tenha ou não atração por pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto. Isto está intrínseco no ser humano e não depende da orientação sexual até mesmo porque se obrigássemos uma pessoa heterossexual a se interessar por uma pessoa do mesmo sexo, ela teria repúdio àquela imposição, o mesmo ocorreria com um homossexual (Russomano, 2 de julho de 2009). Os grifos em negrito são meus.

Essa pequena, mas muito sutil idéia de homossexual sadio imprimirá uma noção de normalidade e naturalidade masculina que segundo Hocquenghem (1980) instituirá o que ele chamou de “*homossexualismo (sic) branco*” . Refletir-se-á em modelos estabelecidos pelos discursos instituidores destas dimensões do natural e do normal. O *feminino monstruoso*, portanto, dos *invertidos*, *Ganímdes*, *Joaninhas do Rossio*, *bagaxas*, etc. transmutar-se-á – curativamente, claro! – nos entendidos (desbandeirados, isto é, sem estigma no corpo) ou mesmo o que mais tarde significará o *novo gay ou pós-gay* nos machos de verdade, nos *homens que fazem sexo com homens* colocando, assim, aqueles outros – antigos *monstros feminóides* - na *lata do lixo da história*.

Assim, atrelado ao discurso científico aparecerá sob sua sombra o discurso da legalidade. Curiosamente, o discurso que deseja instituir a homossexualidade enquanto uma sexualidade legal, por baixo, afirma também certo estatuto ontológico do ser. É assim que a este respeito se refere Luiz Mott quando diz que,

[...] a última justificativa em favor do "ser homossexual" é de cunho político: cada minoria deve decidir como ser chamada, como se vestir, com quem fazer alianças, que personagens eleger como seus

ídolos ou heróis. Se um mulato quer identificar-se como negro, tem de ser respeitado [...] Exigimos e lutamos para que também reconheçam o direito de todos nós que optamos pelo "ser homossexual". **Afinal, é legal ser homossexual...** Somos milhões e estamos em toda parte! (Mott, 2009). Os grifos em negrito são meus.

Este *ser homossexual* – enquanto uma ‘instituição’ legal – não é tão *legal* assim, uma vez que, no plano da subjetividade, da individualidade discordante – do centro - condena os desvios – desta individualidade discordante - da minoria que funda outro modo de ser. Assim, o prof. Luiz Mott quer fazer-nos crer que há uma liberdade e respeito, como que uma escolha de “ser” o que quiser ser dentro de um grupo ou comunidade que ele chama minoria – tão antidemocrática para seus íntimos! -. Esta legalidade proposta por Mott (2009) é manca, coxa, mas muito bem disfarçada por um discurso do *paz e amor*. Na sessão seguinte onde tratarei da reificação homossexual vou procurar demonstrar ao máximo que puder que o discurso da legalidade proposta por Luiz Mott não admite o colorido por ele ovacionado, quanto irei destacar a violência com que são tratados seus discordantes.

E é, assim, que neste ambiente das farsas e disfarces que a reinvenção do homossexual é aos poucos fabricada, pincelada, colorindo-se e enfeitando-se sob um cromatismo reduzido em tons de branco e preto.

2.1 A MASCULINIZAÇÃO DA ESPÉCIE

Talvez, em um de seus sonetos mais conhecidos Augusto dos Anjos tenha resumido, a meu ver, metaforicamente, a “situação emocional” do nosso progresso científico para a

homossexualidade. Diz-nos Augusto em *Versos Íntimos* que “a mão que afaga é a mesma que apedreja”. E tanto que apedrejou – embora tenha cometido tantos pecados – que agora mesmo querendo reconciliar-se, propor à volta do filho pródigo, é ainda sob os auspícios dos apedrejamentos que a ciência de alguns quer empurrar de “goela” abaixo suas verdades. Mott, assim diz que

(...) somente após 150 anos depois da descriminalização da homossexualidade, alguns poucos gays e lésbicas ousaram identificar-se e proclamar aos quatro ventos: “**É legal ser homossexual!**”. Legal na dupla acepção do termo, não só porque a Lei protege homossexuais, mas também porque **as ciências garantem que as três orientações sexuais – homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade – são igualmente legítimas, saudáveis e naturais** (Mott, 2005) Os grifos em negrito são meus.

Percebe-se, portanto, a relevância do caráter de normalidade e naturalidade passou a ocupar na tônica dos discursos sobre homossexualidade, principalmente, quando o discurso parece imbricado pela militância quanto pela ciência. Assim, a idéia segundo a qual a natureza é chamada a assumir seu papel enquanto marcador das substâncias sociais – masculinas, diga-se de passagem - é criticado por muitos autores e dos quais eu gostaria de destacar Peter Fry e Edward MacRae e Guy Hocquenghem pela sutileza de suas análises. Assim, para Hocquenghem (1980), essa idéia de naturalidade e normalidade enquanto instituidora da expressão masculina garante que

A [bicha] louca tradicional, simpática ou má, o amador de garotões, o especialista dos mictórios, todos esses tipos coloridos herdados do

séc.XIX, apagam-se diante da modernidade tranqüilizadora do (jovem) homossexual (de 25 a 40 anos), de bigodes e com sua pastinha de executivo debaixo do braço, sem complexos nem afetações, frio e bem educado, publicitário ou balconista de lojas elegantes, inimigo dos excessos, respeitoso em relação ao poder, amante da cultura e de um liberalismo esclarecido. Ponto final no sórdido e no grandioso, no engraçado e no malvado. O próprio sadomasoquismo não é mais do que um traje, uma moda adotada pela bicha louca correta (Hocquenghem, 1980: 123).

Isto significa que a ciência da segunda metade do séc. XX em diante tomará como sua razão a idéia de uma afirmação cheia de orgulho que é preciso incentivar; que é preciso incentivar a assunção de uma verdade, de uma identidade. Que não há nada de errado com a homossexualidade; é preciso, portanto, desmedicalizar e assumir a naturalidade desta homossexualidade; não há nada de errado em amar homens outros homens; é normal, é saudável, é legal. Pecados e anormalidades são mesmo cometidos pela *bicha-louca*, estereótipo do *feminino monstruoso*, que deve ser negado para que o homoerótico caleidoscópico seja posto em novo termo (bem relevado!). Assim é que Fry e MacRae dizem que

[...] é relevante ressaltar que frequentemente embutida nesta nova postura está a adoção de uma identidade também imposta de fora com suas regras pré-estabelecidas. A principal delas sendo aquela que restringe a possibilidade de relações do *gay* somente a pessoas do seu próprio sexo (Fry e MacRae, 1985: 98).

O que é que Fry e MacRae querem dizer com a identidade “*restringe a possibilidade de relações do gay a pessoas do seu próprio sexo*”? Estaria denunciando estudos proselitistas, lobistas como os de Luiz Mott ao regresso a uma ontologização da existência? Dizendo assim estaria Fry e MacRae (1985) negando a identidade gay enquanto instituidora de um ser homossexual? De qualquer forma, os estudos gays enfrentam um estranho jogo lingüístico no qual estão imersos e muito, dificilmente, conseguem emergir com facilidade. Ao mesmo tempo em que encaram o homossexual – na tentativa de livrar-se do essencialismo via construtivismo – enquanto algo que é construído, enxergam esta mesma *struere* enquanto outra dimensão, a da naturalidade.

As loucas, pintosas, bichas, passivas, etc., assim, atualizam-se pelos discursos da masculinidade substancial. Negando aquela (*bicha-louca ou feminino monstruoso*) que, pioneiramente, foi quem abriu as portas para uma determinada afirmação que “se é”, surge o *Novo Gay* afirmador de uma outra condição que militantes engajados diriam fazer parte da ala reacionária, pregadores de que se nasce homem e se deve agir como um homem mesmo amando e gostando de outros homens. Assim, é que

O universitário Raphael Martins, 26 anos, gay, não aderiu à depilação do abdômen; “Pêlos são coisa de homem. **Não tenho nada contra biba, mas gosto de homem**” (Bergamo, 2007). O grifo em negrito é meu.

Outro também universitário tem a mesma reação diante da possibilidade de ser identificado como uma bicha e dispara...

Você é gay? “Como você sabe?”, responde, preocupado, o estudante de marketing Alex Leonardo, 24. Ele esclarece:

“Seguinte, “brother”, sou gay, mas não curto cara afeminado nem bichinha” (Bergamo, 2007).

Estes comportamentos podem ser explicados no que a Allan Johan chamou, ironicamente, de a *Heterolatria no universo gay*. Assim, diz ele que

Entre os homens, tanto ativos quando (sic) passivos, ou versáteis, na grande maioria (sic), desejam (sic) o homem viril, bruto, e se possível “heterossexual” ou “bissexual”. Ser assumido ou afeminado gera um desconforto, um asco que é demonstrado nos círculos sociais, com grande intolerância ao afeminado [...] É preciso deixar claro que a diversidade é característica do meio homossexual e que estes conceitos do homem ter [sic] que ser viril, afeminado ser passivo, vem do próprio heterossexismo, por meio do machismo regente na sociedade. Conceitos como casamento, monogamia, família com filhos, entre outros, são regras que ditam o estilo de vida heterossexual há milênios e que os gays absorveram durante sua educação (Johan, 2008).

É claro o esforço de Johan (2008) em tentar alertar para os “maus” caminhos por onde se enveredou a homossexualidade. A denúncia de Johan (2008) é evidente em relação à doxa, ou seja, não é preciso muito esforço, nem muito tempo gasto nos arquivos à procura de arquivos que comprovem a realidade, a empiria desta denúncia, uma vez que

O gay pode ser espinhudo, calvo, baixinho, tudo, menos feminino. Então, para parecer macho, usa expressões como “E aí, brother?”, engrossa a voz ao telefone e diz: “Sou muito discreto,

ninguém em casa desconfia de nada””, diz o empresário Sérgio di Pietro, 27, dono do disponível.com, o maior site de relacionamento do Brasil, com 300 mil usuários, 90% gays (Bergamo, 2007). O grifo em negrito é meu.

As referências ao masculino *heteroretrô* é uma constante realidade no discurso da *doxa* homossexual; é algo que não pode ser sustentado por força de máscaras, porque facilmente se ‘constata’ que o universo colorido não passa de um mundinho em tons de preto e branco. Pois é, a este respeito de um masculino heteroretrô que

O gay-macho costuma se aferrar a um forte patrulhamento. “Eu não forço nada, tenho um jeito naturalmente masculino. Mas muitos gays imitam homens, outros nem conseguem. Usam bomba pra ficar fortes e, quando abrem a boca, sai aquela vozinha”, diz o universitário. Raphael Martins, 26. Ao posar para a foto, ele cruza os braços, estufa o peito e explica por que não se depila. “Pêlos são coisa de homem. Não tenho nada contra biba, mas gosto de homem. Já peguei cara casado e que namora mulher. **Meu namorado tem atitude de homem** (Bergamo, 2007). O grifo em negrito é meu.

Ironicamente, em “Novas Famílias: Conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo” Luiz Mello diz que

Como destaca Rotello, o fortalecimento identitário proporcionado pelo surgimento do gueto passava a exigir o fim da opressão intrínseca aos contatos sexuais entre gays e heterossexuais. **Na nova política identitária, rompe-se com o estereótipo da**

efeminação e deixa-se de idealizar heterossexuais como ícones sexuais (Mello, 2005: 198-9). O grifo em negrito é meu.

Sem dúvida que o *feminino monstruoso* – como demonstrarei na seção seguinte – será caçado, higienizado, exorcizado para dar livre passagem, livre fluidez aos novos gays, ou como querem alguns, aos novos machos. Quanto a dizer que “*deixa-se de idealizar heterossexuais como ícones*” é um verdadeiro exagero, um verdadeiro absurdo quando a *doxa* homossexual diz justamente o contrário. Assim é que se insurge Johan (2008) ao dizer que

Gays transam com gays, mas bem que gostariam de transar com héteros. Transar com outro homem que tem namorada ou gosta de mulher desperta um maior valor de atração. Gostar de homem é uma coisa, outra é aceitar que pessoas que se consideram heterossexuais e transam com outros homens serem chamadas assim. Tudo bem, cada um faz da vida o que quer, se considera como quiser, **mas isso é estranho quando há uma verdadeira valorização do hétero e um desprezo do homossexual, como, por exemplo, nas capas de revistas gays que estampam modelos heterossexuais, sem camisa, como se aquele objeto de desejo fosse possível e real. Pior ainda quando revistas pornográficas, ou não, pagam altos cachês para idolatrar o macho heterossexual e não o macho homossexual ou mesmo o homossexual afeminado** (Johan, 2008). O grifo em negrito é meu.

Ao que parece, portanto, é que a análise de Mello (2005) foi feita às pressas e isto, talvez, explique o caráter meio romântico dela. A este respeito Fry e MacRae (1985) dizem que

A exploração comercial deste novo mercado também acaba impondo padrões de beleza, consumo e relacionamento, que também se tornam altamente repressivos e prejudiciais àqueles que por razões de posição sócio-econômica, idade, origem étnica, comportamento etc., não se coadunam à moda vigente. Ao mesmo tempo, **a moral sexual normalmente aplicada às relações heterossexuais se impõe cada vez mais sobre os relacionamentos homossexuais. O ideal é o “casal feliz”, o homossexual solitário “promíscuo” é visto como um coitado, na melhor das hipóteses, e como um “desajustado”, na pior.** Os que preferem a companhia sexual de prostitutas ou o “sexo perigoso” com pessoas de outras classes sociais e etnias são também mal vistos por esta ideologia “heterossexual” reproduzida nos meios homossexuais (Fry e MacRae, 1985: 98). O grifo em negrito é meu.

Portanto, crer como parece crer Mello (2005) que se deixou de “*idealizar heterossexuais como ícones*” é meio confuso, porque tanto a *doxa* como alguns autores dizem, enfaticamente, o contrário.

Mesmo nem ainda tendo iniciado o movimento de afirmação homossexual no Brasil Hocquenghem (1985) já falava – para o nosso caso, profeticamente – dos rumos que os movimentos homossexuais no mundo estavam tomando. Exigindo deixar de ser *margem*

para enquadrar-se no *centro*, a homossexualidade vai perder sua especificidade contestatória para dar lugar a um corporativismo tosco em que leis os protegem e o Estado os tipifica. Mas, mais do que isto, Hocquenghem (1985) vai dizer que

Os homossexuais tornam-se indiscerníveis, não porque escondam melhor seu segredo, mas porque se uniformizaram de coração e de corpo, livres da saga do gueto, integralmente reinseridos, não em sua diferença, mas pelo contrário em sua semelhança. E cada um trepará em sua classe social, os executivos dinâmicos respirarão com delícia o cheiro da loção após a barba de seu parceiro e até mesmo o papa não conseguirá mais distinguir nenhuma desordem nisso tudo. Algo muito natural, como diz um filme recente (Hocquenghem, 1980: 124).

A triste narrativa empírica que atingiu a França – do início dos anos 1970 - e descrita por Hocquenghem parece mesmo ser o nosso destino aqui no Brasil. Mesmo que todos os anos os gays venham às ruas com sua passeata (nada *parada!*) – *Gay Pride* - pedindo igualdade de direitos e tolerância à diferença não faz ecoar a nível orgânico nem a igualdade, nem a tolerância. Na verdade, as comunidades gays estão cheias de preconceito, desigualdade e intolerância com todo tipo de diferença. Assim,

As comunidades homossexuais (...) são construídas através da desigualdade, através do racismo, através da violência que as estruturam de modo determinante. **Não é que a violência, a desigualdade e o racismo seja um acidente, uma contingência, um desvio. Nossas comunidades existem, são estruturadas, têm**

suas regras de convivência baseadas na desigualdade (Pinho, 2004: 131 apud. Castro, 2007: 99). O grifo em negrito é meu.

Alguém já disse que a melhor defesa é o ataque. Jogar a culpa pela desgraça gay – pelo fracasso das margens e sucesso do centro - que começou a se acumular já faz alguns anos - é o que “militantes intelectuais” muito bem engajados apelidaram de *heteronormatividade*. Como que é que se explica num *mundo info* como o que vivemos querer justificar práticas sexuais com imposições centralistas? Deste modo, ao que parece, a heteronormatividade funcionaria como uma espécie de termômetro da normalidade e da naturalidade. Mas, só? Talvez, fosse ridículo crer que sim. Por acaso o que chamam de heteronormatividade deveria ser mesmo tratado em termos apenas lógicos ou tradicionais, por comparações de normal e anormal, ou seria inserido numa espécie de paradigma ‘econômico’ que seria preciso proteger e alimentar para que assim esta lógica que, em tese, pareceria apenas sócio-cultural, não emergisse como um profundo rasgo da política econômica denunciando seus conteúdos “profundos”?

Viver em uma determinada cultura que não se escolheu ou pediu; que valoriza relações monogâmicas legitimadas pelas instituições; viver sob os auspícios de uma educação caduca, sob valores tradicionais solidamente firmados é algo muito maior do que a fatídica idéia de que isto seja produto sexual de uma sexualidade centrada; é, talvez, enxergar, como talvez enxergaram Freud e Marcuse, que a sexualidade (reprimida e neurotizada, sublimada) é a causa da civilização e do progresso respectivamente. É, talvez, afirmar a crença numa ordem sexual instituidora do mundo – que se sabe falsa -, da obviedade do mundo; é ainda prosseguir embora que negando esta infeliz *descrença*.

Portanto, os *monstros feminóides e as bichas-loucas* inventados pelos séc. XIX e XX começaram a cumprir um outro papel que é, justamente, de se inconscientizarem, isto é, tornarem-se uma página escrita que é preciso agora esquecer; é preciso, pois, inverter a ordem do mundo, transformar doença em saúde – porque o mundo se tornou mais saudável -, pecado em naturalidade, *monstros feminóides e bichas-loucas* em saudáveis machos gays.

O que se sente ao ler os ‘registros’ da doxa homossexual quanto da ortodoxia científica que trata do mesmo assunto é que se por um lado as queixas aparecem como que

Apesar de todo preconceito enfrentado pela população de gays, lésbicas, transexuais e afins, **o ideal heterossexual se mostra presente tanto em concepções morais quanto no estereótipo de beleza**, causando um verdadeiro culto heterossexista, que cria confusões marcantes na própria cultura gay e na identidade sexual dos indivíduos (Johan, 2008). O grifo em negrito é meu.

Por outro, parece haver uma denúncia de que os responsáveis por esta luta de classes sexuais entre heterossexualização x homossexualização do mundo é mero disfarce para inglês ver, isto é,

Se adotarmos [...] a noção de uma "essência" ou de uma "natureza" homossexual, o movimento homossexual então nos parece como abrigando uma importante contradição em seu seio. De um lado temos o desejo expresso de se acabar radicalmente como qualquer tipo de regulamentação da vida sexual, enquanto por outro lado existe um rígido enforcamento de categorias. No Somos/SP [primeiro grupo político de AFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL],

como em todos os outros grupos homossexuais brasileiros sobre os quais tenho dados, não se permite [ia] a participação de indivíduos que se identifiquem [cassem] como “heterossexuais ”e até os “bissexuais” são encarados com certa reserva e suspeita. O GALF [Grupo de Ação Lésbica Feminista] vai mais além e só admite como integrantes homossexuais femininas. Poder-se-ia acusar estes grupos de estarem de fato reforçando o rótulo “homossexual”, uma forma de controle social, seja ele imposto a um indivíduo por forças sociais externas ou seja ele voluntariamente adotado. **A prática de se "assumir" [ser orgulhoso] encorajada pelos grupos correria então o risco de não ser nada revolucionaria e o que talvez estivesse ocorrendo seria simplesmente uma acomodação de comportamentos e sentimentos, até então em desarmonia com as normas gerais, integrando-as de uma maneira mais funcional a estrutura vigente. Estabelecer-se-iam novos padrões e simplesmente mudar-se-ia de lugar a linha de demarcação entre o permitido e o proibido.** Aceitar-se-ia, por exemplo, o “homossexual comportado”, cujos valores e forma de vida se aproximam bastante das dos heterossexuais, mas continuaria a rejeição daqueles personagens mais incômodos como os travestis, os pedófilos etc. Hocquenghem, um desiludido ex-militante do grupo homossexual francês FHAR [Força Homossexual de Ação Revolucionária] anteviu o momento em que os movimentos feminista e homossexual, com suas contestações sexuais, se

imobilizariam em um novo estatuto que os meios de comunicação do Ocidente tratariam de massificar (MacRae, 2007-8?: 83). O grifo em negrito é meu.

O que aconteceria, talvez, pergunte-se MacRae (2007-8?), com a negação do mundo, ou antes, com a heteronormatividade ou heterossexualização do mundo – se em seu lugar pudéssemos colocar uma espécie de homossexualização do mundo – o mundo é gay! -? Esta pergunta é mais do que óbvia de ordem política de mais uma invenção do mundo, das instituições da obviedade em que as pessoas, ou antes, os indivíduos, seriam reenquandros, assimilados, centralizados ou marginalizados como já acontece, a exemplo, com os bissexuais no universo colorido dos gays.

Enfim, como nos alerta Hocquenghem (1980), sabiamente,

[...] o fim da dissimulação não provirá da supressão destas leis, como teríamos desejado. Infelizmente ele provém sobretudo do enfraquecimento da diferença, através da reciclagem dos desejos homossexuais em uma normalidade um pouco alargada. Provém do fato que em breve não haverá mais nada a ser dissimulado e também mais nada a ser mostrado. **Será o fim dos “monstros”** (Hocquenghem, 1980: 125). O grito em negrito é meu.

Enfim, a masculinização do *monstro femininóide*, da *bicha-louca* porá “fim” à doença que o acometia – um tanto por questões de constitucionalidade e outro tanto por questões de circunstancialidades (vide cap. I) – quanto porá fim numa espécie de política que se esgueirava mais para uma idéia de liberdade (primícias do movimento homossexual no Brasil) que o gay do futuro, o novo gay, o macho, o homem, a normalidade e naturalidade

não conseguirão manter. Assim é que o *fiat lux* do novo gay ou pós-gay insurgir-se-á contra seus ‘antepassados’ contestadores’ e afirmará sua nova condição de sadio, normal e natural produzindo, deste modo, um novo modo de ver o homossexual (igual), mas nem por isso menos monstruoso – uma vez que a monstruosidade vai se inserir em outra dimensão - como antes, nem mais *fantástico* como gostariam.

2. 2. NEM DEUS, NEM O DIABO: O HOMOSSEXUAL REIFICADO

A morte da bicha-louca e a conceição do gay de Estado

Brothers, boys, malucos, manos, velhões, machos, doidos, moral, malandro, etc. são termos atualizados e universalizados para agora ‘tratar’ a *velha bicha – a louca!* – o *monstrinho feminóide* - de voz fanha e fina, emasculada nos modos de ser, *despirocada* nos “moldes” agir e pensar. A reinvenção do masculino no universo homossexual deixou no plano político – de contestação e transgressão a qualquer tipo de normatização e substancialização – um enorme vazio. Talvez, esta reinvenção possa ser explicada diante de um fator que pode ser lido de dois modos, apesar de “lados diferentes” na história, tem a mesma “natureza” causal, a da complementaridade.

A primeira vez, portanto, que se procurou resistir à violência – abuso institucional do Estado - a respeito da homossexualidade foi ainda sob os ventos do *maio de 1968* nos Estados Unidos da América (em 1969) no evento que ficou conhecido como a revolta das *bichas de Stonewall In*. A segunda vez, portanto, que se procurou resistir à violência contra a homossexualidade foi, justamente, com o advento da SIDA logo associada aos gays, à homossexualidade o que marcaria, portanto, mais uma vez à volta da

homossexualidade ao cenário das doenças. Pânico, medo, preconceito, desconhecimento e associações fatais fizeram com que a homossexualidade voltasse quase que a estaca zero no que tinha até os anos 1980 conquistado em termos de aceitação. Os jornais estampavam matérias meio sensacionalistas em que misturava mais outra vez – nunca de fato se separou (jamais fomos modernos!) – discursos moral-religioso e criminologista-científico. Assim, João Silvério Trevisan diz que

Na esteira do medo, naturalmente, a prática homossexual aparecia como a grande vilã, ainda quando não explicitamente. De forma às vezes mais direta, às vezes mais sutil, assistiu-se ao curso de uma série de revisões, em todas as frentes, como tentativas ideológicas de “proteger-se” da epidemia da Aids combatendo o “vírus” da homossexualidade – num fantástico e alarmante processo de inversão. Ante o fantasma da morte, elegeu-se um bode expiatório, como sempre acontece nas grandes calamidades públicas e nas fobias daí resultantes. De execrado, o homossexualismo tornou-se maldito (Trevisan, 2002: 449).

Desta maneira, a liberdade ou pseudoliberdade que os homossexuais viviam é rapidamente associada aos pecados praticados pelos sodomitas de Sodoma e Gomorra e motivo, portanto, para reacender ou abrir velhas feridas que, ao que parece, nem mesmo o grito por liberdade e a prática libertária que alguns gays praticavam foram suficientemente fortes para cicatrizar, fechar, o que no nível da profundidade supurava e fedia.

Novamente associada a uma espécie de doença – e desta vez ao que parece muito mais letal, pois matava em questão de dias – a homossexualidade experimentava mais uma

vez o lado sombrio da ciência religiosa, dos discursos que mais uma vez procuraram reinventar o homossexual como um ser doente, contagioso, causador das desgraças; pecadores que agora pela segunda vez provocaram a ira divina com seus “impronunciáveis pecados”. Eram eles, os homossexuais, os causadores deste estado lamentável que se encontrava agora a sociedade, as famílias, etc. assim,

[...] pouco depois, o então arcebispo de Porto Alegre, D. Cláudio Colling, manifestava revolta contra as campanhas de combate à Aids – “coisa indecente, falando em coito anal e bucal” – e dizia que diante delas dava “vontade de sair com uma faquinha bem afiada”, certamente para resolver o problema de modo mais direto. E, sem se conter, juntou que às vezes tinha “vontade de ser um Hitler, que capava os bichos e esterilizava as mulheres”. Brandindo o Levítico bíblico e citando a condenação de Sodoma, o jornalista Paulo Francis reclamava, pelos jornais, do dinheiro gasto com a Aids [...] Indignado contra a “letalidade” da Sodomia, Paulo Francis, então jornalista de maior prestígio no país [...] assegurava que “é raríssimo, num ato sexual, mulher contrair Aids, ainda que seja sodomizada, porque sua anatomia tem mais defesas do que a masculina (Trevisan, 2002: 451).

Em ambiente agora, então, tão adverso e desconhecido – causado pela SIDA – era preciso rever posições, conceitos. O que inicialmente era motivo de orgulho – o deboche, o desbunde, o enfretamento, a gargalhada ao óbvio, as contravenções simbólicas, o boom, todo tipo de transgressão – agora era motivo de contingências. Não se sabia o “causador” deste mal. Os mais apressados e religiosos apontavam causas morais – devido a liberdade

em que se viveu e conviveu na sociedade de então – final da década de 1960 e durante toda a década de 1970 -, mas não sabia ao certo, uma vez que, a ciência também não sabia do que se tratava, enfim.

Portanto, a SIDA não só trouxe, novamente, a figura do homossexual doente, como exigiu – como exigia a medicina do final do séc. XIX e primeira metade do séc. XX – a abstinência sexual – normatizando comportamentos e ‘tolhendo’ as liberdades -, recomendava pouco ou nenhum sexo. Novamente, o sexo e a sexualidade publicamente e lentamente começava a trilhar os percursos da reinvenção científica que, mais uma vez, seria preciso neste mesmo percurso expurgar a associação da homossexualidade com a idéia de doença e fraquezas moral e física. Assim é que na ânsia de depurar a homossexualidade das associações que a recolocavam no seu *lugar de origem* iniciar-se-á também uma verdadeira caça às *bichas-loucas*, *passivas* e sobrevalorizará o estético macho heterossexual tanto do ponto de vista moral – de suas ações, idéias e pensamento – quanto do ponto de vista físico – forte, musculoso, voz grave, etc. -. Portanto, é neste cenário em que forças se espoliam e se atraem que o homossexual passa para a *reificação* simbólica, sugado pelo centro e seus métodos de decantação são usados para consubstanciar a *liquidez* de novíssimos atos e hábitos.

2.2.1. A MORTE DA BICHA-LOUCA E A CONCEIÇÃO DO GAY DE ESTADO

Uma espécie de “movimento” de masculinização ou purificação da homossexualidade – iniciado ainda dos anos de 1980 – após quase trinta anos parece ter encontrado um lugar confortável para se apoiar. Esta *vontade de querer* desvincular a doença que emprestara metaforicamente sua face para explicar e definir um determinado

ser ‘determinará’ não apenas o querer curar, mas o querer confeccionar esta nova criatura, este novo ser nos moldes, num padrão em que a normalidade lhe sorrir. Disto, quiçá, possa-se explicar esta *vontade de querer* ser outra coisa além – como parece querer o termo *pós-gay* – ou mesmo como procura demonstrar o *novo gay* num claro desejo de voltar às suas origens ontológicas.

Assim, bela e dramaticamente Nestor Perlongher reconstrói o cenário obrigado a ser abandonado pelos *novos ou pós-gays*; descreve o modo como o colorido e pitoresco, o alegre e o triste, o velho e novo abraçam e cantam – como cisne branco – a valsa do adeus. A forma melodramática, saudosa talvez, encha-se de poesia para cantar um momento que, possivelmente, ficará preso nos livros de história, de uma história tão triste quanto alegre e que faz do seu autor célebre pelas célebres imagens que confecciona para mostrar o “fim” de algo grandioso e que na literatura, por exemplo, de Caio Fernando Abreu poder-se-ia finalizar, gravemente, como a queda de um “*figo em mil pedaços sangrentos*”. Assim, diz-nos

Archipiélagos de lentejuelas, tocados de plumas iridiscentes (en cada vertebración de la cadera trepidante, las galas de cien flamencos que flotan en el aire tornado un polvo rosa), constelaciones de purpurinas haciendo del rostro una máscara más, toda una mampostería kitsch, de una impostada delicadeza, de una estridencia artificiosa, se derrumba bajo el impacto (digámoslo) de la muerte. La homosexualidad (al menos la homosexualidad masculina, que de ella se trata) desaparece del escenario que tan rebuscadamente había montado, hace mutis por el foro, se borra

como la esfumación de un pincelito en torno de la pestaña acalambrada, acaramelada. Toda esa melosidad relajante de pañuelitos y papel picado irrumpiendo en la paz conyugal del dormitorio, por ellas (o por ellos: ah, las elláceas), a gacelas subidas y por toros asidas y rasgadas, convertido en un campo de batallas de almohadones rellenos de copos de algodón hecho de azúcares pero en el fondo, siempre, como un dejo de hiel, toda esa parafernalia de simulaciones escénicas jugadas normalmente en torno de los chistes de la identidad sexual, derrumbase –diríamos, por inercia del sentido, con estrépito, pero en verdad casi suavemente–, en un desfallecimiento general. La decadencia sería romántica si no fuese tan transparente, tan obscena en su translucidez de polietileno alcanforado. Desvanécese, pero sin descender a los abismos de donde supónese emergida gracias al escándalo de la liberación, sino yéndose, deshilachándose en un declive casi horizontal continuando cierta existencia menor –de una manera, claro está, atenuada, levísima como la difuminación de un esfumino – en una suerte de callado cuarto al lado –el cuarto de Virginia Wolf, tal vez, pero en silencio, habiendo renunciado a los célebres y conmovedores parties (Perlongher, 1991).

É preciso dizer, portanto, que nesta *ópera sexual* – ao que parece de cunho melodramático - o que se encerra é menos uma cena do que um ato. É preciso dizer,

portanto, que o que Perlongher (1991) descreve é o momento de um sepultamento glorioso. Isto é evidente no que eles mesmo – Perlongher (1991) – considera quando diz que

Es preciso aclarar: lo que desaparece no es tanto la práctica de las uniones de los cuerpos del mismo sexo genital, en este caso cuerpos masculinos (y de la parodia, renegación y franeleo de ésta dada –en El sentido de don– masculinidad, trata en abundancia su imaginario), sino la fiesta del apogeo, el interminable festejo de la emergencia a la luz del día, en lo que fue considerado como el mayor acontecimiento del siglo XX: la salida de la homosexualidad a la luz resplandeciente de la escena pública, los clamores esplendorosos del –dirían en la época de Wilde– amor que no se atreve a decir su nombre. No solamente se ha atrevido a decirlo, sino que lo ha ululado en la vocinglería del exceso. Acaba, podría decirse, la fiesta de la orgía homosexual, y con ella se termina (¿acaso no era su expresión más chocante y radical?) la revolución sexual que sacudió a Occidente en el curso de este tan vapuleado siglo (Perlongher,1991).

Guy Hocquenghem (1980) já havia antecipado Perlongher (1991) em quase duas décadas quando apontava que sobre o que começava a se tornar padrão em seu país (França). Falava num tipo de “homossexualismo (sic) branco” para identificar o

[...] homossexual do Estado, integrado ao Estado, modelado pelo Estado e próximo dele através de seus gostos, tranqüilizado pela presença no poder de algum ministro homossexual e que se assume

(não estamos na IV República, e o homossexualismo (sic) já não é mais um segredo) substitui progressivamente a diversidade barroca dos estilos homossexuais tradicionais (Hocquenghem, 1980: 123).

Poder-se-ia imaginar que por estas citações a realidade seja bastante diferente e que os homossexuais – pelo que foram no passado – continuem alimentando a diversidade de estilos barrocos, ainda continuem desmunhecando e abonecando, transgredindo as normas instituidoras de um saber naturalizante de um ser-homossexual-legal. Mas, a *doxa* homossexual é bastante categórica, não apela, nem faz gênero científico, não faz pose para parecer menos ruim.

Assim, não é demasiadamente estranho que os ataques de homofobia e intolerância contra a diversidade tão falsamente defendida por militantes lobistas, vez por outra deixe escapar discriminações e intolerâncias na mídia. Um bom exemplo disto vem do movimento homossexual brasileiro, especificamente, do Grupo Gay da Bahia, que na figura representativa do professor e militante gay Luiz Mott dispara contra o homossexual assumido Clodovil Hernandez quando de seu falecimento nos seguintes termos:

O fundador do Grupo Gay da Bahia (GGB) sintetiza a personalidade do ex-deputado [Clodovil Hernandez já morto]: - **Infelizmente, foi um gay alienado, exibicionista e que desperdiçou sua inteligência e sua audácia em favor de um projeto de vida furado, completamente ultrapassado e elitista.** Foi uma inteligência mal aproveitada. Além do fato de ter dado visibilidade ao **modelo de vivência homossexual já ultrapassado, a bicha desmunhecada que alfineta a todo mundo, de Marta**

Suplicy ao movimento GLBT, não vejo nenhuma contribuição de Clodovil, à exceção do projeto do exame de próstata, que ele tentou facilitar no Brasil - avalia Mott (Leal, 2009). Os grifos em negrito são meus.

Talvez, militantes seguidores de Luiz Mott e do Grupo Gay da Bahia ao lerem esta notícia no portal *Terra* não tenham se sentidos ofendidos, afinal de contas, parece não haver mais espaço para a bichas de antanho, isto é, aquelas bichas que segundo Luiz Mott (apud. Leal, 2009) de cujo “modelo de vivência homossexual já [é] ultrapassado”. Assim, ficam demasiadamente evidente as divisões nos grupos homossexuais que lutam em prol de um mundo melhor cheio de um colorido falso e de uma estilística medonha, quanto de uma lingüística feiosa. O processo de masculinização da *bicha-louca ou monstro feminóide* armou a população – que necessitava ser higienizada... Haja *snob* – contra os *maus hábitos* de uma ‘população’ de ‘loucas’ antigas, *desmunhecadas* e para não esquecer com um estilo bem ***ultrapassado e elitista*** – Ave Luiz Mott! -.

Fica a dúvida se, realmente, a idéia levantada por Butler (2003) sobre a ***compulsoriedade heterossexual*** é apenas tecnologia das instituições legais. Ao que parece, o mundo G (gay) aprendeu rapidinho com sua irmã como enquadrar, exigir, formatar para os *padrões da hora* a nova bicha – antes, *novo gay ou pós-gay* - ou como quer Hocquenghem (1980) o *homossexual branco* embora Mott (2005) prefira chamar de *homossexual-legal*.

Apesar de todos os indícios mostrarem que o mundo multicolorido dos gays não ser o caminho do tão sonhado paraíso perdido cheios de Adãos e Evas beliscando-se e apalpando traseiros muito bem modelados; apesar da *mídia fake* querer nos fazer ‘ver’ um mundo em

que a realidade é tão tolerante quanto plural; a empiria põe por terra seu discurso, cheio de parvoíces deleitosas, impecáveis, cheio de maminhas delicadas e beijinhos à la carte destituído das pressões compulsórias do “se tornar ser” como até aqui já vim demonstrando tanto em textos científicos como pela doxa homossexual o estado em que se acha o universo *high-camp* dos *queers* brasileiros para não “causar” mais, uma vez que, o motivo de sua “causa” fora já arrancado *a radice*.

Assim, Rafael Galvão lamenta ao constatar que,

É muito fácil aceitar homossexuais machos como Heath Ledger e Jake Gyllenhaal (aparentemente mais machos até que eu, este velho porco chauvinista odiado por pseudo-feministas de caixas de comentários, porque eu não falo grosso daquele jeito), ou lésbicas extremamente femininas e bonitas como as que de vez em quando colam um velcro discreto nas novelas das oito. Levantar a voz para dizer que não não vê estranheza nesses casais é muito fácil, porque isso não representa nenhuma superação dos próprios preconceitos. Difícil, mesmo, é se sentir à vontade — ou pelo menos tolerar, de verdade — com a bichona que mora no apartamento do lado e tem um comportamento que, definitivamente, lhe incomoda — aquelas festas noite adentro ao som de Maria Bethânia e risadas quase histéricas. **A bicha cheia de trejeitos, escandalosa, às vezes apenas uma caricatura de mulher, essa não aparece nos filmes, a não ser como motivo de riso.** Porque, se aparecesse, não despertaria os mesmos bons sentimentos em uma sociedade que,

por mais que se orgulhe de defender obviedades como a união civil homossexual, ainda cuida para que seus filhos mantenham distância do tio viado (Galvão, 2007).

Não teria Galvão (2007) razão com toda sua acidez ao ler as notícias pelos portais ou em pequenas revistas destinadas ao público gay notícias de que

A estética da “masculinidade comum de dois” [tanto a heterossexual quando a homossexual] mistura roupas de grife com um linguajar deliberadamente “malandro” (“Beleza véio?”; “Fala mano!”; “Firmeza?”), gírias abrutalhadas (“saradaço”, “bombadão”) e signos de macheza, como orelhas amassadas e cachorros malvados (casualmente, um dos maiores chamarizes em sites de busca homossexual é o nickname “Jiu-Jitsu”) (Bergamo, 2007).

De todo o exposto parece que o que sobressai é a idéia segundo a qual a subjetividade dos sujeitos tem de estar sujeitada à personalidade de um *partido* cuja liderança, facilmente, confunde-se com a de *conselheiro* muito bem intencionado. Afinal, não é por isto que, justamente, Luiz Mott ataca Clodovil Hernandez? Não fora o próprio Clodovil quem tantas vezes resistiu a ser engajado numa “causa” com a qual não concordava – por suas razões subjetivas, seus valores éticos e morais -? E não fora só por isto que o militante e professor da Bahia não o respeitou nem em memória dizendo a seu respeito todas aquelas barbaridades? E por quê? Mais do que evidente, Clodovil não quis gozar da liberdade dos pastos que o movimento lhe oferecia preferindo, portanto, ficar do outro lado da cerca, talvez, rindo ou chorando, mas isto só Deus sabe.

O fato é de uma evidência tão gritante no discurso tão “bem mal” elaborado por Luiz Mott sobre Clodovil que me fez pensar em Hocquenghem (1980) quando diz que

É errado permanecer ligado à idéia de que os homossexuais respondem pelos homossexuais, os heterossexuais pelos heterossexuais e as mulheres pelas mulheres. Parece-me que já está na hora de perceber que o mundo caminha, e caminha muito depressa. Não existe um estatuto sexual definitivo. “Toda minha vida como homossexual” é uma representação um tanto repressiva. Não serei durante toda minha vida semelhante a mim mesmo, na projeção indefinida dos mesmos atos (Hocquenghem, 1980: 79). Os grifos em negrito são meus.

E ainda diz que

Fomos muito perturbados e prejudicados por uma teoria freudiana, que aliás não é a de Freud, e que fez com que atribuíssemos à sexualidade um papel capital em todos os nossos atos. Tudo é explicado pelo cu. Isso me parece uma loucura. Somos capazes de ter também outra coisa além da sexualidade ou dos impulsos sexuais, quaisquer que sejam eles. O homem não é movido unicamente por seus impulsos sexuais. Eles exercem um papel muito importante, concordo, mas não acredito que seja o único impulso humano (Id. Ibidem: 73).

Para a sociedade brasileira como um todo parece que estas novas imagens de um gay saudável, sem efeminamentos, trejeitos, desmunhecações, sem inscrições corporais da

metafórica doença que lhe servia de embrulho identificatório, sem o amaneiramento *psicolingüístico* tão comum em “meninos mais delicados” o gay machão, bombadão, másculo, exagerado ator de si mesmo, tornou-se o ideal alcançável por horas a fio nas academias de ginásticas e com seções *psicofônicas* bem temperadas com algum babalorixá ou com algum fonoaudiólogo especialista em metamorfoses fônicas.

Esta *nova criatura* deixou de fato para trás, quer dizer, lançou para a lata do lixo da história a figura *mitopoética* da bicha-louca que ousava com toda a sua irreverência transgredir – também por força de uma época histórica – as leis, modos e modas, hábitos e costumes de uma sociedade, mas que tudo isto hoje só pode ser vivido nos livros mal escritos de História ou nas gramáticas antológicas da sociologia do crime, da morte, da sexualidade.

Assim, em alguns depoimentos sobre os *homens afetados, amaneirados, bichinhas, passivinhas desmunhecadas, bichonas*, etc., aparecem conclusões interessantes marcadoras de um trabalho iniciado desde a década de 1980, mas que só começa colher sua safra agora. Deste modo, André, um comentador da matéria escrita por Allan Johan para a revista “Lado A” explica que,

[...] eu por exemplo não sou afeminado... nem curto... mas nada contra, cada pessoa tem a liberdade de escolher (sic) o seu jeito, estilo de vida como quiser, mas **eu particularmente gosto de homens e de homens repito, se quiser buscar uma imagem feminina [...] recorreria a própria mulher...**jeito delicado e tal... Algo do tipo (apud. Johan, 2008). O grifo em negrito é meu.

Alguns estudiosos perceberam os rumos que o então movimento gay no Brasil estava tomando. Denunciaram a camisa de força em que estavam se metendo. Talvez, não imaginasse que o futuro reservasse algo ainda mais tenebroso. A afirmação e o orgulho desta afirmação inquietaram alguns militantes do período que passaram a denunciar a assunção de uma camisa-de-força identitária que – como a outra – não libertava o homossexual, mas o reinseria numa dimensão lógica que apesar de se achar em pólo oposto – ao heterossexual - era produto de uma mesma raiz: normatização. Alguns estudiosos mais atentos prestaram atenção no discurso dos franceses que já haviam passado por esta experiência de modo muito mal sucedida.

Este fato é registrado por Trevisan (2002) quando nos diz que

Na esteira das reflexões do francês Michel Foucault [creio que também de Guy Hocquenghem], sobretudo, esses estudiosos [Trevisan se refere a Edward MacRae e Peter Fry] partiam do pressuposto de que o liberacionismo homossexual incentivava a formação de uma “identidade guei” e, portanto, estaria reinstaurando a função normatizadora dos médicos e psiquiatras, por colocar a sexualidade dentro de definições e categorias estritas. Assim, sua crítica centrava-se contra a ideologia identitária, que levaria a uma nova compartimentalização e a uma nova forma de poder [...] Além do mais, ao fugirem do espinhoso problema da “identidade guei” como o diabo foge da cruz, suspeito que tais estudiosos reproduziram um antigo pudor universitário e, com isso,

o enrustimento como estilo de vida comum entre homossexuais de antanho (Trevisan, 2002: 370-71).

Portanto, a denúncia de que a homossexualidade no Brasil tomaria o mesmo destino que acometera os homossexuais franceses desde a fundação da FHAR – mesmo que o movimento brasileiro não tivesse fechado nenhum acordo político com partidários da esquerda, nem da direita como frisa efusivamente tão bem Trevisan (2002) -, mas ao adotar uma espécie de marca identificatória, inventar um sentimento pelo qual se deveria sentir-se gay, inventar um híbrido de contestação – lutar por uma definição, institucionalizá-la - e resignação – aceitar a instituição de uma prática sexual como a verdade do sexo - o movimento homossexual brasileiro estava fadado ao fracasso e sendo, aos poucos, colonizado sem que ‘pudesse’ perceber. Portanto, no lugar da vergonha (de ser homossexual) era preciso que o orgulho viesse habitar. E assim, esse orgulho – o Gay Pride – está em íntima relação com a manutenção e a assunção de uma verdade sexual homossexual.

2.3.1 A ASSUNÇÃO FORÇADA

A identidade é uma essência: negada?

Bicha ou, simplesmente, gay? *Viado* ou, simplesmente, *boga*? *Passivo* ou *ativo*? *Homossexual* ou *homoerótico*? Pouco importa o tratamento lingüístico que se lhes dê, uma vez que, a mudança lingüística ou do tratamento lingüístico que se lhes dispense não mudará a realidade de que é preciso identificar e ser identificado. É preciso, portanto, ter em mente o padrão capaz de reconhecer sem perturbações neuronais a formatação da

assunção; o jeito pelo qual se identifica, genericamente, um gay, ou antes, a maneira e/ou modo violento pelo qual uma pessoa é identificada, enquadrada, valorizada. Mas, na verdade, não é bem a pessoa o que se taxa, identifica, enquadra, valoriza, mas ainda – e por mais que se bata e se rebata – continua no campo do estranho, do anormal e do não natural, pois é preciso enxergar, ver, procurar o que não é evidentemente ‘notado’ ou inscrito no corpo e na mente.

Curioso é que, antes, o homossexualismo (do séc. XIX início do séc. XX) para ser assim tratado passava por alguns exames que iam de testes antropométricos à coleta de material nos canais seminíferos. Com a virada cultural dos anos 1960 – especificamente, com os acontecimentos de maio de 1968 – a homossexualidade veio misturar-se fortemente com concepções menos científicas e mais ideológicas por assim dizer. Identificava-se, então, o homossexual – entendido, fresco, frango, etc. – por seus trejeitos emasculados, pelo seu olhar lúgubre, uma espécie de ser doidão por sexo, flanando em busca de uma teta moreninha e máscula na qual pudesse pousar a cabeça e descansar tranquilamente. A concepção geral de viados, ainda assim, era de doentes mentais com algum grau de degeneração menos orgânica do que moral. Estas imagens que sobejavam ainda no Brasil da segunda metade do séc. XX precisavam ser expurgadas, depuradas. Talvez, a melhor forma de fazer este trabalho fosse mesmo por meio da imprensa. Afirmava-se a condição de homossexual livre de patologizações e etiologizações de seu desejo negando aquelas outras. Assim é que o famoso jornalista do jornal *Última Hora* (de São Paulo), Celso Cury, criador da famosa *Coluna do Meio* – coluna jornalística especificamente dirigida aos homossexuais – pensava sobre a homossexualidade de seu tempo. Em uma matéria intitulada “*A explosão*

do *homossexualismo*” publicada da revista Nova (Ed. De agosto de 1977) Celso é um dos entrevistados e relata que:

Eu acho que está havendo não um aumento do homossexualismo (sic), mas um aumento do número de pessoas que já declaram, publicamente, que são homossexuais. Ou, se não declaram, pelo menos não escondem (...) A existência da coluna [a “Coluna do meio”] é uma prova de que a mentalidade das pessoas está mudando, e já não se aceitam tão facilmente as velhas idéias de que a homossexualidade é doença. Só que, alto lá: estou falando que há uma mudança, mas não é para ser entendida e lida com um *playback* de trombone: é uma mudancinha. Temos ainda muito o que fazer. (...) Não defendo um movimento gay, no Brasil. As pessoas precisam primeiro tomar consciência de que sua condição não é doença, para poderem saber, mais tarde, o que reivindicar. (...) Vejo mudança (...). **Embora o gênero *bicha* ainda dê cartaz por aí –, digo a *bichona* bem saidona, o homossexual pintoso –, essa é uma raça em extinção. Por quê? Justamente porque a mentalidade das pessoas está mudando.** Há tempos atrás, por pura necessidade de identificação, quem era homossexual exibia sua condição. Desmunhecava, e pronto. Hoje não, o preconceito está diminuindo, não é preciso mais exteriorizar o que o cara é: aliás, apenas o que ele, ou ela, são, na cama. **Pois, o resto é igual** (apud. Green e Polito, 2006: s/p). Os grifos em negrito são meus.

Os termos usados de modo tão desencorajado, de maneira tão pejorativa – *bichona bem saidona e homossexual pinto* – ajudarão na confecção do macho homossexual de verdade; aquele que jamais poderia lembrar, nem mesmo residualmente, aquelas figuras de proas que bateram de frente com as instituições.

Assim, o jornal *Lampião da Esquina*, nesta mesma linha de combate aos estereótipos em seu editorial de nº. 0 de abril de 1978 diz que

O que nos interessa é **destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual**, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência homossexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos (sic) e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. Para acabar com essa imagem-padrão, *O Lampião* não pretende soluçar (sic) a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. **E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz.** A essa minoria não interessam posições como as dos que aderindo ao sistema – do qual se tornam apenas “bobos da corte” –, declaram-se, por ledor engano, livres de toda discriminação e com acesso a amplas oportunidades; **o que *O Lampião* reivindica**

em nome dessa minoria é não apenas se *assumir* e ser *aceito* – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal [...] Mostrando que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais; que ele não quer viver em guetos, **nem erguer bandeiras que o estigmatizem**; que ele não é um eleito nem um maldito; e que sua preferência sexual deve ser vista dentro do contexto psicossocial de uma humanidade como um dos muitos traços que um caráter pode ter, *O lampião* deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos (apud. Green e Polito, 2006: 184-185).

Trevisan (2002) criticando, por exemplo, posturas intelectualóides de alguns antropólogos a respeito da fixação identitária gay, então, em curso no país, parece fechar os olhos para o seu jornal *Lampião da Esquina*. Enfim, o desejo de não levantar nenhuma bandeira para minorias era, realmente, um grande avanço... No entanto, o *arco-íris* se tornou o grande destino. Enfim, os anos seguintes demonstrariam que as “bichas” intelectualizadas e artistas de *Lampião* faleceriam de tédio, se não tivessem falecidos naturalmente (simbolicamente, claro), uma vez que, suas “sucessoras” não aceitaram seus

ditames – digamos artístico-intelectuais – e preferiram polarizar em dois ambientes – mas cursando para a superação de um dos – estes padrões que os *lampiônicos* desejavam negar em prol de uma *identidade* ao sabor da boa língua.

2.3.2 “IDENTIFICAÇÕES DESGOVERNADAS: TU ÉS GAY QUE EU SEI”

Do estereótipo ao Caleidoscópio

Não é novidade – pelo menos para os estudiosos de homo-sexualidade – que as identificações desgobernadas gays tomam conta do nosso imaginário – como se fossem uma metástase – e, talvez, isto também se dê por conta de um estereótipo que, como vimos, não é invenção de nosso tempo presente, mas invenções elaboradas e, ricamente, mantidas, temporalmente, sendo que em alguns casos, atualizadas.

O fato é que, – e a empiria demonstra facilmente – por qualquer gesto mais delicado ou uma *fanhosidade* ou nasalação no falar, logo a pessoa assim identificada é taxada de gay – o sinal está na fala! -. Mas, não só. A indústria – de bebidas e cigarros - tem promovido, talvez, até sem perceber (que pueril que sou!) uma espécie também de marca – como o triângulo rosa nazista, mas muito bem disfarçado - ao alienar o que se poderia chamar de uma *identidade gay* para os produtos que ela fabrica. Assim, o que significa – além de todo dividendo econômico que se pode tirar disto como a exploração do trabalhador e a mais-valia (marxista, não?!) – o lançamento no mercado de uma espécie de cigarro gay? O que se deseja para além do “*simples*” comércio destes produtos, *ao marcá-los*, com símbolos de um universo, o universo gay?

O Mix Brasil editou uma matéria intitulada Guara Gay que diz:

Guara Gay é o nome do primeiro refresco gay produzido em escala industrial no Brasil o mesmo fabricante do Guaravita e Guaraviton [heterossexuais, *por supuesto!*] refresco a base de guaraná vendidos em copos plásticos anunciou o lançamento da versão gay de seu guaraná, o Guara Gay. É o primeiro refresco produzido industrialmente no Brasil dedicado a este público. Além do Guara Gay, o Pride Enérgico está ganhando espaço nos clubes e lojas de conveniência do país. A empresa que produz **o Guara Gay é de propriedade do carioca Neville Proa, e criou o refresco "gay" com o mesmo sabor do Guaravita, porém com rótulo próprio baseado nas cores do arco-íris.** "Eu já tinha o registro do nome e pensei em passar a produzir a bebida de guaraná em copo. Ainda não há uma venda expressiva e, no momento, o que percebo é que muitos compram o Guara Gay para fazer uma brincadeira com os amigos, com o chefe. E, assim, o produto vai sendo conhecido", disse Neville ao jornal O Globo (Mix Brasil). O grifo em negrito é meu.

Curiosidades à parte, o fato é que o dono da tal marca nova sequer se deu ao luxo de mudar o sabor do *refresco*. Ao que parece, compra-se a embalagem gay, mas se toma o sabor heterossexual. O produto parece muito mais destinado ao sarro e deboche, ao chiste do que à defesa de alguma causa – contribuir para tal - gay específica. Estaria o *Pride Enérgico* de sabor heterossexual tentando *converter* os gays por meio de sua substância?

Na Europa a “sensibilidade” das bebidas é um pouco mais quente. O portal *Universo Mix* de 27/05/2008 trouxe mais uma novidade para o público gay brasileiro apreciar. Infelizmente, que só poderá ser apreciado de longe, uma vez que, o novo produto circula apenas em países civilizados da Europa. A matéria diz o seguinte:

A **Absolut Vodka** lançou uma série em homenagem aos homossexuais. Com o rótulo nas cores da bandeira gay, a fabricante sueca comemora 30 anos de apoio a eventos e cultura gays. “Quando começamos a dar apoio aos direitos gays há 30 anos fomos ousados. Não podemos esquecer daqueles gloriosos dias. Para nós, a Absolut é uma maneira natural de inspirar as pessoas para que deixem suas cores brilharem e serem elas mesmas”, explicou Nina Gillsvick, diretora da empresa. **No rótulo há uma mensagem de respeito à diversidade onde estampa o seguinte:** “**No mundo Absolut todo mundo é encorajado a ser o que é. Esse mundo é respeitoso às suas cores e diversidade. Tenha orgulho do que você é, deixe suas cores brilharem. A Absolut é consumida por pessoas orgulhosas assim desde 1879.**” A série Diversidade é limitada e na Espanha será lançada no próximo dia 10 de junho (Universo Mix). O grifo em negrito é meu.

Enfim, parece que a *Absolut* parece dizer: *beba-se ou beba de você mesmo* (narcisista, não?). Talvez, a pergunta crucial que tem de ser feita seja: para o mundo gay – conhecido antes de tudo por suas pregações da diversidade – o que significa, então, aceitar e louvar a individualização e especificação de produtos destinados ao seu público? Se por

um lado esta idéia é vendida como reconhecimento e contribuição a uma determinada causa – a gay, neste caso -, por outro, o produto marca como fizera o nazismo de Hitler com o triângulo rosa, isto é, além dentre outras coisas, também segrega.

Assim é que em uma matéria bem pequena na *versão online* – de 1/6/2009 - a revista *A Capa* traz o fotógrafo Terry Richardson que ao comentar sobre os produtos gay diz que,

O fotógrafo norte-americano Terry Richardson esteve no Brasil para fazer as fotos da nova campanha da grife Forum. Aos 44 anos, Richardson mudou a cara da fotografia nos anos 90 com imagens diretas, realistas e com forte teor sexual. Terry tem uma relação especial com o Brasil. Em 2008 ele lançou o livro "Rio Cidade Maravilhosa", com fotos de várias personalidades, entre elas Cauã Reymond. Pois bem, o fotógrafo é um dos entrevistados da última edição da revista Serafina, publicação mensal do jornal Folha de São Paulo. Na conversa ele fala sobre o processo de desnude dos seus trabalhos, de ter fotografado Yasmin Brunet e também sobre as revistas gays. O jornalista Alcino Leite Neto comenta com o artista que "no Brasil há revistas gays que optam por fazer fotos eróticas de rapazes, mas sem mostrar as partes íntimas". "As pessoas ainda têm medo ou vergonha do sexo?", pergunta o jornalista. Eis que o fotógrafo responde: **"As revistas gays estão sempre preocupadas e não querem ouvir comentários como 'ah, isso é muito gay', ué, mas não é esse o propósito?"**. Em seguida, Richardson conclui que acha tudo isso "muito engraçado, porque você abre o jornal e vê

violência, tortura e pessoas mortas". O fotógrafo reflete e diz ainda que no "**fim das contas, as revistas têm a ver com dinheiro e anunciantes**". "**Dependendo do conteúdo, ela pode ter problemas e perder anúncios. Elas são um negócio, não uma arte**", finaliza (A Capa, versão online). Os grifos em negrito são meus.

É bastante contundente a fala do Terry. É contundente também a fala do dono do Guara Gay quando diz que "*muitos compram o Guara Gay para fazer uma brincadeira com os amigos, com o chefe*" – enfim, a homossexualidade é motivo de piada -. E assim estes produtos vêm para a ordem do discurso como uma espécie de instrumento – que marca - pelo qual tornam as pessoas competentes para identificar possivelmente pessoas gays – potenciais discriminados! -. Isto significa não apenas a identificação, o olhar e dizer que tal pessoa é ou não é gay. Nesta perspectiva instrumentalizadora em que se pode marcar e identificar gays através de mecanismos de descoberta o que significa, então, o **saber** – o produto que aliena e especifica uma identidade (gay) diante do qual se olha?

Se olhássemos, então, apenas pela perspectiva econômica como faz Terry os produtos gays – mecanismos de identificações desgovernadas – seriam apenas um meio pelo qual os produtos não são arte – de fato, a arte requer características anímicas de quem a produz -, mas apenas produtos, mercadoria, ou como gostariam os materialistas: "trabalho gay alienado". Isto, talvez, pudesse ser comprovado com o que disse Terry: "*As revistas gays estão sempre preocupadas e não querem ouvir comentários como 'ah, isso é muito gay'*" – eliminar, portanto, ao máximo, a personalidade, ainda mais, a subjetividade daquilo que produz para o comércio, neste caso, a identidade encarada como um negócio,

altamente, rentável, diga-se de passagem. Esta visão – pelo menos a respeito do poder – lançar-nos-ia num jogo bivalente de forças. Analisar, portanto, este outro lado do “negócio” por uma perspectiva mais larga a respeito do poder nos põe em uma condição melhor de visualizarmos outros perímetros que só pela leitura materialista não conseguiríamos.

Há, portanto, para além desta perspectiva econômica alienante outra característica que precisa ser ressaltada que é, justamente, o lugar da produção discursiva destes produtos. Assim, como não cremos que o mundo seja constituído apenas por esta bipolaridade escolarizada, ou antes, *classificada*, mas antes, como queremos admitir, o mundo parece mesmo – e principalmente o mundo pós-industrial, pós-moderno, etc. – constituir-se de uma multiplicidade de correlações na qual vem se inserir as relações de *potência*, ou antes, as relações múltiplas de poder, assim, estes produtos poderiam ser lidos numa perspectiva ou como um modo pelo qual a multiplicidade discursiva e inventiva – desde a perspectiva de poder foucaultiana que usamos - sobre a homossexualidade vem nela se inscrever já sob a autoridade do saber. Daí da Vodca Absolut dizer em seu rótulo “*No mundo Absolut todo mundo é encorajado a ser o que é*”. A ciência da segunda metade do séc. XX em diante encorajou – através do monstro que ajudou a reinventar – a ser o que se é. *Enrustindo* através de novos termos – *performance lingüística* – o vocabulário essencialista a ciência – da segunda metade do séc. XX em diante - deu livre vazão ao monstro feminóide dentro de cercas mais espessas com língua e pasto (significado) aparentemente diferentes. Assim é que “ser o que se é” aparece não raramente em ensaios, dissertações, teses, - também nas mercadorias gays - etc., trabalhos, enfim, que tentam dar conta a respeito da homossexualidade – forçando os gays cada vez mais a afirmar esta identidade inventada -. “*Ser o que é*” ganha nova roupagem de *condição, orientação, construção*, mas que não

consegue esconder que por trás de toda esta performatividade lingüístico-criativa há também um *fantástico aparente* que ela mesma o inventou e impõe; pelo menos ao que parece, é incapaz de disfarçar – como os médicos legistas, os antropólogos da biologia, os psiquiatras do corpo e da alma – também o desejo de reter para si (que puro desejo!) com a criação de um contradiscurso (da independência!) – a verdade (por mais que seja negada esta intenção) – embora que construída – sobre estes delicados homens que hoje fazem sexo com homens.

Esta *nossa* vontade de saber – muitas vezes tão desgovernadamente forçada – refletirá nas fortes tensões, obrigações e ritualizações que cercam o *armário da epistemologia* gay. Deste modo, o simples fato de ter nas mãos o *Guará Gay* ou *cigarro Rainbown* pode ser para seu consumidor (o gay) – embora que a vontade seja grande de beber o tal refresco – motivo pelo qual a recusa – de beber ou fumar - seja ainda maior (medo de ser identificado), uma vez que, há um estranho mecanismo pelo que se mistura simbolicamente na sociedade – através de associações – o consumidor moderno, o gay de Estado como diz Hocquenghem (1980), - que procura a todo custo matar o feminino dentro de si. De todo modo, esta consciência é motivo pela qual podemos perceber duas coisas: 1º. Há de fato uma tentativa de dissociar o homossexual masculino do seu passado *feminino monstruoso* – tentativa histericamente forçada -; 2º. A recusa e as tensões que se vivem no armário gay são, justamente, resultados das tensões que tentam dar conta da dissipação entre o *ver do passado* e o *ver do presente*, mas não só. Assim, vivendo um ‘momento’ de *transição gay* – em que convivem o velho e novo ou pós – muitos homens são “obrigados” a não viverem o que eles próprios supõem-se ser. A negação desta homo-sexualidade pela idéia de viver “o que se é” cria laços de maiores tensões oportunizando uma rica análise a

respeito da homossexualidade e seu instrumento de poder: o armário gay. Enfim, esta análise será mais bem feita no capítulo seguinte.

CAPITULO III

CRÍTICA A UMA EPISTEMOLOGIA DO ARMÁRIO GAY: NOVAS IDÉIAS SOBRE QUEM SOMOS!

3. NO ARMÁRIO NINGUÉM “FAZ” BUSINESS

O negócio do armário

Medo, vergonha, dor, angústia, sofrimento, prejuízos emocionais, humilhações, neuroses, histerias, distúrbios, opressão, discriminação; são estes e muitos outros termos que de alguma forma constituem/caracterizam o que alguns intelectuais passaram a denominar de a *Epistemologia do Armário* (gay). É, paradoxalmente, a uma lógica – *da dor, sofrimento, vergonha, humilhação*, etc. - que deseja negar que esta epistemologia do armário vem se inscrever. Enfim, é assumindo a dor que *deveras* sente e ainda em nome desta dor que se deseja negar – para a vida – que o armário gay enquanto uma epistemologia que dê conta de seu universo está fundada.

No entanto, longe de ser metafórica e epistemologicamente apenas o lugar de dores, sofrimentos, humilhações, opressões, *de verdades tão doídas*, - que cristão! - etc., o armário gay é aquele capaz de revelar uma verdade; mas, não apenas uma “simples” verdade. Porém, a verdade de que ironiza Foucault (2007), que é a *verdade do sexo* e tudo que por meio dele implica.

Em um ensaio/artigo intitulado “*A epistemologia do armário*” – ao que parece fruto de uma obra maior – Even Kosofsky Sedgwick inicia-o com uma citação do francês Marcel Proust que diz que

A mentira, a mentira perfeita, sobre as pessoas que conhecemos,
sobre as relações que tivemos com elas, sobre nossos motivos para

algumas ações, formuladas em termos totalmente diferentes, **a mentira sobre o que somos, a quem amamos, o que sentimos em relação a pessoas que nos amam... – essa mentira é uma das poucas coisas no mundo que podem nos abrir janelas para o que é novo** e desconhecido, que podem despertar em nós sentidos adormecidos para a contemplação de universos que de outra maneira nunca teríamos conhecido (Proust apud. Sedgwick, 2007: 21). O grifo em negrito é meu.

Prosa/poeticamente, “mentira” capaz de tornar verdadeiro todo um manto de sentimentos escondido em um lugar infantil – lugar das emoções puras e verdadeiras – que, neste aspecto, também é constituidor do *armário gay*. O armário gay, então, parece ser não apenas uma metáfora que se deseja negar em prol de uma realidade que se deseja vivenciar – para além de seu interior –, mas o próprio mecanismo pelo qual a magia e a fantasia, a verdade e a mentira, o dentro e o fora estão fatidicamente ligados, fatídico e binariamente constituídos, inventados como o mecanismo/instrumento que oprime os homossexuais. Opressão, portanto, que faz da sexualidade de milhares de pessoas homossexuais – *insultadas e escondidas, amedrontadas de dizer a verdade sobre si próprias!* – aparecerem em discursos que dão conta da sua veracidade.

Se uma leitura foucaultiana é possível do *armário gay* esta deve sobrecair, justamente, não na idéia metafórica de que o armário epistemologicamente seja o catalisador de mentiras e prejuízos emocionais, mas como o modo pelo qual a sexualidade veio ser motivo de discurso e do seu centro constituir, fabricar, inventar uma verdade possível. É assim que a este respeito Michel Foucault se refere:

É aí, talvez, que pela primeira vez se impõe, sob a forma de uma constrição geral, essa injunção tão peculiar ao Ocidente moderno. Não falo da obrigação de confessar as infrações às leis do sexo, como exigia a penitência tradicional; porém da tarefa, quase infinita, de dizer, de se dizer a si mesmo e de dizer a outrem, o mais frequentemente possível, tudo o que possa se relacionar com o jogo dos prazeres, sensações e pensamentos inumeráveis que, através da alma e do corpo tenham alguma afinidade com o sexo. Este projeto de uma “colocação do sexo em discurso” formara-se há muito tempo, numa tradição ascética e monástica. O século XVIII fez dele uma regra para todos (Foucault, 2007: 26).

Parece que há algo de weberiano nas palavras de Foucault. Se para Max Weber o que legitima o capitalismo é um espírito ético nascido no meio cristão protestante, por outras vias parece que Foucault encontrou o modo pelo qual o sexo também se legitima – discursivamente através da confissão. Há, portanto, uma ‘ética sexual’ (desejada) – ordenadora do mundo - baseada pelo ‘espírito da confissão’ (delatadora dos desvios) – coerções dos desvios - do qual o armário gay – ao que parece – não é o princípio (onde tudo se inicia), mas o fim (a instância final para onde tudo converge em termos de uma assunção/confissão) para o qual a verdade sorri. Se hoje não sentimos como uma obrigação falar sobre “*tudo o que possa se relacionar com o jogo dos prazeres*” é porque este ‘*espírito confessional*’ não nos aparece mais como uma *injunção*, mas como um fato social total, um fato moral que nos incita a querê-lo e a desejá-lo.

O artigo/ensaio de Sedgwick (2007) parece tangenciar o aspecto do armário analisando apenas as consequências psicológicas individuais em termos de uma possível assunção. Assim, ela nos diz que

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. Dizer, como direi aqui, que a epistemologia do armário deu uma consistência abrangente à cultura e à identidade gays, ao longo do século XX, não significa negar que possibilidades cruciais em torno e fora do armário passaram por mudanças importantes para as pessoas gays. Há riscos em enfatizar a continuidade e centralidade do armário numa narrativa histórica que não tenha como fulcro uma visão de salvação – situada no passado ou no futuro – de sua ruptura apocalíptica. Uma reflexão que careça dessa organização utópica arriscará exaltar o próprio armário, ainda que apenas por omissão; arriscará apresentar como inevitáveis ou válidas, de alguma forma, suas exigências, deformações, a impotência que causa a pura e simples dor (Sedgwick, 2007: 22-3). O grifo em negrito é meu.

Assim, para além desta prosaica idéia de se *assumir* – enquanto homossexual -, ou antes, como vimos, assumir a verdade de um sexo inventado, insultado, apelidado, o que

significa esta assunção, esta confissão nos mínimos detalhes? Que lugar ocupa no cenário da confissão quem assume e confessa e que lugar ocupa quem ouve e pune? A resposta já a sabemos. Fica evidente que o armário gay não deve ser apenas tratado no nível da “*verdade que não ousa dizer seu nome*”, no nível de uma verdade escondida, uma verdade impronunciada, presa num lugar metafórico que oprime, neurotiza, enlouquece, vitimiza e fragiliza. Podemos então, assim, perguntar: o que assume – e qual sua consequência – enquanto se assume (o que implica esta assunção) um homossexual a respeito de si mesmo, de sua sexualidade? Qual o caráter desta assunção e de que lugar – normativo/discursivo – esta assunção é assumidamente discursada?

Do exposto, depreende-se que, a uma assunção/confissão confessa-se “*não o que se é*” – como a certeza ontológica do *ser que se é* -, mas a invenção – discursiva - que os inventou, o produto social e cultural que os localiza e valoriza num universo que exige para a manutenção de sua ordem a *diferença monstruosa ou fantástica* como elemento de *injunção* e punição. O caráter, portanto, desta assunção exigida, forçada, joga-os em um mundo de forças políticas para o qual a assunção monstruosa sai sempre perdendo – por causa da idéia dispersiva de desvio, pecado, etc -. Dar-se assim, porque a assunção exigida é a assunção de uma invenção sobre um eu determinado; nunca a assunção de uma voz contrária a esta invenção que exige assunção, isto é, o próprio indivíduo dizendo o que ele “é”. É um rótulo que forçadamente o sujeito assume sem refletir muito a respeito daquilo que assume em nome de um real imaginado, inventado, *coerente e inteligivelmente*, ordenado, todavia.

Talvez, seja por isto que Hocquenghem (1980) nos diga que

É supérfluo lembrar que não lutamos essencialmente pelo reconhecimento do direito a uma prática sexual assimilada às

demais. Se estas colocações precedentes são verdadeiras, podemos deduzir delas que uma sólida atitude filosófica nos anima. Trata-se de recusar a normalidade, mesmo que ela esteja disfarçada de esquerdismo [...] **Queremos nos caracterizar por um deslocamento permanente, transcrição de nosso deslocamento vivido, e por uma demolição contínua do jogo de imagens que fundamenta os condicionamentos sociais** (Hocquenghem, 1980: 44-5). O grifo em negrito é meu

E mais adiante nos brinda deste modo:

Não somos homossexuais liberados e orgulhosos por sê-lo. Nosso homossexualismo (sic) não encerra um valor revolucionário que seria preciso estender ao mundo inteiro, mas é uma situação permanente de questionamento. **Ainda está para ser construído o universo no qual se realizará a liberdade do desejo** (Hocquenghem, 1980: 55). O grifo em negrito é meu.

A perspectiva *utópico-salvadora* de que nos fala Sedgwick é embaraçosa se lida via Hocquenghem (1980), como se percebe. Parece que há aí, nesta perspectiva, um duplo desejo. Primeiro o desejo – numa *sociedade de indivíduos* como a nossa baseada em confissões – que deseja (forçadamente) assumir-se mesmo não sabendo ao certo qual o seu fim – a não ser na suavização das pressões psicológicas que se imagina possível e os depoimentos dos assumidos apontam nesta direção – tão sentimentalmente elaboradas -, na eliminação da opressão, do sofrimento, da dor experimentados no armário -; segundo, o desejo pelo qual o desejo individual se classifica – é o desejo de uma classe, de uma categoria -. A este respeito Sedgwick explicita-nos que

A imagem do assumir-se confronta regularmente a imagem do armário, e sua posição pública sem ambivalência pode ser contraposta como uma **certeza epistemológica salvadora contra a privacidade equívoca oferecida pelo armário**: “Se cada pessoa gay se assumisse para sua família”, continua o mesmo artigo, “cem milhões de americanos poderiam ser trazidos para o nosso lado. Empregadores e amigos heterossexuais poderiam significar mais cem milhões” (Sedgwick, 2007: 27). O grifo em negrito é meu.

Esta “*epistemologia salvadora contra a privacidade equívoca oferecida pelo armário*” parece bastante enviesada, uma vez que, por sua leitura o armário gay só existe enquanto razão metafórica da segregação, do ostracismo social, da punição (daí a utópica idéia de salvação), da dor e sofrimento, da humilhação e prejuízos emocionais. Enfim, é *lateralista*, porque não fornece outra perspectiva de leitura e significação do armário. É normativa, porque admite a assunção/confissão de uma invenção como salvação mesmo que utópica para um mundo que se pretende real (fim das dores e sofrimentos). Assim, Sedgwick (2007) a este respeito nos diz que

Aquele trem de imagens dolorosas estava eivado da especificidade epistemológica da identidade e da situação gay em nossa cultura. **Ressoante como é para muitas opressões modernas, a imagem do armário é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões** (Sedgwick, 2007: 32). O grifo em negrito é meu.

Há, portanto, dois termos importantíssimos que a autora usa: identidade e homofobia. A identidade, como nos acostumamos a crer hoje em dia, diz respeito não apenas a um modo pelo qual uma determinada pessoa é capaz por meio de alguns sinais estabelecidos e convencionados de identificar outra pessoa, isto é, identificar suas *profundezas*. Assim, falar em identidade gay por um lado significa que há alguns sinais aparentes (estabelecidos e convencionados) de identificação (uma ontologia!) – Goffman chamou de *estigma* -, por outro, expressa o sentimento desta pessoa que é identificada por tais características de modo muito profundo. Assim, basicamente, identidade é a leitura que o outro faz de mim em minha face ou na minha ausência mediante características que lhe possibilite identificar em mim o que “sou” ou “represento”, sexualmente, em confronto ou concordância com suas expectativas sexuais. Esta noção de identidade desdobra-se e conflita. Desdobra-se em pequenas noções instituidoras – sexo e gênero - de um “*eu sou sócio-filosófico*”; conflita, justamente, por meio deste “*ser sócio-filosófico*” em trânsito social fora do centro social normalizador e tradutor da natureza.

Estas noções instituidoras são contestadas por Judith Butler ao nos dizer que

Convencionalmente, a discussão sociológica tem buscado compreender a noção de pessoa como uma agência que reivindica prioridade ontológica aos vários papéis e funções pelos quais assume viabilidade e significado sociais [...] **Em que medida é a “identidade” um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência?** E como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade? Em outras palavras, a

“coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas (Butler, 2003: 37-8). O grifo em negrito é meu.

Não posso deixar de perguntar junto com Butler (2003) por que a identidade veio se tornar – e quase que naturalizar-se no meio acadêmico-científico – como uma norma disfarçada (pelo discurso da orientação sexual, da construção sexual) em vez de ter se tornado o modo pelo qual as experiências deveriam ter ser/sido desenvolvidas e aplicadas. Negar, portanto, a identidade enquanto um ideal normativo significa negar a experiência sexual enquanto característica sexual (sexo-gênero-desejo), ontologicamente, fundante.

Assim, quando Sedgwick (2007) nos aborda com o seu “A epistemologia do armário” querendo caracterizar a “saída do armário gay” por meio da revelação de uma identidade ela nos remete para uma comparação um tanto quanto sentimental demais. E mais uma vez amante de Marcel Proust diz que

Proust, de fato, sugere de maneira insistente, como caso limite de uma espécie de “assumir-se”, precisamente o drama da auto-identificação judia, incorporada no *Livro de Esther* e em sua reformulação por Racine, citada ao longo dos livros de “Sodoma e Gomorra” de “A la recherche du temps perdu”. A estória (sic) de Esther parece um modelo para certa imagem simplificada, mas muito forte, da “saída do armário” e seu potencial transformador [...] **Esther sente que está simplesmente ocultando sua identidade: “O rei não sabe até hoje quem sou eu”**. O sincero

ódio aos judeus desse rei confuso, embora onipotente, é constantemente estimulado pelo grandioso cinismo de seu conselheiro Aman [...] O rei concorda com o plano genocida de Aman, e Esther fica sabendo por seu primo Mardoqueu, guardião e consciência judaica, que chegou a hora de sua revelação. Nesse momento, a particular operação de suspense em torno dela seria reconhecível por qualquer gay que tenha chegado perto de assumir-se para pais homofóbicos (Sedgwick, 2007: 32-3). O grifo em negrito é meu.

Embora que a idéia de uma identidade étnica não seja idêntica a de uma identidade sexual Sedgwick (2007) considera o caso de Esther no nível de uma exemplificação pela simplificação. Continua ainda na linha utópico-salvadora por meio do qual a salvação surge como uma espécie de derrubada de paredes com a revelação da identidade. Isto é, o que parece claro para Sedgwick (2007) é a idéia de que a revelação sexual pode se transformar num ideal salvador deste “anormal e impuro” que revela a quem ama o indivíduo que assim se assume, se revela. Quase uma espécie de perdão pedido e aceito. Assim,

A revelação da identidade no espaço do amor íntimo derruba sem esforço toda uma sistemática pública do natural e do não natural, do puro e do impuro. O golpe peculiar que a estória (sic) produz no coração é que **a pequena capacidade individual de Esther, de arriscar a perda do amor e do favor de seu senhor, tem o poder de salvar não só seu próprio espaço na vida, mas seu o povo** (Sedgwick, 2007: 34).

Deste modo, a assunção desta identidade, desta verdade, é mesmo reveladora do que “se é”, sexualmente. Se o sexo, portanto, como ironiza Foucault (2007) entrou no discurso como tendo uma verdade, no universo gay, especificamente, o armário é categoricamente o veículo pelo qual esta verdade – não só é assumida na forma de uma identidade -, mas também nalguns casos, forçadamente, revelada. O sexo tornado objeto de ciência encerra a verdade que ela mesma produz e como que numa espécie de afinidade eletiva com a doxa compactua da mesma invenção sobre o homossexual. A identidade, portanto, mesmo no discurso acadêmico não é percebida como mero mecanismo pelo qual as experiências sexuais se dão e se sucedem, mas como a verdade ontológica – aquilo que é – capaz de ser por este meio assumida e revelada e que se expressa nas revistas e tablóides do seguinte modo:

Mas o professor Jorge Iglesias, a *drag queen* Isabelita dos Patins, é mais radical. **"Não tem jeito, meu amor, tá no nosso sangue"**. Iglesias conta uma história que certamente provocará a ira desses convertidos. **"No ano passado, umas bichinhas amigas abandonaram o homossexualismo e entraram para a Igreja Universal. A coisa não durou seis meses. Estavam todas apaixonadas pelo pastor"** (ISTO É, 1997). *Os grifos são meus*.

Percebe-se, então, o modo radical com que Isabelita Patins – *drag queen* – encara a identidade sexual. Mistura uma normatização (social e cultural) radical a um discurso biológico antigo, a constitucionalidade como etiologização da espécie – *ta no sangue* -. Na fala do professor percebe-se como a agência da identidade é reveladora de uma essência contra a qual é impossível lutar. Ao abandonar a homossexualidade, conta-nos Iglesias, “a

coisa não durou seis meses. Estavam todas apaixonadas pelo pastor”. A identidade sexual, assim, ao que parece, é muito mais uma condenação para a qual não há salvação – com exceção da assunção utópico-salvadora de Sedgwick –.

O outro termo, então, que aparecera no texto de Sedgwick (2009) fora *homofobia*. O site da Secretaria de Justiça do Estado de Mato Grosso define homofobia como sendo

[...] o medo, a aversão ou o ódio irracional aos homossexuais, àqueles que têm atração afetiva e sexual por pessoas do mesmo sexo. É a causa principal da discriminação e violência contra gays, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais e transgêneros – GLTB. A homofobia pode ser expressa de modo velado através de atitudes e comportamentos preconceituosos, e envolvem a discriminação, por exemplo, na relação de um emprego, locação de imóveis, escolas, etc. A atitude homofóbica inevitavelmente leva à injustiça e à exclusão e, à exclusão social de quem a sofre (SEJUSP MT, 2009). O grifo em negrito é meu.

A homofobia não é, simplesmente, uma *aversão* ou *ódio irracional* contra o qual os homossexuais são o alvo principal. Na homofobia nada existe que seja irracional, pelo contrário. É, justamente, a racionalidade quem inventa a homofobia significando-a. As agremiações, o movimento homossexual repassa para a sociedade esta idéia vulgar de homofobia como medo e ódio. Entretanto, a homofobia pode “justificar-se” pelo modo como o homossexual foi inventado desde suas primícias. Não é raro encontrar nas falas de homofóbicos termos que remeta para a invenção do homossexual a partir da segunda metade do séc. XIX e primeira metade do séc. XX, mas ainda tão em voga neste início de

século e milênio. É neste período como já demonstrei que o homossexual é inventado como um *feminino monstruoso, um doente mental degenerativo* tendo como equivalentes dóxico-moralistas termos como *doente, puto, invertido, pervertido, ameaçador da civilização* personagem então temido, mas pela *razão* que a ciência (médica) desse período inventou.

Portanto, é preciso remeter o estudo do armário gay – pelo menos no nosso contexto brasileiro – para suas dimensões de invenção temporal da qual ainda não conseguimos nos livrar. Embora que a homossexualidade tenha conquistado algumas vitórias no cenário político como a diminuição do preconceito e o aumento da tolerância, no Brasil, estes índices talvez remontem às estimativas de conquistas dos negros. O Brasil é conhecido por sua fama de não ser preconceituoso, mas não é isto que os estudos que se dedicam a estudar os negros afirmam.

Deste modo, identidade e homofobia são fundamentais para explicar o modo pelo qual no Brasil nenhuma epistemologia – pelo menos que eu conheça – fora suficientemente capaz de *desviar* suas ‘explicações’ da origem da epistemologia *estadunidense*. A inversão é categórica na sociedade: os homossexuais – *que a ciência inventou como monstros temíveis* – devem temer a monstruosidade do restante que não os aceitam. O ônus desta responsabilidade é desviado para idéias superficiais de preconceito e intolerância públicos livrando, assim, o *dibujo* científico de antanho desta responsabilidade.

Sem dúvida, então, que o assumir-se gay não é apenas o modo pelo qual o gay que se assume demonstra bravura e vislumbra o paraíso perdido que o armário – “*escuro e frio*” – o impedia de visualizar e experimentar. O “assumir-se gay”, assim, está diretamente ligado – para quem se assume – a uma verdade (sexual) que o armário escondia: “**eu sou, sexualmente, gay**”. Mas, mais do que revelar uma verdade – que se individualizássemos os

casos – poderia ser lida de modo muito experimental e nunca, porém, como uma questão ontológica. Portanto, quem se assume gay terá de – por outras vias – enfrentar o que os gays do passado enfrentaram – embora que de maneira muito velada – o imaginário de que sua sexualidade encerra sim uma verdade, mas uma verdade triste e doentia e que nos vários casos termina relatados em crime de morte reflexos ainda de uma sociedade de cujos hábitos ainda são *higiênicos* – em relação ao sexo, sexualidade, gênero.

O *armário gay* não é apenas, epistemologicamente, o *locus* da opressão. Seria até muito simplificadora uma epistemologia que o descrevesse/caracterizasse neste molde. Sedgwick (2007) meio que sentimentalmente diz:

Acontece o mesmo com a saída do armário: ela pode trazer a revelação de um desconhecimento poderoso como um ato de desconhecer, não como o vácuo ou o vazio que ele finge ser, mas como um espaço epistemológico pesado, ocupado e conseqüente. A confissão de Esther permite que Assuero torne visíveis dois de tais espaços de uma vez: “Você?” e “Que povo?” Ele havia presumido cegamente sobre ela própria e desconhecia a raça com cuja extinção se comprometera. “O que? **Você** é um **deles**? Hã? **Você** é o **que**? Esse trovão assustador, contudo, pode ser também o som da queda do maná (Sedgwick, 2007: 35). O grifo sublinhado é meu.

Enfim, o armário gay, portanto, encerra uma lógica não muito simples, que é a *lógica do fantasma* sendo combatido com palavras. Mas, que fantasma é este: *o fantasma do feminino monstruoso*. Assim,

Num primeiro momento, a reação dos pais diante da revelação da homossexualidade dos filhos é entrar em estado de choque. “**Meu maior medo era que ele ficasse desmunhecando, me envergonhando por aí. Como isso não aconteceu, fui ficando mais tranqüilo**”, diz o comerciante Antônio Santos Silva, pai de Alex (Veja, fevereiro de 2000: 109). O grifo em negrito é meu.

Antônio, pai do Alex, apesar de ter uma fala muito curta, é bastante rica. Usa dois termos que são “*desmunhecando*” e “*envergonhando*”. Estes dois termos articulam-se e significam o estado social em que se encontra a homossexualidade. Desmunhecar significa “quebrar a mão”, isto é, agir de maneira feminina – *fantasma do feminino monstruoso* - no trato das coisas; é por este estado de coisas que o pai de Alex envergonhar-se-ia, mas como não se deu com o seu filho, ficou mais tranqüilo. Ficar tranqüilo é outra parte no discurso do Antônio interessante. Ficar tranqüilo não significa desejar, aceitar, mas nos remete para um estado mental de proteção ou o que Giddens (1991) chamou de *segurança ontológica*. Assim, Antônio – embora tendo um filho gay – não terá o inconveniente de ser “envergonhado”, uma vez que, a homossexualidade de seu filho está contida, domada, moralmente, **remediada**. Alex, assim, não oferece o menor risco à masculinidade de seu pai – moralmente, segura -, nem ao modelo de sexualidade vigente que ele não contesta, mas se enquadra: ele não desmunheca, não envergonha, ele é um *homossexual branco* (Hocquenghem, 1980).

O armário gay, assim, abre-nos outra janela pela qual podemos olhá-lo. Assim, ele não é apenas, epistemologicamente, a metáfora da dor, do sofrimento, da humilhação, da opressão; ao contrário, ele é o modo pelo qual se revela uma verdade, neste caso específico,

uma verdade sexual. Esta verdade não é produto de sua tecnologia, mas antes, ele é apenas o mecanismo pelo qual esta verdade vem à tona ou fica “escondida”. O armário não é apenas o modo pelo qual uma verdade se assume ou se esquiva, mas é também o modo pelo qual esta verdade é mantida e, ontologicamente, legitimada. O armário, assim, é o mecanismo pelo qual os discursos disputam, epistemologicamente, o seu saber, a sua vontade de saber, disputam o seu poder. É assim que o armário aparece, epistemologicamente, não como o *lócus da opressão* – onde a opressão é meramente sentida -, mas como o *lócus* que oprime – onde a opressão é compulsoriamente mantida -; não como o ‘revelador’ temível de uma verdade, mas o mantenedor de uma invenção; não como o libertador do gay, mas como sua *compulsão*.

3.2 O ARMÁRIO DESALMADO

A compulsoriedade gay

De um lado *machos, másculos, viris, homens de verdade*; de outro, *bichas, panquecas, viadinhos, passivas, efeminados*. Dois lados de uma mesma moeda? Não! Conteúdo de um só lugar: o *armário gay*. Pode parecer estranho, mas o armário gay lembra muito a figura de uma cebola que é constituído por diversas camadas. Assim, tanto a *bicha* quanto o *macho* vivem uma mesma realidade – a de ser armário - em camadas diferentes do armário. Se para a *bicha* parece crucial disfarçar a “*desmunhecada*” ou a nasalação, a estridência da voz ao telefone, para o *macho* é ainda mais crucial parecer mais macho para a *bicha*, isto é, encenar com ainda mais rigor o papel de “si” mesmo. Mas, de que dimensão epistemológica do armário estou me referindo? À dimensão político-coercitivo-compulsória que o armário cria, mantém.

É assim que João Marinho nos relata que

O relógio marcava 19h e eu esperava mais um rapaz da internet, o “**Macho Másculo**”. Estava apreensivo. Era nosso primeiro encontro “real”. Havia, porém, outro motivo para minha apreensão. **Macho Másculo não curtia efeminado de jeito nenhum! Não sou uma flor, mas estou longe de ser exemplo de macheza.** Além disso, na minha opinião, **perfis assim ou escondem alguém que é efeminado, não se aceita e desconta nos outros;** ou quem policia, implacável, qualquer virada de mão. Normalmente, fujo, mas, por obra do acaso, eu e Macho Másculo havíamos nos dado bem (Marinho, 2008).

O caráter higiênico com que ‘Macho Másculo’ encara a realidade da cena gay deixa Marinho que não é “*exemplo de macheza*” apreensivo. Pelo próprio *nickname* com que se apresenta *online* para “Macho Másculo” a valorização da macheza, da virilidade, o portar-se em público deste modo – espécie de responsabilidade moral – é fundamental. Isto talvez se explique pelo que Sedgwick (2007) explicita como fazendo

[...] parte da experiência das pessoas gays descobrirem que uma figura homofóbica no poder tenha, em verdade uma probabilidade desproporcional de ser gay, e no armário. Há mais coisas nessa estória (sic). Basta aqui meramente demonstrar outra vez que a identidade gay é uma posse torcida e fora do centro, se for mesmo uma posse. **Assumir-se não acaba com a relação de ninguém**

com o armário, inclusive, de maneira turbulenta, com o armário do outro (Sedgwick, 2007: 40). O grifo em negrito é meu.

O modo pelo qual os gays – *bichas e machos* – agem (dentro e fora do armário) revela o caráter normativo compulsivo em que estão inseridos homossexuais – quaisquer que sejam suas predileções em relação aos papéis sexuais que desejem encenar -. Este caráter normativo que o armário gay nos revela – por meio da verdade sexual que nos revela – nos dimensiona a pensar numa perspectiva mais totalizadora para o qual a divisão – pelo menos estética – das relações sociais entre gays assume uma importância *masculinizadora* – normativa-compulsiva – talvez, até maior do que entre heterossexuais. Se entre heterossexuais os papéis sexuais (e suas posições de gênero) aparecem como constituidores da natureza, na homossexualidade é preciso “trucar” na maioria das vezes reinventando-se, ou melhor, disfarçando-se sob mil máscaras aparentes contra o *feminino*. Deste modo, o armário gay não assume o caráter de revelar uma substância, mas o modo pelo qual a *bicha truca* – encenando a macheza que não “possui” – quem ‘*verdadeiramente*’ é – *esse contrário* -. Assim acontece o mesmo com o macho que procura *trucar/encenar exageradamente* o que acredita ser, temendo a revelação, o insultamento de ser identificado como gay – *esse feminino monstruoso!* - Assim, se por um lado o armário gay é o modo pelo qual as verdades sexuais – gays neste caso específico – são expostas e significadas, por outro, é ainda o modo pelo qual estas verdades são normatizadas e relacionadas à cultura/sociedade em que se vive, ou seja, o armário gay revela o modo pelo qual “a verdade gay” – *sua monstruosidade* – pode ser *trucada* em nome de um disfarce, de um truque estético, mas que vivido como real, de *masculina* normalidade.

O armário gay, assume um caráter que não é o da *simplificação* da assunção, mas o caráter normativo dessa assunção e o caráter compulsivo do ‘comportamento’ – *heteromasculino!* -. Marinho a respeito da conversa que teve com o Macho Másculo ainda relata que:

Em nossa conversa na cafeteria, MM [Macho Másculo] disse que os gays sofriam mais preconceito por causa dos efeminados: “São escandalosos e forçados. Não dá pra exigir respeito assim”. Suas frases reproduziam o que ouvi da boca de muitos gays antes mesmo de produzir esta reportagem. “Sim, eles dão muita bandeira, querendo ser mulheres. Eis o motivo do preconceito”, diz o professor e produtor de vídeo Celso Freitas, 39 anos, ao ser perguntando se efeminados contribuem para o preconceito contra gays em geral (Marinho, 2008).

Muito perceptível, então, são os ainda *discursos fantasmáticos* do séc. XIX e XX atrelados a doses bem avantajadas de uma *higienização disfarçada* e misturada aos discursos modernóides de que ser gay não significa ser *bicha-louca* ou *passivo-efeminado*. O caráter de transcendência de homossexual/gay ao novo gay ou pós-gay é bastante revelador de que, por baixo, há uma continuidade de – pelo menos no nível das relações sexuais – um caráter seletivo e segregador, normativo-compulsivo que a comunidade e o movimento gay desejam esconder.

Um caso flagrante é uma resposta que Rafael Galvão recebe em seu blogue quando publicou um *post* intitulado */O sumiço das bichas* e que diz que:

Você não acha que a bicha-louca é algo em desuso, meio cafona, demodê (sic) e contraproducente para a própria causa gay?

Normal, ora... pode ser uma tendência de comportamento com causas múltiplas, não necessariamente morais apenas. Você vai nos dois extremos: o da **bichona de paetês que dá festas e aparentemente tem um comportamento, digamos, mais promíscuo, versus o gay enrustido que de dia finge que é homem, e que você diz ser mais aceito pela sociedade.** Isso pode não ser mais que uma nova etapa rumo a uma situação ideal em que os gays não se sintam aceitos somente quando disfarçados ou discretos, mas que também não precisem fazer a apologia da viadagem como num carnaval fora de época. Existe gosto pra tudo... **Os caras não precisam ser (é “a” ou “e”?) feminados só porque gostam de homens, mas vai de cada um...** tem os ursinhos, os sarados, os drags, variantes dentro da variaçãp (sic), **aparentemente cada uma é uma onda totalmente diferente, como parece ser a viagem dos travestis, cuja identificação com a mulher parece ser algo mais forte que o desejo por homens...** Muito complexo isso. **Lembremos que entre o enrustido e o caricato existe o simplesmente assumido!** (Galvão, 2007). Os grifos em negrito são meus

Deste modo, longe de o *armário gay* oportunizar a “*ser o que se é*” e “*viver o que se é*” ele contribui – sem questionar, pelo menos aparentemente – compulsoriamente com a idéia fixa de que há uma *invenção* verdadeira – uma identidade - a ser assumida – e em

disputa - (que não é a *heteromasculinização do gay*), mas não só assumida, como também desejada. Assim é que

[...] a bixa [SIC] que vem te contar que passou um carão por causa de uma pintosa nunca se considera afeminada. A pintosa é sempre "o outro". Entences a frase que se ouve é: **Eu nunca dou pinta! Eu sou normal. Eu não sou caricata!!** Humm hum... Engana que eu acredito, viada [SIC] (...) **Resolveu se depilar toda pra achar a sua pinta viada? Não precisa nem dizer que você é uma Barbie. E ainda justifica - sem ninguém perguntar - no vestiário da academia, que é uma questão de higiene. Os pêlos acumulam fungos e bactérias, além de definir melhor os músculos. Helloooooooo! Acorda bixa que você tá dando aquela pinta e nem se manca.** Você jura que é uma razão plausível e que o universo inteiro tá é acreditando no seu conto do vigário (Zborowska 2008). Os grifos em negrito são meus.

O texto da Zborowska (2008) é interessante por dois aspectos. O primeiro deles se justifica por trabalhar a dimensão da assunção gay – forçada – através do dar a *pinta*. A *pinta* se realiza e encontra sua razão em contraste com o ‘*ser normal*’. O segundo destes dois aspectos está, justamente, em alcançar a *normalidade* através da eliminação da pinta encarada ainda como – embora que não deliberadamente admitida - *doença feminina monstruosa* que outrora se apoderava dos homossexuais. Esta normalidade não é só encontrada no porte másculo do corpo físico, mas também por uma espécie de higienização mental e comportamental – o corpo disciplinado - que justifique o corpo

heteromasculinizado sinônimo, portanto, da cura, da normalidade. É assim que entra no jogo discursivo o “*Eu nunca dou pinta! Eu sou normal [...] Não precisa nem dizer que você é uma Barbie*”. Está configurada, portanto, uma relação de força em que saber significa poder – tanto saber o que se é, como saber o que os outros são -. A este respeito Marinho diz que:

Segundo João [entrevistado], “temos de diferenciar dois tipo de gays efeminados. O primeiro é o caricato com gestos femininos, maneira de se vestir e comunicação própria e exuberante. A maneira desse gay se comportar está ligada a uma questão cultural [não citada]. O segundo é o gay efeminado contido, que não reproduz a maneira caricata feminina, mas possui gestos próximos dos das mulheres, voz feminina”. De toda forma, diz Fran Salles, “ser efeminado não impede ninguém de exercer um papel na sociedade” (Marinho, 2008).

Na contramão do João outro entrevistado diz que,

Depois, é preciso questionar os modelos e os estereótipos que nos são transmitidos desde cedo. “Há décadas, as militantes feministas nos fizeram entender que tudo isso é construção social, que as diferenças entre homens e mulheres resultam da maneira como são criados e tratados pela sociedade. Por que temos de ser masculinos ou femininos, como se fosse uma opção? Sonho com um dia em que essa distinção não terá mais sentido”, finaliza Ramires (Marinho, 2008).

Se para João o *feminino* é encarado de duas maneiras – ‘natural’ e cultural – para Ramires as bases destas natureza e cultura são motivo de questionamento como fizeram as feministas a respeito do gênero.

A *epistemologia do armário* como nos acostumamos a enxergar, ao que parece, constituiu-se apenas de um modo: o modo de esconder-se por medo, vergonha ou receio – da *verdade dolorosa de que se é portador* -. Assumir-se, portanto, entrou para o imaginário gay não só como a maneira pela qual os sofrimentos iriam extirpar-se, como a *solidão e o frio* experimentados no interior do armário também desapareceriam. Assim é que

A solidão tem milhares de facetas. Mas a que mais está presente nos armariados é aquela que mostra que, fatalmente, **ao continuar no armário, você acabará sozinho, sem um grande amor**. Sim, pois ao passar dos anos, a família, os amigos ou qualquer outra peça da sociedade que o força a ficar no armário não estará mais presente na sua vida. E nessa hora é que iremos nos perguntar: Seria muito tarde, agora, para tentar ser feliz? (Universo Mix, 6/2009 versão *online*). O grifo em negrito é meu.

Assim é que irá aparecer em grande número artigos, ensaios, pequenas notas científicas sobre o *bem-estar* de assumir-se. Procurar-se-á desviar a associação da homossexualidade com o *feminino monstruoso*. É preciso então dizer, assim, que a causa do sofrimento gay no armário é a maneira como ele vive esta sexualidade: no armário. A este respeito João Mascarenhas explica o significado de assumir-se, ao dizer que

Assumir-se, no caso, significa o processo de **aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la [...]**

sem escondê-la. Isto não se consegue nem rápida nem facilmente, mas, em geral, a duras penas, depois de angústias e frustrações (sic). Valerá o esforço? Creio que sim. Não pretendo enumerar todos os motivos, mas alguns deles: 1o. - **sentimo-nos desobrigados de fingir, livrando-nos do peso da mentira e da tensão provocada pelo terror de sermos descobertos**; 8o. - sentir que estamos batalhando para a construção de um mundo melhor, onde os direitos humanos e os das minorias sejam respeitados, pois **o assumir-se constitui um ato essencialmente político, através do qual o indivíduo reconhece-se como integrante de um grupo oprimido**, primeiro e indispensável passo para lutar contra a opressão. Evidentemente, quem teme defender-se, pelo receio de identificar-se, não se encontra preparado para fazer se respeitar (Mascarenhas, 2009).

“Aceitar com naturalidade a condição de homossexual” e “assumir-se constitui um ato essencialmente político (...) do qual o indivíduo reconhece-se como integrante de um grupo oprimido”. Assumir, portanto, a homossexualidade não é simples, mas se constitui de um processo doloroso em que concorrem *angústias e frustrações*, mas que no final do túnel, quer dizer, do armário gay, há uma esperança através desta assunção, uma vez que, o gay desperta uma consciência – *será salvadora?! -* de que não está sozinho e, assim, sua assunção se torna um ato político – *prefiro o termo assujeitamento político* - ao admitir a naturalidade de sua condição engajando-se na luta contra os opressores dos homossexuais. O tom ‘revolucionário esquerdo-marxista’ é marcante.

A epistemologia do armário gay assim elaborada vem confirmar o que Foucault (2008) diz ao declinar sobre a vontade de verdade:

Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E **ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura**; todos aqueles, de Nietzsche a Artaud e a Bataille, devem agora nos servir de sinais, ativos sem dúvida, para o trabalho de todo dia (Foucault, 2008: 20-1). O grifo em negrito é meu

Portanto, não aceitar a ‘*naturalidade da condição homossexual*’ e questionar a consciência gay ou homossexual como uma consciência de minoria em luta parecerá loucura, dado que, a verdade – *pelo menos esta vontade!* – já está posta. Inquirir e recolocar a questão do armário gay, do ponto de vista de sua epistemologia, não como o *lócus metafórico* no qual o homossexual é oprimido, mas no qual ele é *obrigado* a assumir uma verdade pode parecer loucura e, portanto, motivo de *interdições*.

Assim é que os integrantes franceses da *Frente Homossexual de Ação Revolucionária* – FHAR - já em 1972 problematizavam:

Nosso desejo não nos leva a sonhar em estabelecer diante da normalidade “hetero” uma espécie de normalidade homossexual.

Muitos participantes da F.H.A.R. acabaram hoje por evitar repetir nosso slogan do início: “Temos orgulho em ser bichas”. **No fundo, sentimos uma certa vergonha desse orgulho.** E preciso dizer que este orgulho também nos mutila, na medida em que ele nos leva a acreditar que, se invertemos os valores do mundo normal, nos liberamos, pois nosso desejo diz que isto é falso. Ora, nossos desejos exigem sem cessar um novo alimento (veja-se, por exemplo, nossa célebre “instabilidade sexual”). O mundo inteiro não é suficientemente vasto para nós: dos árabes aos negros, dos garotões às “tias” [bichas velhas] (e até mesmo as mulheres, de vez em quando) tudo nos serve. Temos necessidade das boates de bichas, bem como das faculdades, das fábricas e dos mictórios, da rua e das reuniões. O fato de nos debruçarmos sobre nós mesmo proíbe-nos essas livres associações do desejo que nos fazem funcionar. Temos até mesmo necessidade dos pretensos “normais”, não especialmente para “convertê-los” (como nos aborreceríamos em um mundo unicamente homossexual!), mas para colocarmos em contato nossas línguas, nossos cus, nossos paus, nossas mãos e pés... (Hocquenghem, 1980: 55). O grifo em negrito é meu.

Assim, se do ponto de vista da epistemologia do armário gay a assunção é vista como uma ação política - *assumir-se constitui um ato essencialmente político* – o que significa rejeitar esta assunção? Isto é, o que significa não se assumir, não desejar, não querer esta assunção? Talvez, para esta lógica bem definida – que declina uma verdade pronunciável, orgulhosamente, pronunciável - de que “*assumir-se*” é a salvação – embora que não passe

de mero utopismo sentimentalista – não se assumir significa, simplesmente, entregar-se ao ostracismo social – deliberadamente, claro! -. Portanto, a ‘bicha’ que não assume o insulto como sua real verdade – aquilo que “ela” é - é tanto ignorada pelo mundo gay que lhe acena assumir, quanto pelo mundo “hetero” que lhe enxerga de maneira *monstruosa* (por debaixo dos panos) e *desviante* de sua normalidade. Mas isto, no entanto, é o que nos diz a epistemologia do armário gay que ver na assunção o modo pelo qual o homossexual se salva – pelo *menos* do ostracismo de seus “iguais” -.

Mas, e se na senda de Foucault tivéssemos a coragem de questionar a grande epistemologia total? E se tivéssemos a coragem de propor uma recolocação desta verdade - *esta infeliz vontade!* -? Se tivéssemos a coragem de questionar esta “*maquinaria destinada a excluir todos aqueles que (...) procuraram **contornar** essa vontade de verdade*”? Talvez, corramos o risco de sermos insultados de ‘*atrasados*’, no mínimo, *desinformados* como tão lamentavelmente nos oferece esta imagem Hocquenghem (1980) quando diz que:

[...] onde estão os homossexuais em tudo isso? Em lugar algum. Não existem homossexuais em Barcelona. Grande decepção de um jovem professor francês que conheci lá: não existem boates e nada que lembre o código homossexual habitual. O que se vê são os militantes da frente homossexual catalã, vestidos de *jeans*, barbudos, e que acham os travestis “*apolíticos*” (*atrasados, desinformados sobre o Mercado Comum Gay*) e, nos cinemas, os amores muito prosaicos de um banqueiro madrilenho com um jovem bancário (Hocquenghem, 1980: 139)

Ou, talvez, caíssemos no mesmíssimo erro compulsório que Victor Emmanuell caiu – sem questionar a verdade daquilo que fala - quando considera que

[...] “Nós existimos e queremos e temos o direito de ser assim!!!”, esse é talvez o lema, entrelinhas, dos nossos gays afeminados. Eles, como foi brilhantemente escrito [refere-se à reportagem do Marinho], são a nossa comissão de frente... e é por isso que eu respeito tanto quem tem a coragem de ser quem é... **acho que no mundo só dois tipos de pessoas são felizes: as que surtam e rompem a normalidade artificial criada pela psicologia, e os afeminados, que lutam pelo direito de ser e de existir....** (Emmanuel 12/2008 apud. Marinho 11/2008). O grifo em negrito é meu.

É importante perceber – no discurso do Emmanuel – o que ele chama de ‘normalidade artificial’ passível de rompimento por uma espécie de surto – será psicótico? - . O “ver” que se vende para todos os públicos espectadores (pelo menos do nosso tempo presente) de homossexualidade – desde o *dóxico* como o *ortodoxo* – é que a homossexualidade é uma “criatura” de desvio, isto é, capaz de elaborar novos rumos menos *normativos* e livre de *compulsão*. Afinal, o próprio termo ortodoxo já é problemático em si mesmo pelo prefixo que o significa. Já traz uma visão normativa de como se deve “ver;” visão a qual se olha e não se questiona – ou se se questiona é dentro de uma lógica específica de questionamento -.

Estamos – mesmo sem querermos, talvez, até sem percebermos – procurando justificativas filosóficas para explicarmos *quem* e o que *somos*. Este parece ser o caso de Emmanuel (doxa) que assimilou da ortodoxia (ciência) o modo como deveria “ver” o homossexual – neste caso afeminado -. Se a ciência do séc. XIX ofereceu uma visão doentia – *feminino monstruoso* – do homossexual é ainda a ciência da segunda metade do

séc. XX em diante quem irá fornecer o remédio para esta doença **monstrando** um outro modo de “ver” este *antigo – mas que presente!* -doente do corpo e da ‘alma’.

Assim, na fala de Emmanuell ficam, evidentemente, claras duas coisas: 1) a homossexualidade luta contra a normalidade (que ele chama de artificial) que ela deseja conquistar (vulgo da aceitação); 2) a homossexualidade é vista como o modo pelo qual se questiona essa *normalidade artificial*, mas fecha os olhos para a normalidade de “ser quem se é” sendo apenas normalmente homossexual afeminado. Quer dizer, não percebe que a homossexualidade que se vivencia – chegando até ser louvada - está dentro de um *padrão* de, vamos dizer, *normalidade orgânica* – o qual não se questiona -.

Portanto, a homo-sexualidade vem se inscrever e como propunha Foucault num jogo político-discursivo em que a coerção do saber – de um dos lados - é o ‘espoliamento’ do poder do outro lado. Esta coerção do saber vai se inscrever, epistemológica e politicamente, no cenário homossexual da modernidade contemporânea como uma questão de direito – uma leve questão de direitos. Não é a toa que os movimentos LGBT’s ‘lutam’ pela conquista de *direitos* que como diz Pierre Bourdieu:

Falar de dominação, ou de violência simbólica, é dizer que, salvo uma revolta subversiva que conduza à inversão das categorias de percepção e de avaliação, o dominado tende a assumir a respeito de si mesmo o ponto de vista dominante: através, principalmente, do *efeito de destino* que a categorização estigmatizante produz, e em particular o insulto, real ou potencial, ele pode ser assim levado a aplicar a si mesmo a aceitar, constrangido e forçado, as categorias de percepção *direitas* (*straight*, em oposição a *crooked*, tortas), e a viver envergonhadamente a experiência sexual que, do ponto de

vista das categorias dominantes, o define, equilibrando-se entre o medo de ser visto, desmascarado, e o desejo de ser reconhecido pelos demais homossexuais (Bourdieu, 2005: 144).

Assim, *sair do armário* – assumir-se, portanto - gay não pode ser posto/colocado de modo simplista, mas para a nossa realidade expressa uma complexidade da qual muitos ativistas e muitos trabalhos – *ortodoxos* - se esquivam a considerar. Assim, o fato de que o discurso – científico, claro! - da esquerda (política) influenciou como se deveria “ver” a homossexualidade é, talvez, um “fato” que ninguém discorde. O discurso de Bourdieu (2005), assim, é o modo pelo qual se procurou fazer da sexualidade – da homossexualidade – um instrumento de combate às “*categorias simbólicas dominantes*” – *de um mundo maniqueísta!* - e, deste modo, a homossexualidade em especial passou para a história como a grande *missionária* ou aquela que seria capaz de fazer disto uma realidade, isto é, inverter pela sua *inversão* a ordem do mundo dominante. Assim, a homossexualidade virou contestatória, questionadora da ordem, resistência, *peloca* de combate. Mas, tornou-se contestatória e questionadora da casa do vizinho, da vizinhança, ao passo que, narcísica e diametralmente oposta, elaborava um *contradiscurso* onde se elevava até as façanhas de *Promoteu*.

Obviamente, que muitos intelectuais perceberam este caminho em que entrava a homossexualidade e não tardaram a criticar. Mas, vinha mesmo era da França a crítica mais consistente, a crítica mais contundente quando nem ainda o movimento gay no Brasil havia iniciado seus trabalhos. E ‘revoltado’ com os rumos que a homossexualidade estava tomando em seu país dispara Hocquenghem (1980):

O princípio de funcionamento consistia em chegar ao universal revolucionário partindo de experiências particulares. **Esta nova**

idéia perturbou demais um mundo político fundamentado em grande parte no enfretamento de teorias políticas gerais “verdadeiras”, quaisquer que fossem seus seguidores (maoísmo, trotskismo, etc.) [...] Alguns camaradas estavam obsedados pelo temor de ver os movimentos orgulhosamente autônomos de nossa nova revolução cultural estilhaçar-se em vários “isolacionismos” contraditórios. Sem ir tão longe, pode-se dizer que a rapidez com que lançamos nosso brado de união levou-nos rapidamente a uma repetição perpétua, na qual quase tudo já estava dito, restando apenas partir para a ação. Nós nos afirmamos tão rapidamente que poupamos a muitos daqueles que se uniram a nós o trabalho de se descobrirem e é isto que explica sem dúvida a grande defasagem entre o grupo parisiense e os da província. **Nosso pensamento, com efeito, tornou-se normativo. Elaborou-se um credo homossexual** (Hocquenghem, 1980: 51). Os grifos em negrito são meus.

Assumir-se gay, portanto, é assumir uma verdade normatizadora, imposta – reconhecer a autoridade de um saber que se impõe -, mas que se impõe de maneira branda, imperceptível. Imperceptível, porque como antes, ainda estamos dentro de um sistema pedagógico que nos faz “ver” a verdade, que faz do próprio sistema um *credo* querido e desejado.

Desafiar, portanto, as “*categorias dominantes*” que instituem, que inventam a homossexualidade é ainda mais “*revolucionário*” do que aceitar uma verdade revolucionária homossexual contra a qual se ergue e se justifica contra a *grande mãe* opressora, a heterossexualidade. Enxergar não na vizinhança o motivo do *sofrimento*, da

humilhação, da *opressão* parece ter se tornado o modo pelo qual os homossexuais se afirmam pela *dolorosa paixão* deste credo revolucionário de um dia quem sabe viver livremente, “*amassando-se*” livremente no portão de alguma *carola católica*, ou mamando uma teta moreninha bem máscula aos pés de um santo de romaria, a explicitação livre, revolucionária de seu desejo. Questionar e recolocar a *opressão* – realmente, sentida pelos homossexuais - fora da lógica binária – *heterossexual x homossexual* – incomoda os que procuram justificar esta verdade.

3.3 O ARMÁRIO DESARMADO, MAS MILITARIZADO

É legal ser homossexual

Oprimidos, espoliados, amordaçados, segregados, infamados, repreendidos, desclassificados, condenados; estes parecem ser os termos que procuram, de algum modo, dar conta da realidade homossexual, especificamente, no Brasil e motivo pelo qual o homossexual consciente desta *maligna opressão* deve se politizar engrossando, assim, as fileiras e as vozes militantes dos diversos movimentos homo-sexuais no país.

Assim é que no Brasil o *movimento homossexual* promoverá a defesa de seres oprimidos vindo, portanto, a constituir-se – pioneiro e humanamente – como *movimento de libertação humana* que, segundo Luiz Mello:

Como afirmam Míccolis e Daniel (1983, p. 77) em relação aos primeiros grupos homossexuais: **“a luta não é – como erroneamente se supõe – em prol dos ‘direitos homossexuais’ mas da liberdade humana”**. Em nome da prioridade atribuída à **luta maior – leia-se a utopia revolucionária socialista -, partidos**

políticos de esquerda tentaram cooptar os ativistas desses novos movimentos sociais para suas esferas de atuação (Mello, 2005: 205). O grifo em negrito é meu.

Custo a crer que por estas palavras se busque declinar para a comunidade gay e para a comunidade científica um estudo que se possa dizer sério. Isto por que, o motivo que movia (*nada utópico*) os homossexuais (o de libertar a humanidade) era menos totalizador e verdadeiro do que “os movimentos sociais” que *cooptavam* as ‘bichas’ em prol de também libertar a humanidade do julgo do capitalismo opressor e no Brasil daquela época, então, com o agravante de ser um *ditador “revolucionário”*. Ao que entendo, então, é que deve existir uma espécie de totalidade boazinha - que não me faz desconfiar de suas boas intenções cristãs – de uma espécie de totalidade perversa que eu devo desconfiar e procurar me livrar.

O fato ainda mais grave é o fato de que Mello (2005) procurando denunciar práticas – *da esquerda, claro!* – nada honestas, caiu no mesmo buraco podre. Bem, nada contra os estudos do Mello, mas em um título dele “*Novas Famílias: Conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*” – a propósito, título muito bonito - pode-se ler uma pérola científica, nada engajada, nada tendenciosa e muito louvável e que diz que

[...] nos anos 60, com os acontecimentos desencadeados pelos conflitos de Stonewall, a população homossexual estadunidense, inspirada nos exemplos de luta por direitos civis dos negros e das mulheres, **passa a afirmar a especificidade e o orgulho de sua identidade, funcionando como um pólo irradiador da consolidação dessa identidade em escala mundial**. Ao procurar a afirmação de sua igualdade formal na esfera pública, os

homossexuais estadunidenses lutam, ao mesmo tempo, pelo reconhecimento de sua diferença, de sua especificidade, decorrente do fato de escolherem iguais biológicos como parceiros afetivos e sexuais. “Após um século sob os olhares do outro, as bichas inverteram brutalmente os dados do problema. É uma inversão que ocorre nas palavras: temos orgulho em ser homossexuais” (Hocquenghem, 1980, p. 9). Nos embates contra a intolerância, a identidade homossexual é mais e mais reafirmada, seja por gays e lésbicas, seja pelos que se opõem a uma política de integração social dos homossexuais. O “sair do armário” ou o “assumir-se” – internalizar e publicizar uma identidade homossexual – transformam-se em bandeiras de luta e em palavras de ordem (Mello, 2005: 199). O grifo em negrito é meu.

O fato seria, demasiadamente, *jocoso* se não interviesse em coisa tão séria. Citando no corpo de seu texto Hocquenghem (1980) Mello (2005) quer nos fazer crer que para o francês, antigo militante da *Frente Homossexual de Ação Revolucionária* (FHAR) a homossexualidade seria, realmente, como era – ao que parece eternamente – para Harvey Milk ou que, pelo menos, dever-se-ia transformar numa assunção orgulhosa, briososa de suas contestações. Mello (2005) não se incomodou muito com o que Hocquenghem (1980) descreve depois da página 9 em sua obra *A contestação homossexual* que segundo ele mesmo diz ser – o homossexualismo (sic) - motivo de sua opressão - desde os acontecimentos de maio de 1968 até o seu “asco” por esta orgulhosa sexualidade que na página 55 da mesma obra – op.cit. por Mello (2005) - vai dizer que

Nosso desejo não nos leva a sonhar em estabelecer diante da normalidade “hetero” uma espécie de normalidade homossexual. **Muitos participantes da F.H.A.R acabaram [refere-se ao ano de 1972] hoje por evitar repetir nosso *slogan* do início: “Temos orgulho em ser bichas”.** No fundo, sentimentos uma certa vergonha desse orgulho. É preciso dizer que este orgulho também nos mutila, na medida em que ele nos leva a acreditar que, se invertemos os valores do mundo normal, nos liberamos, pois nosso desejo diz que isso é falso (Hocquenghem, 1980: 55). O grito em negrito é meu.

A obra de Guy Hocquenghem de onde Mello (2005) retira sua citação (p.9) reúne sua produção intelectual publicada em jornais e revista – como o *Le Nouvele Observateur*, *Libération*, *Partisans*, etc –. Assim, sem querer exagerar em demasia a *condição de legalidade* em que começa a se encontrar a homossexualidade também é fruto de algumas tendenciosidades científicas. É, assim, que os homossexuais vão sendo – como o eram outrora cooptados pelos partidos de esquerda – para o centro homossexual mantenedor de algumas regrinhas – nem sempre tão honestas -, mas que inspiram o ar militar – do recrutamento – como soldados rasos postos em fileiras a marchar, mas sem saber ao certo para onde. Ensina-lhes que apenas lhes bastará a coragem para lutar por meio da *assunção salvadora* – nem tão utópica assim! -. Recrutas, portanto, de um *homossexo oprimido*.

Transcendendo a este *espetáculo científico* de engajamento à *legalidade* homossexual Trevisan (2002) nos brinda com – os *frutos de seu tempo*!- que de tão amadurecidos parecem provocar – pelo menos em alguns indivíduos – certa azia estomacal. Assim é que vem a idéia de

Integrar-se ou desintegrar, eis a questão. Percorro o meio homossexual e não canso de deparar com situações surpreendentes. Não, não vou alar de pegação (ou açougue) nos cinemas, parques e saunas – não desta vez. Num debate promovido pelo Caehusp, dentro do seu ciclo de mesas-redondas sobre homossexualidades, ouvi uma conversa que foi entusiasmando o público na mesma proporção em que me deixando de cabelos em pé. Como **havia uma vereadora presente, alguém propôs com eloquência que ela encaminhasse junto à Camara dos Vereadores de São Paulo os projetos de: 1) determinar uma praça para as bichas caçarem à vontade (sugeriu-se a Praça Roosevelt, pela proximidade de vários outros *points gueis*); 2) batizar ruas e criar monumentos com nomes de bichas e lésbicas eméritas**. “Meu Deus, se mencionarem o meu nome, onde vou esconder?” – pensei, aterrorizado ante a possibilidade de estar entre as bichas eméritas (Trevisan, 2002: 509). O grifo em negrito é meu.

Este ‘medo’ diante do qual parece tremer João Silvério Trevisan me fez lembrar da música “*Admirável Gado Novo*” do cantor e compositor Zé Ramalho que diz que:

Vocês que fazem parte dessa massa/que passa nos projetos do futuro/É duro tanto ter que caminhar/e dar muito mais do que receber/E ter que demonstrar sua coragem à margem do que possa parecer/E **ver que toda essa engrenagem já sente a ferrugem lhe comer/Ê, ô ô, vida de gado, povo marcado, ê, povo feliz/Lá fora**

faz um tempo confortável, a vigilância cuida do normal.

(Ramalho, Admirável Gado Novo, 1998). O grifo em negrito é meu.

Depois que Zé Ramalho cantou esta música em Brasília – em manifestação do movimento Sem-Terra – foi a este movimento associado. Mas, para além das questões agrárias no Brasil a música parece ser uma ‘*corruptela*’ de uma obra também não menos ovacionada e que nos remete para um tipo de *sociedade do futuro* criada pela escrita de Aldous Huxley e intitulada “Admirável mundo novo”.

A música de Zé Ramalho explicita por um lado o medo de Trevisan (2002) diante das propostas políticas – praças para *pegação* e *nomes de ruas* com figuras eméritas do meio homossexual -. Este medo, talvez, seja causado pela idéia de que “*lá fora faz um tempo confortável, a vigilância cuida do normal*”. Essa idéia de fazer um *tempo confortável* tanto pode nos remeter para um tempo meteorológico – *bem ensolarado e ameno sem pancadas de chuva no final do dia* - quanto para uma idéia de tempo histórico – presente – em que o conforto que se experimenta é um conforto falso, sob vigilância das regras que instituem a normalidade. É, justamente, a normalidade deste “*tempo confortável*” o que corresponde em Huxley ao seu *narcótico* futuro chamado “*soma*” . Será mesmo que adormecemos diante do “*tempo confortável*”? Então, a pergunta é: em que lugar veio se inscrever a assunção gay na epistemologia do armário gay na contemporaneidade? Que lugar – na sociedade – ocupa o gay que se assume enquanto tal?

Somatizado, na *legalidade normalizadora, normatizadora*, a resposta não poderia ser diferente. O gay/homossexual, assim, experimenta o *conforto* de um *tempo futuro* que lhe furta a capacidade e a engenhosidade de transgredir as regras que o ‘*somatizam*’, que o ‘*normalizam*’, ‘*normatizam*’ através da vigilância das instituições – *que o preserva e*

disciplina, dociliza para homenagear Foucault -. O normal, portanto, aparece não como uma questão da natureza, mas como uma questão de sentença.

Mas, no entanto, nem tudo é um mar de *rosas*. Às vezes, parece-me, o *destino* quer cuidar para nos afastar do abismo no qual estamos prestes a cair, no abismo que estamos prestes a ser tragados, mas por um tipo de vertigem momentânea, infelizes e cansados com a vida que vivemos, pois necessitamos falar, insistentemente, em forma de confissão, diante de uma artilharia que rejeitamos, mas que *desejamos* estar nela, dentro dela, ser ela própria – *ai, maldito Freud!* – *despirocamos* e tecemos os mais horrendos comentários inflamados de um ódio cheio de amor, de um sentimento coercitivo, que nos empurra para o centro e do qual não conseguimos, facilmente, livrar-nos, posto que é deste sentimento que nos constituímos e embora que exijamos a nós mesmos rejeitá-lo é ainda dele, sobre ele, ele mesmo o que brota escamoteadamente – pretensamente, escamoteado – de nós, só de nós, só por nós ele consegue sobreviver e encontrar o alimento fácil pelo qual nos submete sadicamente. É assim que Trevisan (2002) escrevendo aos nossos parlamentares – *que fabuloso!* – vai dizer em tom suplicante:

Apesar de ser um escritor cinquentão, conhecido no Brasil e no exterior, com inúmeras obras em literatura, teatro e cinema, pelas quais fui várias vezes premiado, sou brigado a sofrer humilhação, desrespeito e baixaria, na Câmara dos Deputados, por causa da minha forma de amar. Ora, isso marca um abismo entre nós, porque **minha forma de amar me traz justamente orgulho e felicidade. Conquistei-a através de muita luta, contra gente como os senhores, que me oprimiu a vida inteira e me levou a viver**

conflitos dolorosos, desde membros da família até críticos literários. Com poucos instrumentos, fui construindo meu próprio mundo interior, contra uma cultura inteira que não me permitia algo básico: amar do meu jeito. Sinto-me orgulhoso perante mim mesmo porque posso dizer que fui muito corajoso. Usando o linguajar nada sutil dos senhores, precisa ser “muito macho” pra ser viado, não é? (Trevisan, 2002: 524). O grifo em negrito é meu.

Espero que com a “*Carta a Brasília*” o *nobre* escritor e cineasta João Silvério Trevisan, como saldo, ao menos, tenha tido uma excelente *catarse*. Talvez, tenha sim, pois ele se diz ‘*orgulhoso e feliz*’ o que nos demonstra que a carta deve ter chegado até aos seus destinatários de maneira inócua.

A *epistemologia do armário* parece, então, ser este *monstrão* que nos engole sem que *suspeitemos* ao menos sequer de sua presença. Cuidando apenas em nos livrar do armário *opressor*, esquecemos que o conforto que nos apresenta (*a assunção!*) – *a salvação utópica de Sedgwick!* - está sob as ordens de uma vigilância cuidadosa do normal, instituidora nada *somatizada*. Sentimentalismos à parte: *é legal ser homossexual*.

CAPITULO IV

GRAÇAS A DEUS O DIABO NOS ERROU

4. ENFIM, A CURA E NOVAS POLÍTICAS!

A saudável homossexualidade

Saúde, vitalidade, reenergização, desestereotipados, visíveis, equilibrados, afirmados, belos, naturais, por fim, normais – eu diria normalizados -. São estes e tantos outros termos que nos apontam não apenas para a *cura* da homossexualidade – o que foi um dia o doentio *feminino monstruoso* – como também nos lançam para uma espécie nova de epistemologia não apenas do *armário*, mas uma *epistemologia política* específica em que se conjugam *cura* e *direitos*.

Na seara, portanto, dos novos estudos gays a homossexualidade não aparece curada, quer dizer, não aparece com este termo, como também no meio *dóxico*, mas é sempre a ele que se faz referência - *involuntariamente, claro!* -. Embora que hoje se negue que a homossexualidade algum dia foi doença – qualquer que pudesse ter sido sua natureza: mental, físico-hormonal ou uma combinação de ambas -, isto porque a nova ciência do milênio tem *insistentemente* negado tal caráter e protegido demasiadamente o saber que o inventou de tal modo, o fato é que, os novos diagnósticos – *nem tão médicos assim* – relatam *contrastivamente* um indivíduo *saudável, reenergizado, emocionalmente equilibrado, belo, portanto, natural e normal*.

Assim é que para os novos estudos a homossexualidade já não é mais motivo – quer dizer não incomoda tanto como incomodou aos antepassados moralistas da ciência – de tantas indagações senão contabilizar seus ganhos, estudar sua política e as políticas públicas que os governos lhes dedicam, estudar o prospecto de futuro destes indivíduos em

conjugalidade – caso haja algum prospecto -. Quer dizer, os estudos científicos – pelos menos aqueles ligados mais às questões *culturalistas* – preocupam-se mais em como a homossexualidade está sendo integrada ao sistema, ou antes, às *categorias dominantes*, de que prefere Bourdieu. Assim é que há uma infinidade de estudos que versa sobre *parentalidade, conjugalidade, esporte, lazer* homossexuais.

Por outro lado, *as revistas, panfletos, vídeos, desenhos eróticos* na senda dos *novos entendimentos* da homossexualidade em contexto do tempo presente acompanharam as tendências naturalizantes e normalizadoras da homossexualidade. Assim é que não causa mais pânico em quase mais ninguém – nem mesmo nos atores e atrizes de Hollywood e no Brasil em atores e atrizes globais – em demonstrar o seu lado *normal gay*.

De fato, há alguns estudos e alguns estudiosos ainda preocupados até onde os rumos que este processo de *naturalização* e *normalização* possa chegar. Tenho, particularmente, a impressão que tais preocupações são, demasiadamente, extemporâneas. Por tais preocupações deve-se entender a

[...] obstinação em reproduzir a família e o amor romântico, que as vitórias em termos de reconhecimento dos direitos civis dos casais homoeróticos terminem por reproduzir as hierarquizações de gênero; que se constituam como novas formas de controle e vigilância sobre o homoerotismo; que se criem novas homossexualidades subalternas, e dicotomias que separem homossexuais entre os que são promíscuos e aqueles bem casados, reforçando ou continuando assim um esquema de valores, normas e condutas que, durante anos a fio, serviu para controlar, perseguir e

constranger homens homoeroticamente orientandos (Castro, 2007: 106).

Todas estas normatizações apontadas e temidas por Castro (2007) são uma realidade no meio homossexual. Existe no meio homossexual não como tecnologia desenvolvida por este mesmo meio, mas como a partilha dos valores e dos símbolos que atingem tanto homossexuais, quanto heterossexuais. Portanto,

Gays e lésbicas são socializados, não se pode esquecer, com base no mesmo conjunto geral de valores transmitidos aos heterossexuais, aprendendo, da mesma forma que estes, a conferir grande importância à dimensão afetivo-sexual em suas vidas, por meio de um ideal de conjugalidade que atribui ao parceiro parte expressiva da responsabilidade pela felicidade dos sujeitos (Mello, 2005: 21)

A *individualização do sexo* – Giddens (1993) chamou de *amor confluyente/relacionamento puro* – tem marcado, *indistintamente*, a maneira como os indivíduos – pelo menos no Brasil – se relacionam afetivo-sexualmente. A individualização do sexo, portanto, garantiu por um lado a volta romântica do amor às insígnias do sentimento e da idealização do ser amado; por outro, devolveu ao corpo uma espécie de *autoridade fisiológica* de controle de sua função ligada a uma vontade de prazer encontrando na configuração social ‘moderna’ seu agente facilitador: a individualização do sexo. No geral, a individualização do sexo nos lançou para um novo e específico jogo das conjugações amorosas.

Enfim, a temeridade de Castro (2007) justifica-se. Não porque como diz Mello (2005) homossexual e heterossexual assimilam ao longo de suas vidas os mesmos

conteúdos culturais e “fecham” com os mesmos códigos sociais que lhes dão expressão. Mas, justifica-se porque e, especificamente, contrastivamente à heterossexualidade, os homossexuais têm de se afirmar não na periferia, não nas margens onde depois de surgidos no centro vão habitar, mas porque suas contestações perderam o ritmo e o tino; esvaziaram-se dos significados do passado; não mais protestam, nem desejam um mundo novo, nem melhor, mas porque os novos homossexuais – os teens – já nasceram em um *regime* de cuja *dieta* não lhe cobra sacrifícios, mas lhes oferece o maná; dá-lhes cercados ampliados e satisfações venéreas.

Isto parece se traduzir nos *Requerimentos Obrigatórios* do concurso Mr. Gay 2009 para quem seus candidatos devem

Ter de nacionalidade brasileira; Idade entre 18 e 40 anos; **Não possuir antecedentes criminais**; Ser comunicativo e sociável e em **excelente condição física**; **Ser disciplinado e de boa conduta moral**; Não ter tido publicados ensaios em nu frontal ou participado de produções ligadas ao entretenimento adulto; Ser responsável pelo transporte (aéreo ou terrestre) até a cidade sede do evento; Haver quitado integralmente o valor da licença estadual até a data estipulada pela organização (Mr. Gay BRASIL 2009). Os grifos em negrito são meus.

Um “ativista” homossexual do passado talvez se indignasse ao ler o regulamento do concurso Mr. Gay 2009; indignar-se-ia pelo seu caráter pouco transgressor e demasiadamente normativo. Neste pequeno “Requerimentos Obrigatórios” de fato traduz e contrasta elementos que estão na ordem – quer dizer, dentro e cumpridores dos padrões

normativos – e os que estão fora são, portanto, marginais e desobedientes. Punem-se, então, estes últimos com o indeferimento dos possíveis pedidos de inscrição. Enfim, o regulamento do Mr. Gay exemplifica, traduz o significado do que é ser um *homossexual-legal* ou da condição de legalidade homossexual por que passa a homossexualidade no tempo presente no Brasil.

Mas, insiste Mello (2005) que

É, conseqüentemente, cada vez maior o número de gays e lésbicas que decidem, de variadas formas, publicizar sua orientação sexual, numa tentativa direta de superação do preconceito e da discriminação, não omitindo de seus parentes, amigos, vizinhos e colegas de trabalho a existência de um cônjuge do mesmo sexo em suas vidas, numa **atitude claramente política [...] Longe de qualquer pretensão queer**, parece cada vez mais que as lésbicas e os gays brasileiros não estão dispostos a ser eternamente tios e tias. **O casamento, quem diria, é o grande tesouro embaixo do arco-íris?** (Mello, 2005: 21-3). Os grifos em negrito são meus.

Atitude política, longe de qualquer pretensão queer, casamento, excelente condição física, não ter antecedentes criminais, disciplinado e boa conduta moral parecem ser os termos que, em tese, qualificariam um indivíduo heterossexual, bem sucedido financeiramente e branco, mas não é. Por tais termos também se qualifica um homossexual moderno, legal. São estes termos que por outras vias legais colocam o homossexual em estado físico-mental de completa recuperação de sua antiga doença. Esvaem-se aí, portanto, termos subentendidos que qualificavam os homossexuais do passado como *pretos, pobres*,

putos, infelizes, figuras esquiladas e diabólicas, infames, infamantes, devassos, transgressores da ordem, da moral, dos bons costumes, criminosos consumados.

Assim é que nesta perspectiva o *Diário de Saúde* publica uma matéria intitulada *Homossexualidade saudável completa dez anos* e diz que

Fim da homossexualidade como doença portas abertas para discussões sobre opção sexual e ampliação da inclusão social de homossexuais foram alguns dos resultados obtidos com a resolução criada no dia 22 de março de 1999 pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). É dessa maneira que, dez anos depois, o presidente da CFP, Humberto Cota Verona, avalia os efeitos da resolução, que proibiu psicólogos brasileiros de tratar a homossexualidade como problema de saúde. Segundo ele, a medida fez com que o debate sobre homossexualidade estivesse cada vez mais presente na sociedade. "Ela [a resolução] teve um importante papel para garantir direitos e abrir a discussão sobre a questão da orientação sexual. Hoje a gente pode dizer que a sociedade evoluiu bastante", afirmou o psicólogo em entrevista ao programa Cotidiano da Rádio Nacional (*Diário da Saúde*, 3/2009 versão online). O grifo em negrito é meu.

É nesta perspectiva de ampliação e inclusão social da homossexualidade e do homossexual saudáveis que surgirão – por meio de *lobbys* políticos – agendamentos políticos, políticas públicas que visem a garantir pacificamente o *ritual de travessia* do antigo criminoso ao agora saudável e inspirador de confiança.

Entretanto, esta não parece ser opinião de todos. Apreciando as contribuições sexuais dos homossexuais Margareth Rago nos diz que

Os homossexuais [...] investiram radicalmente contra o **modelo do supermacho**, que Rock Hudson encarnara sem dificuldades na tela. Apontaram para outras possibilidades de construção da masculinidade, à mesma medida que **questionaram e ridicularizaram o rígido modelo masculino tradicional, convergindo de certo modo com as feministas**. Além disso, **propuseram novas formas de relacionamento amoroso, revelando o quanto as práticas heterossexuais estavam envelhecidas e desenergizadas** (Rago, 1998: 96). Os grifos em negrito são meus.

Parece evidente que as idéias contidas no texto de Rago (1998), a meu ver, não foram muito problematizadas. Quer dizer, “os homossexuais” no discurso de Rago (1998) são uma espécie de homossexual universal em que nele todos os homossexuais e por que não dizer?, todas as homossexualidades nele reduz-se. Talvez, sua autora já não sustente as afirmações que levantou, nem concorde que os homossexuais tenham inventado algo de novo para caracterizar os relacionamentos amorosos. Isto porque, a própria *doxa* homossexual é contundente e efusiva nas críticas que tece a seu próprio respeito como vimos no segundo capítulo desta dissertação. Enfim, a contragosto de Rago (1998) o que parece ter acontecido é que o homossexual que ela apreciou não existe mais e, quiçá, nunca tenha existido nesta forma de universalização. A menos que ela considere, claro, que a reenergização das práticas sexuais envelhecidas, no caso dos homossexuais masculinos – e

neste caso seriam apenas alguns -, dêem-se apenas a nível anal, para quem, a liberação, ou antes, a interdição em muitíssimos casos não constitui o mínimo problema. Obviamente, que não estamos – tanto eu quanto Rago – tratando apenas de esfíncteres.

Dada a *cura* da homossexualidade agora é a hora de exigência pelos mesmos direitos – *que políticos!* - de que gozam os heterossexuais – *estes iguais!* -. E a exigência destes direitos vem em forma de discurso que ratifique a todo o tempo a nova condição de *salubridade* em que se encontra a homossexualidade. A este respeito dispara Trevisan (2002) que

Trata-se de um secreto desejo de se identificar com o padrão de normalidade heterossexual [...] Durante a 17ª Conferência Anual da Internacional Lesbian and Gay Association (ILGA), realizada no Rio de Janeiro, em 1995, não foi permitida a presença de grupos de militantes homossexuais pedófilos – para não causar mal-estar na mídia nem assustar as entendidas financiadoras, num congresso de homossexuais que “parecia um encontro de profissionais liberais”, no dizer de um jornalista. Assim, em nome do comportamento mais “adequado”, instaura-se uma nova classe de excluídos, entre os próprios homossexuais. Ou seja, substitui-se uma velha normalidade por outra igualmente intolerante, exercida – em nome da velha sociedade permissiva e hipócrita – por mocinhos e mocinhas recém-saídos da categoria vilões/vilãs (Trevisan, 2002: 472). O grifo em negrito é meu.

De qualquer modo – e o modo já nos é demasiadamente conhecido – Trevisan (2002) desvela, revela, descreve o que antes era motivo de preocupações de Castro (2007). Portanto, a homossexualidade parece já não ser mais aquela terrível doença que ameaçava as constituições da verdade masculina, nem a ordem da civilização.

Enfim, a calma e o diletantismo homossexuais que se experimentam no tempo presente ressoam na tolerância e respeito ao próximo por parte das instituições governamentais que junto com alguns homossexuais elaboraram deliberativamente o programa de combate a *homofobia* no Brasil incentivando algumas políticas públicas. Programa, então, conhecido como *Brasil sem homofobia*. O objetivo do programa é justamente

[...] promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da **equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas**, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais. Para atingir tal objetivo, o Programa é constituído de diferentes ações voltadas para: a) apoio a projetos de fortalecimento de instituições públicas e não-governamentais que atuam na promoção da cidadania homossexual e/ou no combate à homofobia; b) capacitação de profissionais e representantes do movimento homossexual que atuam na defesa de direitos humanos; c) disseminação de informações sobre direitos, de promoção da auto-estima homossexual; e d) incentivo à denúncia de violações dos direitos

humanos do segmento GLTB (PPA, Brasil sem Homofobia, 2004/7: 11).

O programa conta com alguns princípios dentre os quais destaco apenas o primeiro que diz que

A inclusão da perspectiva da não-discriminação por orientação sexual e de promoção dos direitos humanos de gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais, nas políticas públicas e estratégias do Governo Federal, a serem implantadas (parcial ou integralmente) por seus diferentes Ministérios e Secretarias (PPA, Brasil sem Homofobia, 2004/7: 11). O grifo em negrito é meu.

“Equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas” e *“Inclusão da perspectiva da não-discriminação por orientação sexual”* . São duas expressões que estabelecem uma relação de causa e efeito, pelo menos, ao que parece. O fato é que o programa Brasil sem Homofobia não traz uma ‘definição’ do que entende, realmente, por homofobia, nem quem são seus ‘reais’ adversários. Há, enfim, nesta perspectiva da homofobia ligada ao movimento homossexual ou aos movimentos homossexuais criados para defender a ‘causa’ homossexual uma clara ação de combate a seus inimigos, mas quem são eles? De qualquer modo, fica a impressão de que a discriminação, a violência, os constrangimentos causados – *e, portanto, puníveis na forma e no rigor da lei* -, sexualmente, mas não apenas, dizem respeito ao tipo de violência, discriminação, constrangimento partidos de heterossexuais. Não li nenhuma menção a homossexuais homofóbicos, ou não li que algum homossexual tenha chegado às vias de fato, tenha assassinado um seu ‘igual’.

Enfim, a este respeito Trevisan (2002) é categórico ao dizer que

[...] instaurou-se uma uniformização do desejo. Ao mesmo tempo, **o exibicionismo e a auto-afirmação compulsiva levaram inevitavelmente ao infantilismo**. No limite, essa tendência da cena homossexual criou corpos esculturais em série, capazes de uma intensidade erótica que dura só até a próxima ejaculação, que por sua insatisfação exigirá outra, e mais outra, gerando um efeito de obsessão. Enquanto isso, os que divergem do padrão tornaram-se os vilões do gueto. Quem são eles? Os efeminados, os feios e os velhos, que são punidos com a execração e a estigmatização excludentes. Assim, **os valores homofóbicos voltaram reforçados, agora exercidos entre os próprios homossexuais**. E nem fora do gueto há salvação: basta correr os olhos pelos anúncios sentimentais gueis para notar a mesma padronização – muitas vezes acrescida daquela arcaica “discrição”. **Mais do que nunca, é preciso saber comportar-se, para não ser notado como diferente** (Trevisan, 2002: 471-2). Todos os grifos em negrito são meus.

Lançada nas malhas da indiferença – mas procurando diferenciar-se – a homossexualidade já não existe faz algum tempo. Digo, a homossexualidade que tinha como “objetivos específicos” transgredir a ordem e instaurar o caos; a vontade de transgredir as leis e ficar mesmo marginalizada, que desejava e queria ser assim; debochar das instituições que procuravam entender-lhe o corpo e a alma lançando sobre sua face todos os anátemas de que fosse possível.

4.2 SEM MARGENS... NEM MARGINALIDADES: NENHUMA “BEIRA”, TUDO É CENTRO

A homossexualidade, esta feliz companheira

Li não sei onde que os “gays venceram a luta e agora é a hora de arrumar a casa”. Penso que esta oração de vitória se traduz no que o movimento gay, principalmente, os militantes da Bahia dizem “*somos muitos e estamos em toda parte*”. “*Venceram a luta*” e “*estamos em toda parte*” é, demasiadamente, emblemático. Emblemático não apenas a sua suposta diferença que tão vorazmente os movimentos gays apressam-se por afirmar, mas emblemático, principalmente, pela igualdade – *não ainda de direitos* -, mas pela igualdade dos códigos culturais aceitos, assimilados e praticados. Talvez, um estudo específico e sério, demonstrasse que, a luta dos movimentos gays de hoje estão ao mesmo nível das reivindicações dos trabalhadores – *mal pagos* -, mas cumpridores de um *script* que fora da sua debilidade específica não é mais capaz de diferenciar-se do restante dos trabalhadores bem pagos. Sua *marginalidade* não é mais temida, e em verdade, já nem existe mais.

Nos grandes veículos de comunicação como revistas, jornais impressos, etc. a homossexualidade parece ser muito bem aceita dada a naturalidade com que dela se trata. Não mais grandes frases de efeito dizendo que a *homossexualidade é uma ameaça à civilização*, mas ao contrário, dizendo que a *homossexualidade é saudável, normal e natural*. Entretanto, será que todo este espectro de normalidade e naturalidade não são meros factóides produzidos pela imprensa, pela mídia a fim de agir, politicamente, corretos? Não estaria a imprensa, a mídia de um modo geral – inclusive as produções LGBT’s – *inventando* ao nível estético uma espécie de tolerância, de respeito?

A revista *Superinteressante* de Julho de 2004 trouxe como matéria de capa o seguinte título “**CASAMENTO GAY: O Brasil nega 37 direitos fundamentais aos homossexuais: receber herança, somar rendas, ter dependentes... Isso está certo?**” e diz que, a respeito do casamento gay

[...] há quase três décadas a legalização do divórcio despertava emoções e debates tão fortes quanto a idéia de permitir, em 2004, que duas pessoas do mesmo sexo tenha permissão para se casar. **Para os críticos, trata-se de uma ameaça à família, à sociedade e às crianças que serão educadas por esses casais.** Para os defensores, estamos diante de uma questão de escolha individual e direitos iguais. **Legalizar o casamento gay significa que o governo brasileiro está reconhecendo que naquele ato não existe nada de errado. Pelo contrário: que o casal está plenamente apto a formar uma família – provavelmente a mais fundamental de todas as instituições da sociedade,** onde futuros cidadãos recebem carinho, aprendem valores morais e noções de certo e errado (Gwercman in Casamento Gay, *Superinteressante*, jul. de 2004).

Por baixo de todo este debate – *entre os críticos e os defensores* – está submersa, talvez, uma questão ainda mais crucial e fundamental – que não o casamento como a instituição social *par excellence*, mas o fabrico dos não monstregos, não a *compulsoriedade*, dos não *femininos monstruosos* que encoberto por uma espessa camada de direitos acaba passando despercebida. Se por um lado há uma *batalha homérica* por afirmar a todo instante através das ações, das atitudes, do corpo a salubridade física e

moral, por outro é preciso não só demonstrar, mas fabricar metaforicamente no próprio corpo este *fantástico*. “Fácil” se torna assumir a idéia segundo a qual se é homossexual, gay; difícil, no entanto, é assumir que um provável filho seja desejado, incentivado, encorajado, educado a ser um homossexual, um gay também. Aí subjaz, portanto, a razão dos debates calorosos entre críticos e defensores do suposto casamento gay que, conseqüentemente, formada a nova família institucionalizada, a adoção de crianças seria, então, uma realidade. Assim é que

Apesar da dificuldade, algumas hipóteses podem ser formuladas para os efeitos da adoção gay. **A ausência de um referencial do sexo ausente não parece ser problema – segundo Carmita, a criança é capaz de reconhecê-lo em outras pessoas próximas. É o que acontecem com filhos de pais solteiros. Gays tampouco induzem crianças à homossexualidade, concluiu mais de uma dezena de estudos diferentes.** Outra pesquisa, apresentada pela professora Charlotte Patterson na Associação Americana de Psicologia, em 1995, mostrou que **hábitos de crianças criadas por lésbicas eram praticamente idênticos aos dos filhos de heterossexuais. Assistiam aos mesmos programas de televisão, brincavam com os mesmos brinquedos, se relacionavam com os mesmos amigos no colégio** (Gwercman in Casamento Gay, Superinteressante, jul. de 2004). Os grifos em negrito são meus.

A psiquiatra parece – mas não apenas ela – preocupada com o futuro de Édipo – *este complexo!* -. Recordo-me que a este respeito Bronislaw Kasper Malinowski fez algumas críticas a *universalidade edipiana* proposta por S. Freud ao estudar os povos da Ilha de

Trobriand. Um menino criado por dois homens com quem se identificaria e a quem rejeitaria? A quem desejaria *metaforicamente* matar para ir abraçar-se no leito de “Vênus” e deleitar-se em seu prazer?

Por baixo de todas estas indagações – que parece ser a tônica dos debates (quem será o pai, quem será a mãe?) entre os críticos e os defensores do casamento gay – subjaz, efusivamente, ululante uma questão que no mais das vezes parece não interessar, especificamente, ao movimento gay e aos gays – pelo menos alguns que conheço – que não apenas a afirmação de si enquanto gay, mas a afirmação de que esta homossexualidade é algo desejada, querida e que será incentivada e que, portanto, deve também ser caminho para, neste caso, um *filho*.

“*Gays tampouco induzem crianças à homossexualidade*”. Esta oração se lida por alguém desavisado de seu conteúdo ‘profundo’ pareceria livre de seu aspecto mais interessante que é a continuação – por outras vias – de um entendimento segundo o qual a homossexualidade é um erro, um crime ou um pecado. Frisei o verbo *induzir* por meio do qual ele provoca uma relevante indagação: por que gays não induzem – como fazem heterossexuais – crianças (seus filhos, em tese) à homossexualidade, uma vez que, segundo as novas invenções a homossexualidade é legal, é boa, normal e natural? O que há com a homossexualidade que seja impossível a sua indução?

Nunca li, nem ouvi uma vez sequer – e aí peço por desconhecimento – que algum homossexual, algum militante militasse em defesa da afirmação do outro enquanto gay. Talvez, fosse exigir demais de uma sociedade que começou agora a dar sinais de tolerância, de aceitação, de comprometimento político desinteressado; talvez, seja melhor gays produzirem heterossexuais e heterossexuais produzirem gays em suas famílias tradicionais,

assim, os homossexuais terão como se defender de que quem os produz não são suas famílias específicas, mas famílias *heterotradicionais*.

Irônica, então, é a pesquisa da professora Charlotte Patterson que pesquisou sobre a criação dos filhos de lésbicas não encontrando nenhum sinal de *perversão* nas crianças, uma vez que, constatou-se que os meninos (as) ***assistiam aos mesmos programas de televisão*** – evidentemente que não havia programas para filhos de lésbicas –, ***brincavam com os mesmos brinquedos*** – também evidente que não havia brinquedos específicos para filhos (as) de lésbicas –; ***se relacionavam com os mesmos amigos no colégio*** – naturalmente, não havia ninguém declaradamente gays/lésbicas – *nem mesmo os filhos (as) das lésbicas* - no estabelecimento de educação onde a pesquisa fora realizada.

Ao que parece, então, é que estamos progredindo e o respeito às ‘identidades’ parece já ser marca do governo nos Estados Unidos. O portal G1 publicou ano passado (2008) uma matéria com o título “Menores gays detidos poderão usar roupa íntima do sexo oposto nos USA”. A matéria diz que

O estado de Nova York adotou uma das políticas mais liberais dos Estados Unidos ao reconhecer que os **menores de idade homossexuais mantidos em centros de detenção têm direito a utilizarem a roupa íntima do sexo com o qual se identificam e a serem chamados pelo nome de sua escolha**. A nova política não partiu do governador David Paterson, mas foi produto da reflexão sobre a situação dessa parcela da juventude, disse Gladys Carrión, diretora do Escritório de Serviços para Crianças e Famílias (OCFS, na sigla em inglês). "Quando revimos como estávamos tratando os jovens, o que estava acontecendo em nossas instalações... Na

realidade, havia uma urgência em promover um ambiente mais seguro e em reconhecer que eles não têm que estar sujeitos à discriminação. Isso foi o que motivou a nova política", explicou Carrión (G1, 24/6/08, versão online). O grifo em negrito é meu.

Pareceu ironia do governo estadunidense? Pareceu mais caridade do que respeito? Por que dizer “roupa do sexo oposto” se a matéria justifica o respeito à “escolha” – em tese na matéria – de que a homossexualidade é seu próprio sexo (de quem o assume para si) e pelo qual a vestimenta – específica neste caso – são roupas do vestuário feminino? Por que a matéria não trouxe como título o seguinte *Menores gays detidos poderão usar roupa íntima feminina do seu próprio sexo nos USA*? Por que referir-se ao sexo oposto, *oposto como feminino*? Não há aí apesar das caridosas análises de favorecimento do vestuário a *extensão da monstruosidade feminina* no corpo masculino?

Enfim, parecem ser, realmente, questões existenciais. Mas, há quem já tenha sido encaixotado e elevado ao grau máximo o *novo estilo* homossexual. A este respeito Mello (2005) numa nota de roda-pé muito explicativamente diz que

Em relação aos gays, Pereira (1995, p. 55) destaca como característica desse processo de redefinição identitária “**o surgimento e a afirmação de um padrão, de um modelo masculino gay marcado pela ênfase nos corpos bem definidos, demonstrando força física**”. O novo gay, másculo, seria o irmão antípoda do homossexual oitocentista, efeminado (Mello, 2005: 200).

O que alguns chamam, eufemisticamente, de ‘*redefinição identitária*’, outros chamam de morte da homossexualidade – *pelo menos aquela homossexualidade que contestava, transgredia estas definições* -. Mello (2005), então, reforça este novo espécime contrapondo-o como um antípoda da *bicha-louca – que cura mental!* -.

O fato é que o *processo de silenciamento da homossexualidade* – notavelmente produzido pelas academias do mundo – produziu ou *reentranhou* ou ainda possibilitou a volta do filho pródigo à seara de seus pais – *heterossexuais a bem dizer!* -. Esta volta – para alguns, demasiadamente, melancólica – registrou a falência do que um dia fora vivido – embora que pelas circunstâncias de um momento – de maneira irreverente, de maneira mais livre, procurando fazer de suas experimentações não definições ou lições para a vida, mas vivendo as experiências como contingências das antigas certezas. Falo em *silenciamento da homossexualidade* como o modo pelo qual lhe tiraram a base que a fundamentava enquanto uma sexualidade de combate às regras moralizantes/moralizadoras, às leis do gênero, às regras do sexo; a ciência fora quem produziu este *novo monstro*. E não digo apenas nas ciências biomédicas, mas nas *ciências da humanidade*. Portanto, não é muito difícil encontrar os novos estudos gays preocupados não em *contestar* como o fizeram outrora a respeito da *verdade sexual* que se esmeram em descrever. Hoje e mui, abertamente, os estudos estão quase todos dedicados às situações de conjugalidade gay – apelidado já de conjuguei -, na velhice do homossexual, nas baladas, festas, no comércio, nas paradas do *Gay Pride*; estão preocupados com a identidade, com as políticas públicas, com visibilidades e invisibilidades, com casamentos e pactos civis de parceria, com homofobia, com normalidade e parentalidade, enfim, com a família.

Enfim, a maior parte dos estudos que tive acesso, aqueles que consegui me debruçar na apreciação – embora que não conste muitas vezes como citados diretamente no corpo

desta dissertação – não mais se questionam a respeito das questões de constituição, dos fundamentos que legitimam a homossexualidade como uma verdade sexual. O fato mais notável, talvez, é o modo como alguns estudos encaram a homossexualidade como forças reenergizantes – *que universalização!* – da antiga sexualidade – *nossa mãe!* -; estudos que, às vezes, nem desconfiam que a força do seu discurso não venha de si mesmo, mas das instituições por trás, só delas, inclusive, é que advém tamanha força, tamanho brilho, tamanho pendor.

Posicionados, portanto, tais estudos, tais críticas, num determinado lugar, parecem incapazes de questionar suas posições bastando-lhes apenas lobrigar o seu inimigo – *heterossexualidade* -, seu opressor, para disparar toda sua artilharia contra uma sombra, um fantasma. Os novos estudos gays, aqueles que se dedicam não mais às questões basilares, procuram em termos como *homofobia*, *heterocentrismo*, *heterossexismo*, etc. encontrar uma maneira de proteger o saber que produzem e tomados como certos, corretos e verdadeiros encontrar também, quem sabe?, na universalização de seus discursos os *fantásticos* que produzem.

Assim, já não é mais possível, e talvez seu indagador seja muito mal visto, indagar-se sobre o que é a homossexualidade? Se ela é natural, normal?, isto porque por tais perguntas entende-se que já há na indagação uma espécie de homofobia e intolerância internalizados. Esta desconfiança de tais perguntas não sofreu uma modificação, pelo menos de como elas poderiam de outra maneira ser encaradas. A normalidade de que tal indagação encerra não necessariamente estaria vinculada a uma espécie, por assim dizer, de “*normalidade natural, congênita, ontológica*”, mas um modo pelo qual o pesquisador lançaria novos olhares e levantaria novas questões, poria, justamente, esta homossexualidade fora da normalidade questionando este sentido do que é o normal. Mas, de fato, perdemos – talvez, não para

sempre -, pelo menos na academia, a possibilidade de fazer tais indagações sem sermos mal vistos. Uma normalidade que reclama para si o direito de existir de modo inquestionável articulando qualquer indagação de verdade a um caráter qualquer de discriminação que deve ser combatido custe o que custar.

Enfim, a homossexualidade *transcendeu* aos aspectos de *contestação* que lhe dera sentido durante as décadas de 1970 e 1980. Transcendeu um pouco por conta da doença – a SIDA – que exigiu uma nova *higienização*, mas também pela falta do que lutar em termos de ideais nas décadas seguintes, uma vez que, a homossexualidade fora demasiadamente institucionalizada e os velhos homossexuais contestadores do passado foram substituídos pela juventude homossexual de cujo caráter político está/va ausente. Se o que para as décadas de 1970 e 1980 – ainda sob o *bafo* de maio de 1968 – a homossexualidade era vista como uma das formas de contestações às normas políticas, culturais, de gênero, etc., durante os anos 1990 a homossexualidade vai passar por uma espécie de repaginada. Não para afirmar-se, mas para cobrar dos governos e da sociedade o reconhecimento de seus direitos negados tais como: direito ao casamento, adoção de crianças, etc.

Mesmo que a homossexualidade – pelo menos da homossexualidade de que até agora viemos considerando – tenha chegado ao fim, diz-nos Hocquenghem (1980) que a homossexualidade é aquilo que nunca deixamos de nos questionar mesmo imaginando ter respondido a seu respeito tudo o que podíamos. Talvez, então, por força das circunstâncias, das épocas que se sucedem no tempo algum dia a homossexualidade retome seu caráter transgressor, irreverente, do deboche e reavive – *não apenas como quem olha para um monumento histórico sólido e frio* – outra vez a *vontade de potência* de que nos fala Nietzsche (2000); que retome outra vez o colorido das *plumas iridescente* de que nos fala

Perlongher (1991) ou talvez retome a prática das “*loucas*” de que nos fala Copi (1978) na *translucidez* e festividade dos sentidos.

Há aí, quem sabe, em algum lugar do futuro um fato esperando para acontecer; talvez, seja o acontecimento desejado em que se misturarão pessoas sem marcas de gênero, sem insígnias de sexualidade. Há aí, quem sabe, no futuro, um modo pelo qual já não necessitemos de palavras que justifiquem os desejos, nem nossos desejos individuais, mas tão somente um futuro em que compreendamos que a sexualidade, esta nossa sexualidade, será apenas motivo de gargalhadas. Gargalhadas pelos indivíduos que nos substituirão como gargalhamos de Cesare Lombroso e Cia. Não por estarem acima de nós, por serem superiores a nós, mas por terem alcançado a compreensão de que a sexualidade – especificamente – a homossexualidade não ultrapassa as invenções de um momento histórico sendo, portanto, insustentável para o resto da vida. Isto tem todo um sentido se compararmos o que era o homossexualismo do séc. XIX e no que se transformou – e continua a se transformar dado que é um processo – a homossexualidade no séc. XX e início do séc.XXI. Assim é que tenho visto muita gente se assustar. Se antes a homossexualidade fora inventada como uma doença, tempos depois o mesmo inventor dissera que não havia doença a diagnosticar. Hoje a homossexualidade não constitui desvio nenhum... Nem ideológico, nem moral. Isto, talvez, prove o quanto estamos verdes, *frios* – como diz as crianças numa espécie determinada de jogo de procurar -. Mas, isto pouco importa, pois aqui ninguém procurou saber a verdade, só os caminhos pelos quais elas foram inventadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem/travessia da *sodomia* para o *homossexualismo* – sécs. XVIII e XIX - foi caracterizado por Foucault (2007) como o modo pelo qual o sodomita deixou de ser um *reincidente* para transformar-se num homossexual *especificado*. Esta caracterização “teórica” de Foucault é importante por que nos ajuda a inserir esta nova *espécie* em um *locus* determinado: a *modernidade*. E falando em modernidade não queremos dizer outra coisa que não falarmos sobre o que melhor caracteriza a modernidade que é mais do que qualquer outra coisa sua busca da *verdade*, pela *verdade das coisas*, suas implicações e problematizações a que ela nos induz e provoca. Se o reincidente homossexual era apenas um *pecador* que por outras vias voltava a praticar seu *crime - que pecado!* -, o homossexual especificado deixava a reincidência como *prática criminosa – de um crime contra a natureza* - para transformar-se ele próprio na própria natureza do crime que cometia, isto é, o homossexual era agora naturalmente – *ab ovo* – o criminoso *par excellence*. Não apenas um corpo criminoso, mas, sobretudo, um *espírito criminoso* desde o ventre.

Para a ciência do séc. XIX, portanto, que perguntava sobre a ‘natureza’ tão estranha do *emergente* homossexual já havia uma resposta mágica, cultural-religiosa: era uma *natureza criminosa*. Daí de alguns cientistas e criminologistas não economizarem nos verbetes pejorativos quando se referiam, cientificamente, claro, a estas emergentes criaturas criminosas – os *femininos monstruosos* -. Embora que a *ciência médico-psiquiátrica* quisesse – *pelo seu próprio caráter moderno – separar-se das especulações religiosas* era impossível desviar-se de sua mãe, pois era ainda nela que a ciência estava ancorada e demonstrando às vistas de quem quisesse o seu *ancoradouro*. Não é esta a origem dos nossos *métodos científicos* para alcançar a “verdade” dos saberes que produzimos?

Portanto, o *caráter moderno* do homossexualismo estava posto em termos de sua verdade na pergunta, cientificamente, natural: *o que é o homossexualismo?* Esta era a pergunta do séc. XIX e, aparentemente, ‘justa’. Perguntando sobre o que é o homossexualismo já se suporia na própria indagação que havia para o homossexualismo uma causa – qualquer que fosse sua natureza -. Foucault, no entanto, inverte e localiza “o problema” do séc. XIX – *o que segundo ele era o onde e como das “constituições da verdade”* - na segunda metade do séc. XX indagando-se não o que o homossexualismo era/foi, - reconhecendo o ‘homossexualismo’ não como uma questão *metafísica*, de essência, mas de possibilidades - mas quais as possibilidades de experiência era ele capaz de oferecer? Historicizando e criticando genealogicamente a ciência dos sécs. XVIII-XIX e início do séc.XX denuncia na segunda metade do séc. XX o que é para esta ciência moderna o seu fundamento, isto é, a verdade como o *estabelecimento/stabelishment* do *verdadeiro*. E assim diz que:

A 'verdade' é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que a produzem; a 'verdade' está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica quanto para o poder político); a 'verdade' é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); **a 'verdade' é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de**

comunicação); a 'verdade' é objeto de debate político e de confronto social (as lutas 'ideológicas'). (FOUCAULT, 1990a, p.13 apud. Assmann e Nunes, 2007). O grifo em negrito é meu.

Foucault, então, oferece-nos “um” *lôcus* de onde e como as *constituições da verdade* nascem. Por um lado, voltando um pouco ao velho Karl Marx, a verdade é a verdade dos que dominam política e/ou economicamente, mas não só. A verdade de que nos fala Foucault, se é que posso dizer assim, tem sua *natureza* no discurso. Não é, portanto, uma *verdade eterna*, uma verdade aí, platônica digamos, mas é uma *verdade inventada*, localizada no discurso, transmitida, naturalizada que nos jogos políticos, na *multiplicidade de correlações* desdobra-se em *mil pedaços sangrentos* cuja “gênese” não está no *absoluto*, no *eterno*, mas é um *efeito do temporal*, não nas próprias coisas, mas naquilo que inventamos e dizemos o que as coisas são. Foi deste modo, que a sodomia deixou de ser uma *reincidência* para tornar-se uma *espécie – diga-se de passagem, de verdade!* -.

Tornada a sexualidade uma verdade – a heterossexual -, a homossexualidade, ou antes, o homossexualismo é caracterizado como o seu contrário, portanto, o *falso*, o *mentiroso*, o *criminoso*, enfim! O *invertido/inversão* personifica uma espécie de evento da *segunda queda* que se experimenta e sinaliza no próprio corpo o sinal da inversão; o invertido e o sinal pelo qual se reconhece sua inversão, seu desvio, seu pecado, etc. é ainda a materialização do sinal original, do desvio original e para o qual o sofrimento foi a sanção; evidente que estou me referindo à figura do feminino e o que ele encarna para a ‘mitologia’ cristã. O *feminino suportável* – heterossexual – é o modo pelo qual o *masculino discursivo* (instituinte) o olha e o apreende na sua relação consigo mesmo – *masculino discursivo instituinte* – como o relativo inferior. É por esta relação do *feminino suportável* com o *masculino discursivo instituinte* que o homossexualismo enquanto *feminino*

monstruoso – da segunda metade do séc. XIX até a segunda metade do séc. XX - vai desvelar não o estado do feminino heterossexual, mas desvelar fundamentalmente um estado higiênico – para falar apenas do Brasil – em que a higienização aqui praticada neste aspecto da sexualidade deseja livrar os homens, o masculino desta desordem, desta sanção, deste mal. Daí é que o *homossexualismo científico* é ainda uma imperfeição, mas não constitucional como se pregou muito nos compêndios, mas uma imperfeição que se chama feminino e que apossado do corpo masculino vai se tornar monstruoso: portanto, o *feminino monstruoso* mais do que uma explicação científica vai encontrar sua explicação no espírito que o guia: o cristianismo. É uma tentativa de explicação científica, mas a resposta não deixa dúvida: ainda é de *origem* religiosa.

Na busca, portanto, de livrarem-se desse mal, os homossexuais – da segunda metade dos anos 1990 - reinventarão, ou antes, *esvaziarão* sua prática sexual do conteúdo *monstruoso, perverso, feminino* que a caracterizava de todo modo. A resposta não poderia ser mais positiva. Livre do feminino, a homossexualidade entra numa nova cena: positividade, legalidade, normalidade e *coroada* com a naturalidade. É deste modo, então, que se *restitui a aliança com o masculino* – o grande Pai - e se cumpre a parábola do filho pródigo. Restituir-se, portanto, em aliança com o velho Pai significa voltar a cumprir os antigos preceitos – *leiam-se mandamentos* – e reencaixar-se na antiga *horda* sob controle do Pai; *anistiados*, portanto, das sanções outrora lhes outorgara.

Portanto, fica evidente que não é o *termo/palavra* o que caracteriza a prática sexual – como entre os gregos clássicos para quem a passividade - papel sexual das mulheres e crianças - se executada por um adulto causava ridicularizações e interditos aos cargos públicos -, isto é, o que lhe dá consistência e ‘aceitação’, brio, orgulho é o alinhamento das práticas culturais destinadas aos gêneros e aos seus papéis. Portanto, não é o fato, por

exemplo, de ser *penetrado* – *este interdito!* - o que causa a ira dos homens, a ira e abominação de Deus, mas o fato desta *penetração* – pelo menos para o nosso contexto presente, especificamente, no Brasil -, ser associada a uma prática de gênero inferior associada ao *estético-feminino* cuja possibilidade é a sua leitura real. É a *feminização do ato* o que causa a ira, a abominação e o pânico que devem ser higienizados.

Há, portanto, para os homossexuais uma *perspectiva salvadora*: a assunção. O significado, então, do *assumir-se* homossexual, gay, homoerótico, homoafetivo, seja lá o termo pelo qual se designe esta prática sexual, é *redentorista* na medida em que a esta assunção está implicado um ‘*novo*’ modo de ser. Este “novo ser” ou para usar a linguagem religiosa esta “nova criatura” como pela parábola do filho pródigo deve *assumir a verdade sexual* do seu sexo original, então, desde o princípio ordenado por Deus. Implica, portanto, na assunção de que se é homossexual o afastamento, a *negação do feminino* a fim de que se possa positivar a prática, pelo menos para o tipo de homossexualidade que estamos considerando nesta dissertação.

Assim, *assunção* longe de afirmar uma condição sexual politizando-a, a assunção – pelo menos nos termos em que hoje acontece – é o modo pelo qual se aufere a verdade deste sexo que se escondia, se furtava e que, portanto, necessitava ser revelada. Verdade esta centralizada, de acordo com os *cânones* da normalidade e da naturalidade, portanto, passível de *premiações* políticas. Assim, o que era doentio, monstruoso, perverso, delituoso assume na nova era, na nova política, nos novos discursos o fantástico monstruoso, orgulhoso de seus desígnios ontológicos, oprimido soerguido, recrutado e posto nas fileiras de batalhas pronto para batalhar. A *nova criatura*, portanto, higienizada do *feminino* passa a se comportar como os seus iguais do *centro* para quem o *masculino* é o destino – *a salvação!* -.

Foi, portanto, nesta perspectiva de salvação que a *epistemologia do armário* – gay – veio se inscrever. Perspectiva esta que tomou para si, pelo menos ao que aparenta, a determinação das certezas sexuais pondo, de outro modo, a homossexualidade sob um fundo de verdade. A homossexualidade, assim, tornou-se ela própria não o motivo pelo qual se deveria questionar as certezas e as ontologias destinadas a regular o *sexo-gênero-sexualidade*, mas o modo pelo qual as certezas e as ontologias deveriam ser alargadas a fim de que pudessem acolher em seu *centro normativo* estas marginalidades extemporâneas, esta volta tranqüila ao Pai.

Se a homossexualidade algum dia foi mesmo esta *grande contestadora* das certezas *supralunares*, esta *grande transgressora das normas absolutistas* parece que encontrou seu “fim” pelo *demasiado* da colonização centralista de que sofreu. Não conseguindo, nem mesmo almejando, desejando, afirmando mais a *superioridade* desta diferença que a alçava às galáxias mais diversas defrontou-se com um paraíso terrestre, talvez, menos alegre, mas mais *humano, demasiadamente, humano* e como Nietzsche já havia alertado paraíso este que propondo a negação da vida neste mundo, propõe a vida no outro mundo; vida que não poderíamos deixar de vislumbrar como a negação da vida neste mundo pondo controle sobre a nossa vontade, a nossa *vontade de potência* e é, justamente, contra esta vontade de potência que esta *vontade de saber* institucionalizadora, ordenadora do mundo verdadeiro quer governar. E foi, justamente, nesta *instituição assumidamente homossexual* que a *epistemologia do armário* e a homossexualidade vieram habitar.

REFERÊNCIAS

- ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.
- ABREU, Caio F. *Morangos Mofados*. Agir, Rio de Janeiro, 2005.
- ANJOS, Augusto dos. *Eu*. Editora Universitária UFPB, 1999.
- ARISTÓTELES. *Política*. Texto integral, Martin Claret, São Paulo, 2001.
- BOFF, L. e RIBEIRO, L. *Masculino e feminino*. Editora Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 2007.
- BAIARDI, A. *homossexualismo e militância revolucionária*. Recôncavo, 2009.
- BERGAMO, Mônica. *O novo gay*. Disponível em <http://www.fashionbubbles.com/2007/o-novo-gay/> consultado em 31/5/09.
- BRASIL Sem Homofobia (BSH): Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- BAUMAN, Z. *A liberdade*. Ed. Estampa, Lisboa, 1989.
- _____. *Modernidade Líquida*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.
- _____. *Modernidade e Ambivalência*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999a.
- _____. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999b.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BOZON, M. *Sociologia da Sexualidade*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. – Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004.

C, Diana. *Proibição do cigarro chega a clubes gays brasileiros*. Disponível em <http://www.amata.com.br/assinaturas/2009/abr/17-04-09-3.htm> consultado em 17/4/09.

CECCHETTO, Fátima R. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: editora FVG, 2004.

CLASTRES, P. *A Sociedade contra o Estado: Pesquisas de antropologia política*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. *Arqueologia da violência*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004

COPI. *El baile de las locas*. Editorial Anagrama, Barcelona, 1978.

_____. *Las viejas travestís y otras infamias*. – 2ª. Ed - Editorial Anagrama, Barcelona, 1989.

CASTRO, Rosangela de Barro. *Amor e ódio em relações “conjugays”*. In: *conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Orgs. Miriam Pillar Grossi, Ana Paula Uziel e Luiz Melo. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.

CAMARGOS, Moacir Lopes de. *Sobressaltos: caminhando, cantando e dançando na f(r)esta da Parada do Orgulho Gay de São Paulo* / Moacir Lopes de Camargos. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007. Tese de Doutorado.

CUATRECASAS, Alfonso. *Erotismo no Império Romano*. Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1997.

CONDE, Michele Cunha Franco. *O movimento homossexual brasileiro, sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania*. Goiânia, 2004. Dissertação de mestrado.

DIÁRIO DE NATAL. *Macho, macho man*. Disponível em <http://pesquisa.donline.com.br/document/?view=12599> consultado em 26/2/09.

DUTRA, J. *Desconstruindo as sexualidades*. ABIA, In: HOMOSSEXUALIDADE: produção cultura, cidadania e saúde. Orgs. Luís Felipe Rios, Vagner de Almeida, Richard Parker, Cristina Pimenta e Veriano Terto Jr. Rio de Janeiro, 2004.

DOURADO, Luiz A. *Homossexualismo – masculino e feminino – e Delinquência*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1967.

DEBORD, G. *A sociedade do Espetáculo*. Contraponto, 2004.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. Os pensadores: Abril Cultural. Editor Victor Civita, 1978.

ERASMOS. *De pueris (dos meninos): a civilidade dos Pueril*. Coleção grandes obras do pensamento universal – 22. Editora Escala, São Paulo, s/d.

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador Vol. I*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1994.

_____. *O processo civilizador Vol. II*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1994.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1994b.

FRY, P e MacRae, E. *O que é homossexualidade*. Abril Cultural/Brasiliense, São Paulo, 1985.

FILHO, Hélio. *Tribuna Amiga: deputado federal discursa em homenagem aos 40 anos de Stonewall*. Mix Brasil, 3/7/2009.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. *Muito prazer, sou CELLOS, sou de luta : a produção da identidade ativista homossexual*. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO - Rio Grande : FURG, 2007.

FAROFA DIGITAL. *Que homem é esse? O masculino em questão*. Disponível em www.farofadigital.com.br/queer.ab.htm consultado em 8/4/09.

FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2008.

_____. *A arqueologia do saber*. – 3ª. Ed. – Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. *Da amizade como modo de vida*. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson flor do nascimento.

_____. «*Qu'est-ce que les Lumières?*», Magazine Littéraire, nº 207, mai 1984, pp. 35-39. (Retirado do curso de 5 de Janeiro de 1983, no Collège de France). Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. Dits et Écrits. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 679-688. Por Wanderson Flor do Nascimento.

_____. *Em defesa da sociedade*. Martins Fontes, São Paulo, 2005.

_____. *História da sexualidade. Vol. 1: a vontade de saber*. 18ª Ed. Graal, 2007.

_____. *História da sexualidade Vol. 2: o uso dos prazeres*. 10ª. Ed. Graal, 2003.

_____. *História da sexualidade Vol. 3: o cuidado de si*.

_____. *Vigiar e punir*. 31ª. Ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2006.

_____. *As palavras e as coisas*. Martins Fontes, São Paulo, 2000.

_____. *O nascimento da clínica*. 6ª. Ed. Forense Universitária, 2006.

_____. *A História da Loucura na Idade Clássica*. Perspectiva, São Paulo, 1997.

_____. *Nietzsche, a Genealogia e a História*. In: *Microfísica do Poder*. Graal, Rio de Janeiro, 1978.

_____. *Microfísica do poder*. Graal, Rio de Janeiro, 1978.

FREIRE COSTA, Jurandir S. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

_____. *A construção cultural da diferença entre os sexos*. Sexualidade, Gênero e Sociedade, Ano 2, Número 3, junho de 1995, pp. 3-8.

G1.COM. *Menores gays detidos poderão usar roupa íntima do sexo oposto nos EUA*. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL612927-5602,00.html> consultado em 07/6/09.

GREEN, J. N. Além do carnaval. *A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

GIDDENS, A e TURNER, J (orgs). *Teoria social hoje*. Editora Unesp, São Paulo, 1999.

GONTIJO, F. *Imagens Identitárias Homossexuais, Carnaval e Cidadania*. ABIA, In: HOMOSSEXUALIDADE: produção cultura, cidadania e saúde. Orgs. Luís Felipe Rios, Vagner de Almeida, Richard Parker, Cristina Pimenta e Veriano Terto Jr. Rio de Janeiro, 2004.

GALVÃO, Rafael. *O sumiço das bichas*. Disponível em <http://www.rafael.galvao.org/2006/04/o-sumico-das-bichas/> consultado em 1/6/09.

GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Garamond, 2006.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GROSSI, Miriam P. BECKER, Simone, LOSSO, Juliana C. M., PORTO Rozeli M. e MULLER Rita de C. F. (orgs.). *Movimentos sociais, educação e sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GROSSI, M, UZIEL, Ana Paula e MELLO, L (orgs.). *conjugalidade, parentalidade e identidades lésbicas, gays e travestis*. Garamond universitária, Rio de Janeiro, 2007.

GIDDENS, A. *A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas Sociedades Modernas*. Trad. Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993 – (biblioteca básica).

_____. *As consequências da modernidade*. Editora Unesp, São Paulo, 1991.

GIORGIO, Agamben. *Profanaciones* - 1a. ed. 1a. reimp. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.

_____. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HABERMAS, J. *A inclusão do outro*. Trad. George Sperber, Paulo Astor Soethe (UFRN), edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2002.

HOBBSBAWN, Eric. *Sobre historia*. Cia das letras, São Paulo, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza. *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004.

_____. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. *Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social*. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: RELUME DUMARÁ; ABIA: IMS/UERJ, 1996.

HOPCKE, Robert. H. *Jung, junguianos e a homossexualidade*. – 2ª. Ed. – editora Siciliano, São Paulo, 1993.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*, trad. Maria Carlota Gomes, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*. – 2ª Ed. – Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006.

HOCQUENGHEM, G. *A contestação homossexual*. São Paulo, Brasiliense, 1980.

JÉFT, André. *Cigarro gay? É brincadeira, né?* Disponível em <http://www.essential.limao.com.br/index.php?area=blog.php&id=927> consultado em 14/7/09

JOHAN, Allan. *A Heterolatria no universo gay*. In Revista Lado A. Abril de 2008.

LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LYOTARD, Jean François. *La condición postmoderna informe sobre el saber*. Editions de Minuit, Madri, 1987.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Editora Vozes, 2ª Ed. Trad. Sonia M.S. Fuhrmann. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Editora 34, Rio de Janeiro, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LLISTÓ, Paco. *Todo mundo para fora do armário*. In: Mix Brasil. Disponível em http://mixbrasil.uol.com.br/upload/noticia/3_45_53601.shtml consultado em 3/6/09.

LEAL, Cláudio. *Clodovil foi um “gay alienado” diz [Luiz]Mott*. Disponível em <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3640479-EI6578,00>

[Clodovil+foi+um+gay+alienado+diz+Luiz+Mott.html](#) consultado em 17/3/09.

MILK a voz da igualdade. Direção de Gus Van Sant, produção: Focus Features. Roteiro: Dustin Lance Black. Intérpretes: Sean Penn, Emile Hirsch, Josh Brolin, Diego Luna, James Franco, Alison Pill, Victor Garber, Denis O'Hare, Joseph Cross, Stephen Spinella, Lucas Grabeel, Brandon Boyce, Howard Rosenman, Kelvin Yu, Jeff Koons.
Gênero: Biografia, Drama. Duração: 128 min. Ano, 2008.

MUNÉVAR, Gonzalo. *Conocimiento radical: una investigación filosófica de la naturaleza y límites de la ciência*. Trad. Germán Guerrero Pinto. – Barriquilla: Ediciones Uninorte, 2002.

MISKOLCI, R. *Vivemos uma crise das identidades de gênero?* ANPOCS, 2005.

MISKOLCI, R e PELÚCIO, L. *Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre os travestis*. Revista Gênero (UFF), vol. 7, nº 2, p. 257-67, 2007.

MOTT, L. *A construção da cidadania homossexual no Brasil*. Espaço Aberto, Fev/Mar, 2005.

_____. *Homo-afetividade e direitos humanos*. Rev. Estud. Fem. v.14 n.2 Florianópolis maio/set. 2006.

MELLO, Luiz. *Novas Famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. Trad. De Anton. P Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendoça; revisão de Eunice Ribeira Durham. – 2 ed. – São Paulo: Abrail Cultura, 1978.

MARINHO, João. *Como combater o preconceito contra homens efeminados: como homens de verdade*. Disponível em www.acapa.com.br consultado em 26/2/09.

MACRAE, E. *Afirmção da identidade homossexual: seus perigos e sua importância*. [2007 ou 2008?].

_____. *Movimentos sociais e os direitos de cidadania dos homossexuais*. In: Trabalho, cultura e cidadania/ org. Ângela Maria Carneiro Araújo. – São Paulo, 1997.

_____. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. *A Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. *O Anticristo*. Lisboa Guimarães Editores, 2000.

_____. *Assim Falava Zaratustra*. Lisboa Guimarães Editores, 1994.

_____. *Crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo*. Hemus Editora Ltda., São Paulo, 1976.

_____. *Humano, demasiadamente, humano*. Cia das letras, São Paulo, 2000.

_____. *A genealogia da moral*. Editora Moraes, São Paulo, 1985.

_____. *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *A Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

POLLAK, Michael. “*A homossexualidade masculina ou: a felicidade no gueto?*” Em: ARIÉS, Philippe; BEJIN, André (orgs.). *Sexualidades Ocidentais – Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986, 2ed.

PERLONGHER, N. La desaparición de la homossexualidad. El Porterño nº 119, en noviembre de 1991.

_____. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PECHENY, M. *Identidades discretas*. ABIA, In: HOMOSSEXUALIDADE: produção cultura, cidadania e saúde. Orgs. Luís Felipe Rios, Vagner de Almeida, Richard Parker, Cristina Pimenta e Veriano Terto Jr. Rio de Janeiro, 2004.

PARKER, R. *Emponderamento Erótico e Cidadania Sexual para Homens que Fazem Sexo com Homens e Tribos Afins*. ABIA, In: HOMOSSEXUALIDADE: produção cultura,

cidadania e saúde. Orgs. Luís Felipe Rios, Vagner de Almeida, Richard Parker, Cristina Pimenta e Veriano Terto Jr. Rio de Janeiro, 2004.

PEREIRA, José Haroldo. *Curso básico de teoria da comunicação*. – 2ª Ed. – universidade editora, Rio de Janeiro, 2003.

PINHO, O. *A Guerra dos Mundos Homossexuais – resistência e contra-hegemonias de raça e gênero*. ABIA, In: HOMOSSEXUALIDADE: produção cultura, cidadania e saúde. Orgs. Luís Felipe Rios, Vagner de Almeida, Richard Parker, Cristina Pimenta e Veriano Terto Jr. Rio de Janeiro, 2004.

PLATÃO. *Fedro*. Texto integral, Martin Claret, São Paulo, 2001.

_____. *Banquete*. Texto integral, Martin Claret, São Paulo, 2002.

PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS*. São Carlos: UFSCar: 2007.

PETRÔNIO. *Satíricon*. Texto integral. Martin Claret, São Paulo, 2002.

RAGO, Margareth. *Globalização e Imaginário sexual, ou Denise está chamando*. Entretextos Entresexos, Campinas, n. 2, p. 81-96, out. 1998.

RIBEIRO, Marcos. *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde*. Editora Gente, São Paulo, 1999.

RIBEIRO, Thaíse. *Absolut (Gay) Vodka*. Disponível em <http://www.lineacom.com.br/blog/?p=38> consultado em 14/7/09.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.

ROBSON, P. *Ensaio sobre Ellis, Kinsey, Masters e Johnson: a modernização do sexo*. Civilização brasileira, 1977.

SABINO, Thales. *Anti-rótulo que rotula?* Disponível em <http://paroutudo.com/noticias/2007/07/04/anti-rotulo-que-rotula/> consultado em 31/5/09.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais de sociologia*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *A epistemologia do armário*. Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Richard Miskolci e Júlio Assis Simões. cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007:19-54

SILVA, Anderson Vicente da. *Viver a dois é a uma arte? Um estudo antropológico da homoconjugalidade masculina na região metropolitana do Recife*. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. Recife, 2008.

SILVA, Valdeci Gonçalves da. *A visibilidade do suposto passivo: uma atitude revolucionário do homossexual masculino*. Revista Mal-estar e subjetividade, Fortaleza, CE. Universidade de Fortaleza (UNIFOR), vol. VII, nº. 1, março de 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Da morte metafísica do amor. Do sofrimento do mundo*. Texto integral. Martin Claret, 2002.

SOUSA, J e ÖELZE, B (orgs). *Simmel e a modernidade*. Editora UnB. – 2ªed. – Universidade de Brasília, 2005.

TREVISAN, João S. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 5ª Ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

TRINDADE, Liana - LAPLANTINE, François. *O que é imaginário*. Brasiliense, 1996.

TIN, Louis Georges. *El rostro múltiple de la homofobia*. Letra S, 16 de maio de 2005.

WANG, May-Lin, JABLONSKI, Bernardo, MAGALHÃES, Andréia Seixas. *Identidades masculinas: limites e possibilidades*. Psicologia em Revista, (12, 19, 54-65), 2006.

WEBBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Texto integral, Martin Claret, 2001.

VIANNA, Adriana e LACERD, Paula. *Direitos e políticas sexuais no Brasil - o panorama atual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

VARELLA, D. *Estação Carandiru*. Cia das Letras, São Paulo, 2005.

Revista ISTO É. *Agora eu sou ex-gay: convertidos pelos evangélicos, travestis viram chefes de família*. Ed. 15 de outubro de 1997.

ZBOROWSKA, Lindinalva. *Onde fica a sua pinta?* Disponível em <http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=5758> consultado em 3/6/09.

VENGAY.COM. *Armario*. Disponível em <http://www.vengay.com/articulos/armario/htm> consultado em 10/6/09.

VALOIS, Fer. *O mito da bichona*. Disponível em <http://revistaladoa.com.br/website/artigo.asp?cod=1592&idi=1&moe=84&id=11124> consultado em 15/7/09.

Revista VEJA. *GAYS: O desafio de assumir a identidade sexual. Como eles e elas contam aos pais*. Editora Abril – edição 1636 – ano, 33 – nº 7, 16, fev. de 2000.

Revista SUPERINTERESSANTE. *Casamento gay: o Brasil nega 37 direitos fundamentais aos homossexuais: receber herança, somar rendas, ter dependentes... Isso está certo?* Abril, Ed. 202, julho de 2004.

_____. *Sexo: tudo que a ciência pode fazer para você sentir mais prazer [...] e a perigosa ditadura do prazer que pode emergir de tudo isso*. Ed. 189, junho de 2003.

Revista LADO A. *Coisas de mãe: aceitando o genro [gay] em casa*. Ed, 27. Jul/ago, 2009.

Revista A CAPA. *Família: juntando os trapos, meu filho é gay*. Ed. Nº 22/ maio de 2009.

_____. "As revistas gays são um negócio e não uma arte", diz Terry Richardson. Disponível em <http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=8288> consultado em 17/7/09.

_____. *Vodka Absolut homenageia 30 anos da bandeira gay*. Disponível em <http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=4694> consultado em 31/7/09.

Revista eletrônica COM CIÊNCIA de JORNALISMO CIENTÍFICO. *A gênese dos anormais*. Disponível em www.comciencia.com.br/comciencia/handler.ph consultado em 18/3/09.

Revista CULT. *Literatura gay: bandeira política ou gênero literário?* Nº 66, fev. de 2003.

Revista PLANETA. *Homossexualismo (sic): além das teias do preconceito*. Ed. 366 – ano 31 – nº 3. Março de 2003.

Revista EDUCAÇÃO E FAMÍLIA. *Sexualidade: pedofilia e homossexualidade*. Ed. 02, ano 1, editora Escala, s/d.

SANTOS, Elcio Nogueira dos. *Entre amores e vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês*. XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA 29 de maio a 1º de junho, UFPE, RECIFE, PERNAMBUCO. GT: GT 20: SEXUALIDADES, CORPORALIDADES, TRANSGRESSÕES. Maio/Junho de 2007.

UNIVERSO MIX. *O armário e a essência da natureza humana*. Disponível em <http://www.universomix.info/wp/colunas/22-03-2009/6797/> consultado em 9/6/09.

_____. *O armário e a solidão*. Disponível em <http://www.universomix.info/wp/colunas/26-04-2009/7466/> consultado em 9/6/09.

MIX BRASIL. *Gay Up: energético destinado a consumidores gays deve ser patrocinador principal de time de futebol espanhol.* Disponível em http://mixbrasil.uol.com.br/upload/noticia/5_118_74004.shtml. consultado em 21/8/09.

_____. *Guará gay é o nome do primeiro refresco gay produzido em escala industrial no Brasil.* Disponível em http://mixbrasil.uol.com.br/upload/noticia/4_151_73454.shtml consultado em 14/7/09.